



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO SOCIOECONÔMICO**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA

**PROPAGANDA E CONTRAPROPAGANDA:**

O Russia Today (RT) enquanto instrumento de *soft power* russo no contexto da guerra civil síria - uma análise da (re)tomada de Aleppo à luz da Diplomacia Midiática

Florianópolis

2019

João Francisco dos Santos Pereira

**PROPAGANDA E CONTRAPROPAGANDA: O Russia Today (RT) enquanto instrumento de *soft power* russo no contexto da guerra civil síria - uma análise da (re)tomada de Aleppo à luz da Diplomacia Midiática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Pereira Rezende

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, João

PROPAGANDA E CONTRAPROPAGANDA : O Rússia Today (RT) enquanto instrumento de soft power russo no contexto da guerra civil síria - uma análise da (re)tomada de Aleppo à luz da Diplomacia Midiática / João Pereira ; orientador, Lucas Rezende, 2019.

115 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Mídia. 3. Soft Power. 4. Rússia. 5. Síria. I. Rezende, Lucas. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

João Francisco dos Santos Pereira

**PROPAGANDA E CONTRAPROPAGANDA: O Russia Today (RT) enquanto instrumento de *soft power* russo no contexto da guerra civil síria - uma análise da (re)tomada de Aleppo à luz da Diplomacia Midiática**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado com nota 9,5 em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais.

Florianópolis, 03 de dezembro de 2019.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Lucas Pereira Rezende (Orientador)

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Miguel Borba de Sá

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Fred Leite S. Campos

Universidade Federal de Santa Catarina

*Aos cansados.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, sem os quais não estaria seja lá onde for.

Aos meus amigos do Campeche: Alexandre, Cesar, David, Igor, Iorhan. Sempre presentes.

Aos meus amigos que, no fim das contas, representam a melhor coisa que tirei da faculdade: Anderson, Caio, Jonathan, Sérgio e muitos outros.

A Carolina, pela ternura, paciência e carinho.

Ao Renato, pela amizade inusitada, profunda e que não seria possível fora da era da informação.

A Deus, a quem não agradeceria no início da graduação, mas a despeito dela agora o faço, apesar de tudo.

*“Mais de meio século atrás, quando eu ainda era criança, lembro-me de ouvir um número de pessoas mais velhas oferecerem a seguinte explicação para os grandes desastres que se abateram sobre a Rússia: Os homens se esqueceram de Deus, é por isso que tudo isso aconteceu.”*

*Desde então, tenho passado quase 50 anos estudando a história de nossa revolução. Durante esse processo, li centenas de livros, colecionei centenas de testemunhos pessoais e contribuí com oito volumes de minha própria lavra no esforço de transpor o entulho deixado por aquele levante. Mas se hoje me pedissem para formular da maneira mais concisa possível a causa principal da perniciosa revolução que deu cabo de mais de 60 milhões de compatriotas, não poderia fazê-lo de modo mais preciso do que repetir: ‘Os homens se esqueceram de Deus, é por isso que tudo isso aconteceu.’”*

*(Solzhenitsyn, 1983)*

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema o uso de veículos de mídia enquanto instrumento de poder no cenário internacional. Buscamos realizar uma análise de caso referente à emissora de TV russa de língua inglesa RT, focada no caso específico da tomada de Aleppo pelas forças de governo no contexto do conflito sírio; de forma a responder a pergunta de se a atuação russa no confronto, neste caso, em conjunto com a cobertura midiática do canal, configura um exemplo de o que Nye (2011) chama de *smart power* (uma conjunção inteligente de *hard e soft power*). O trabalho usa como base as contribuições teóricas de Nye, complementadas pelos desenvolvimentos da Escola de Diplomacia Midiática. Ao fim da pesquisa, concluímos que a atuação da emissora no conflito sírio configura um caso marcante de *soft power indireto*, assim como de *instrumentalização direta e/ou estatal* da mídia, de forma que a operação geral do Estado russo na tomada de Aleppo representa um exemplo emblemático de uma atuação de *smart power*.

**Palavras-chave:** Mídia. Rússia. Síria. Aleppo. Diplomacia Pública. Soft Power. Propaganda. Smart Power.



## ABSTRACT

The present work has as its theme the use of media vehicles as instruments of power on the international scene. We sought to perform a case study of the english language Russian TV network RT, focused on the specific event of the recapture of Aleppo by the Syrian government forces on the context of the Syrian conflict; looking to answer the question of 'if it is the case that the russian actions on the conflict, in this matter and in conjunction with the channel's media coverage, depicts an example of what Nye (2011) called *smart power* (an intelligent combination of *hard* and *soft power*). The research uses as it's theoretical foundation the works of Nye, complemented by the developments made by the American School of Media Diplomacy. At the end of the research, we concluded that the actions of russia on the Syrian conflict illustrate an outstanding case of indirect soft power, and of indirect instrumentalization and/or state media, so that the Russian state general operation on the Aleppo recapture represents an emblematic case of a *smart power* activity.

**Keywords:** Media. Russia. Aleppo. Media Diplomacy. Soft Power. Propaganda. Smart Power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O poder como recurso e como resultados comportamentais.....	20
Figura 2 - Três aspectos do poder relacional.....	22
Figura 3 - Soft Power: modelos causais diretos e indiretos.....	33
Figura 4 - Conversão de recursos de soft power em comportamento (resultados).....	34
Figura 5 - Localização de Tartus no mapa sírio.....	67
Figura 6 - Entrevista, reportagem nº.46.....	80
Figura 7 - Gráfico. Natureza das fontes.....	84
Figura 8 - Terminologias.....	85
Figura 9 - Gráfico. Terminologia direcionada à oposição.....	86
Figura 10 - Gráfico. Elementos de atração positiva e persuasão.....	87
Figura 11 - Gráfico. Avaliação final.....	88
Figura 12 - I'll Show you Soft Power!.....	89
Figura 13 - Gráfico. Círculos concêntricos.....	90

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. O PODER EM NYE.....</b>	<b>16</b>
2.1 INTRODUÇÃO.....	16
2.2 PODER.....	18
2.3 SOFT POWER.....	24
2.3.1 A DIPLOMACIA PÚBLICA EM NYE.....	34
2.4 SMART POWER.....	39
2.5 CONCLUSÃO.....	43
<b>3. A DIPLOMACIA MUDIÁTICA.....</b>	<b>44</b>
3.1 INTRODUÇÃO.....	44
3.2 CONSEQUÊNCIAS ESTRUTURAIS DA ERA DA INFORMAÇÃO.....	46
3.3 USOS POLÍTICOS DA MÍDIA PELO ESTADO.....	51
3.3.1 A DIPLOMACIA PÚBLICA EM VALENTE.....	52
3.3.2 A DIPLOMACIA INDIRETA NA MÍDIA.....	53
3.3.3 A DIPLOMACIA FEITA PELA MÍDIA.....	55
3.4 INSTRUMENTOS DE ATUAÇÃO DO ESTADO NA MÍDIA.....	57
3.4.1 INSTRUMENTALIZAÇÃO INDIRETA.....	57
3.4.2 INSTRUMENTALIZAÇÃO DIRETA.....	60
3.4.3 A MÍDIA ESTATAL E SEU DECLÍNIO.....	61
3.4.4 ESTABELECIMENTO DE AGENDAS EM VALENTE.....	62
3.5 CONCLUSÃO.....	63
<b>4. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA E A COBERTURA DO RT NA TOMADA DE ALEPPO.....</b>	<b>64</b>
4.1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	64
4.2 UM MAPEAMENTO GEOPOLÍTICO.....	65
4.3 A RÚSSIA NA ERA DA INFORMAÇÃO.....	71
4.4 O RT NA TOMADA DE ALEPPO.....	78
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>110</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os eventos embrionários que deram origem ao que posteriormente se tornou a guerra civil síria tiveram seu início a partir de 2011. Assumindo a forma de protestos acalorados de uma juventude anti-regime, rapidamente os eventos converteram-se de forma extremada, adquirindo a configuração de um conflito civil generalizado (MARTINI;YORK;YUNG, 2013). De acordo com Serwer (2012), o *Exército Livre da Síria* - grupo insurgente que teve suas origens em 2011 a partir de rebeldes internos das forças do governo (HOLLIDAY, 2012) - já em 2012 controlava algum território e atacava forças de segurança e instalações do governo. Atacantes desconhecidos já efetuavam uma série de atentados com bombas em escritórios governamentais e assassinavam figuras oficiais de defesa, enquanto armas já entravam no território sírio vindas da Rússia, que abastecia as forças do governo, e de países como Arábia Saudita e Qatar, que por sua vez forneciam suporte às forças opositoras do *Exército Livre da Síria* (SEWER, 2012). Em poucos anos o conflito já contaria com a participação de diversos outros atores (dos Curdos até o Estado Islâmico) e seria considerado a segunda guerra mais mortal do século 21, atrás somente da segunda guerra do Congo (RAY, 2018).

A intervenção militar russa direta no conflito (e não somente através de fornecimento de armamentos) teve início somente em setembro de 2015, com os primeiros ataques aéreos executados sob pedido do governo sírio (MCDONNEL;HENNIGAN;BULOS, 2015) e viria a se intensificar posteriormente com a inclusão de tropas terrestres. Ao fim de 2017, o governo de Bashar al-Assad, com o apoio Russo, havia retomado as cidade de Palmira, Aleppo e aumentado em mais de 400% a parcela de controle sobre o território sírio (MCDONNEL;HENNIGAN;BULOS, 2015). Ao fim de dezembro de 2017, o governo Russo declarou que suas tropas teriam base no território sírio permanentemente (Reuters, 2017).

A cidade de Aleppo seria um dos principais pontos de tensão da guerra, e a partir de 2016 quando as tropas do governo - auxiliadas pelas forças russas - iniciaram a retomada da cidade, o evento marcaria um ponto de inflexão central responsável por colocar o regime de Assad novamente na ofensiva. A retomada final da cidade a partir do final de dezembro daquele ano seria um dos principais momentos de um conflito que já dura 8 anos.

A intervenção russa e o conflito em geral contou com a cobertura de todos os grandes veículos de mídia de alcance global, mas o foco da presente pesquisa está na cobertura do Russia Today (RT), canal de televisão Russo, com transmissão em inglês e focado em

transmissões globais (RT, 2019). O canal é tido por oficiais e por parte substancial da mídia ocidental como um veículo de *propaganda*. Um exemplo de uma fonte oficial capaz de demonstrar tal postura é o relatório de 2017 emitido pelas agências de inteligência americana (FBI, CIA e NSA) e submetido à avaliação do congresso, onde estas fazem uma análise da influência russa no processo eleitoral americano de 2016; sete páginas das quatorze do documento são dedicadas exclusivamente à emissora. A palavra *propaganda* é repetida no documento exaustivamente, e sempre relacionada a esforços deliberados do Kremlin. Outro documento oficial pertinente é o *briefing* redigido por Martin Russell e submetido à apreciação do parlamento europeu em outubro de 2016, onde este apresenta a seus colegas de parlamento, já no título do documento, um questionamento sobre se a *guerra informacional* russa seria um esforço propagandístico ou de contrapropaganda (EPRS, 2016). O documento apresenta doutrinas de defesas oficiais, tais como a definição de guerra informacional do Ministério de Defesa russo, definida como:

[...] uma luta entre dois ou mais estados[...] para desestabilizar uma sociedade e um estado através de condicionamento psicológico em massa da população, e também para pressionar um estado a tomar decisões que estejam no interesse do oponente. (EPRS, 2016, p.6, tradução nossa)

Tal definição condiz com as declarações russas acerca da influência midiática americana contidas na Estratégia de Segurança Nacional de 2015, segundo a qual os Estados Unidos e aliados estariam exercendo pressão informacional com o objetivo de preservar sua dominância e impedir a nação russa de perseguir e formular políticas externas independentes (RNSS, 2015). O documento termina concluindo que a informação russa segue tipicamente uma postura agressiva e não defensiva, procurando denegrir países vistos como adversários, tanto através da emissora RT quanto por um suposto “*exército de trolls russos*” (EPRS, 2016, p.4, tradução nossa).

Diversos autores, tanto de Relações Internacionais quanto da sociologia e da área de comunicação e jornalismo, teorizaram acerca do papel da mídia na construção de narrativas e sua capacidade de atração e convencimento, mas no que tange à atuação de veículos de mídia enquanto instrumentos ativos de promoção e atuação de política externa, são poucas as escolas de pensamento que formularam postulados cristalizados capazes de esclarecer o fenômeno de forma satisfatória - um dos poucos autores a criar um instrumental teórico geral capaz de ser aplicado na questão foi Nye - ao autor é atribuída a criação e consolidação da

noção de *Soft Power* (em português *poder brando* ou *poder suave*) dentro do campo das Relações Internacionais - ao conceito o autor confere a definição de um poder por atração, em oposição ao poder por coerção do tradicional *Hard Power* (NYE, 2004; NYE, 2011). Para o autor, esse poder se manifesta através da influência cultural e ideológica, possuindo diversos meios através do qual se aplica - intercâmbios educacionais, cinema, TV, literatura e também a mídia (NYE, 2004; NYE 2011). Apesar de não citar o RT em nenhuma de suas obras principais, Nye (2011) chama atenção, em alguns pontos, para outros veículos de mídia como exemplos de implementação de *soft power*; é o caso do *Al Jazeera* no Qatar, e da *Xinhua* na China (NYE, 2011). Outro conceito importante, esclarecido mais profundamente em sua publicação de 2011, é a ideia de *Smart Power*, que seria o uso inteligente dos instrumentos disponíveis de *soft power* em conjunto com os recursos e aplicações do *hard power* tradicional, como, cada vez mais, receita necessária para a realização de políticas externas efetivas (NYE, 2011).

Posteriormente e concomitantemente a Nye - e influenciados por este, que já na década de 80 utilizava o conceito de *soft power* - outros acadêmicos foram responsáveis pelo desenvolvimento mais localizado de um campo de estudo de Relações Internacionais voltado à análise da mídia tanto enquanto ator atuante quanto como ferramenta de política externa. Autores como Rothkopf e Gilboa, dentre outros, fazem parte e são responsáveis por desenvolver uma área de estudo voltada para o entendimento da política externa na era da informação; área que deu origem a uma escola identificável de pensamento que foi, segundo Valente (2007), sistematizada pelos americanos e portanto aqui chamada de Escola Americana de Diplomacia Midiática. A área de estudo cruza caminhos com o campo da diplomacia pública e tem como finalidade explícita compreender o papel de atuação da mídia nas Relações Internacionais (VALENTE, 2007). Trabalhando com base nas noções e terminologias de Nye, a Diplomacia Midiática constrói a partir destes entendimentos particulares ao campo da mídia, e fornece uma base teórica que, em se tratando do tema, fornece uma luz importante ao entendimento do fenômeno.

Tendo em vista a problemática geral relativa ao conflito sírio - mais especificamente a intervenção Russa - caberia, possivelmente, uma análise aprofundada acerca da cobertura do RT na guerra da Síria, tendo como base os preceitos teóricos de Nye, sob a luz da diplomacia midiática. Podemos nos questionar se estaria a Rússia fazendo uso dos conceitos e instrumentais descritos por Nye, através da atuação do RT, com a finalidade de defender seus interesses no Oriente Médio. Posto de outra forma, de que maneira a teoria pode explicar a prática neste caso concreto, e teria sido a Rússia capaz de implementar eficientemente uma

estratégia de *smart power* ao combinar a intervenção militar cinética com o *soft power* de uma cobertura midiática?

Desta forma, reconhecendo a natureza emblemática da tomada de Aleppo e sua importância para o sucesso sírio e russo no contexto geral do conflito, buscaremos focar nossa investigação na atuação do RT no que tange somente à tomada de Aleppo, e daí extrair, na medida do possível, conclusões mais gerais. Desta forma, buscaremos levantar, nos primeiros dois capítulos, um corpo teórico sólido, capaz de guiar o processo investigativo focado na tomada de Aleppo – no capítulo final, analisaremos a cobertura jornalística da emissora sobre o evento, em uma fatia de tempo específica, a partir das determinações e exigências teóricas levantadas nos primeiros capítulos.

## 2. O PODER EM NYE

### 2.1 INTRODUÇÃO

No prefácio de seu livro em 2004, Nye (2004) chamou atenção ao fato de que, muito embora os Estados Unidos houvessem em 2003, através de seu poder militar *duro* no Iraque, removido um ‘ditador’ do poder, tal ação custou caro em termos de *soft power*. Pesquisas de opinião do *Pew Research Center* demonstraram um declínio acentuado da popularidade dos Estados Unidos após 2003, mesmo em países cujo governo havia provido suporte aos esforços militares americanos - a queda teria sido ainda mais dramática em países muçulmanos (NYE, 2004). Este vácuo de *soft power* criado após 2003 seria um atestado da importância da manutenção de uma imagem positiva da nação em relação a países cujos esforços e apoio seriam fundamentais para os objetivos americanos de combate ao terrorismo, como Marrocos, Turquia e o sudeste asiático em geral (NYE, 2004). Parece claro que uma imagem e percepção negativas das políticas externas americanas afetam diretamente a capacidade do país de operar política e militarmente em áreas de seu interesse - não seria imoderado assumir, ao menos como hipótese, que o *vácuo de soft power* deixado pelos EUA no Oriente Médio após a guerra do Iraque em 2003 houvesse incapacitado o país, em algum nível, de agir com liberdade na Síria a partir de 2012, levando Washington a recorrer exclusivamente ao apoio armado e treinamento militar de grupos rebeldes: afinal, o país viria a gastar, até agosto de 2017, mais de 1 bilhão de dólares em operações secretas de apoio aos grupos insurgentes (MAZZETTI;GOLDMAN;SCHMIDT, 2017). No prefácio de seu livro de 2011 Nye viria a retomar a importância do *soft power* como recurso de poder americano, ao citar o Secretário de Defesa Robert Gates:

[Robert Gates] havia recomendado que o governo dos Estados Unidos investisse mais dinheiro e esforços nos instrumentos de poder brando, incluindo a diplomacia, a ajuda econômica e as comunicações, porque os militares sozinhos não conseguiriam defender os interesses da América no mundo todo. (NYE, 2011, p.9)

Curiosamente, Nye (2011) cita a Rússia como exemplo de um país focado excessivamente em seu *hard power*, declarando que este deseja impressionar o mundo com sua superioridade militar, ao mesmo tempo em que exemplos como o caso da invasão da Geórgia provam a *irrelevância* do *soft power* russo e a predominância do *hard power* militar - o caso teria, de acordo com o autor, ligação direta com a mudança de posição da Polônia, que



era até então resistente à instalação, em seu território, de um sistema de mísseis antibalísticos americano (NYE, 2011). Nye (2011) contrapõe a postura russa com o percebido sucesso chinês em termos de *soft power* naquele mesmo ano, através da realização bem-sucedida dos Jogos Olímpicos. A Rússia viria, interessantemente, a hospedar as olimpíadas de inverno no ano de 2014, na cidade de Sochi (AUGUSTYN, 2014), em um evento que viria a ser ofuscado por tensões com o ocidente em decorrência de um dos acontecimentos de maior tensão geopolítica desde a guerra-fria: a anexação da Crimeia, que se seguiu após uma mudança de regime brusca e violenta na Ucrânia (HUTCHINGS et al, 2015). Hutchings et al. (2015) viriam a realizar um estudo sobre as interações dos canais de TV Russia Today (RT) e BBC com suas audiências durante a cobertura dos eventos, com conclusões não tão sutilmente críticas acerca da cobertura do canal russo, com referências simultâneas à pretensa imparcialidade do canal britânico:

Em contraste, não impedidos pelos requerimentos de estabelecer princípios jornalísticos, a abordagem do RT à esta transição foi a de atacar emissoras competidoras por suas pretensões de **reportar de maneira imparcial** e apresentar o que eles descrevem como um estilo de emissora alternativo, mais autêntico, mais verdadeiro mas **conspiracional**. Desta forma, o RT jogou o jogo de ‘*soft power*’ sob um conjunto diferente de regras. (HUTCHINGS et al., 2015, p.653, tradução nossa, grifo nosso)

Tais assertivas reforçam tanto a importância da ideia e da prática de *soft power* quanto o fato de que os líderes e tomadores de decisão a nível de Estado, assim como o corpo acadêmico, estão plenamente conscientes deste campo de atuação de política externa - por mais que também estejam dispostos, vez ou outra, a recorrer a tentativas de deslegitimação quando não é ‘o seu soft power’ o alvo de análise. ‘*Minha propaganda é soft power, e seu soft power é propaganda*’, pode ser usado como um ditado emblemático.

Independente de quaisquer conjecturas, a importância do conceito usado pela primeira vez por Nye na década de 80 é notável, mas exige esclarecimento aprofundado - não somente quanto à pergunta “o que é *soft power*?” mas quanto à pergunta preliminar “o que é *poder*?”. Neste capítulo buscaremos apresentar o marco teórico de Nye, sua concepção de poder, *soft power* (que pode ser descrito, em resumo, como poder de atração e persuasão) e também *smart power*, uma combinação inteligente de *soft power* com *hard power* tradicional. Um entendimento claro acerca das ideias de poder relacional, estratégias de conversão, e variáveis de *smart power* apresentadas neste capítulo é fundamental para qualquer estudo que busque investigar a possível instrumentalização de uma instituição de mídia como elemento de *soft*

*power* de política externa.

## 2.2 PODER

“*Poder é como o clima. Todos dependem dele e falam a respeito, mas poucos o entendem.*”, (NYE, 2004, p.17, tradução nossa), é uma das frases iniciais usadas por Nye ao iniciar a defesa de suas definições acerca da ideia de poder. “*Assim como fazendeiros e meteorologistas tentam prever o tempo, líderes políticos e analistas tentam descrever e prever mudanças em relações de poder.*” (NYE, 2004, p.17, tradução nossa). Muito embora o senso comum seja capaz de prover um suporte conceitual suficiente para a retórica política e o campo da atuação jornalística, um contexto acadêmico exige, naturalmente, maior rigor conceitual. Segundo Nye (2004), o poder é como o amor, mais fácil de experienciar do que compreender, e ainda assim tão real quanto. Mas assim como na psicologia demanda-se maior rigor intelectual no que tange aos afetos humanos, no campo das Relações Internacionais não poderíamos trabalhar com a ideia de *soft power* sem antes estabelecer as premissas teóricas da categoria mais geral de poder.

Partindo das categorizações mais gerais de “*a habilidade de obter os resultados desejados*” (NYE, 2004, p.17, tradução nossa), e a definição do dicionário “*ter as capacidades para afetar o comportamento de outros para fazer com que estes [resultados desejados] aconteçam*” (NYE, 2004, p.17-18, tradução nossa), Nye reconhece o elemento de influência comportamental de terceiros imbuído na definição corrente, mas vai além, questionando acerca de um equívoco comum: o de confundir poder com os recursos que o produzem. Nye (2004) chama atenção para o fato de que questionamentos comportamentais e definições aprofundadas são vistas com dificuldade tanto por políticos quanto por pessoas comuns, o que talvez justifique a necessidade de uma definição mais objetiva, mensurável e portanto palatável - o poder passa a ser então não a capacidade de moldar o comportamento de outros rumo a resultados desejados, mas sim os elementos em termos de recursos que carregam a potencialidade de produzir tais resultados: uma grande população, um grande território, recursos naturais abundantes, força econômica, militar e estabilidade social (NYE, 2004). Mas o autor observa que “*quando as pessoas definem poder como sinônimo dos recursos que o produz, por vez encontram o paradoxo de que aqueles mais bem dotados de poder não sempre obtém os resultados que desejam.*” (NYE, 2004, p.18, tradução nossa). Essas problemáticas sugerem um elemento de ligação entre a capacidade material e a realização - ou seja, não deve-se levar em conta somente as capacidades materiais, mas a

capacidade de conversão destes recursos materiais mensuráveis em resultados condizentes com um interesse estabelecido.

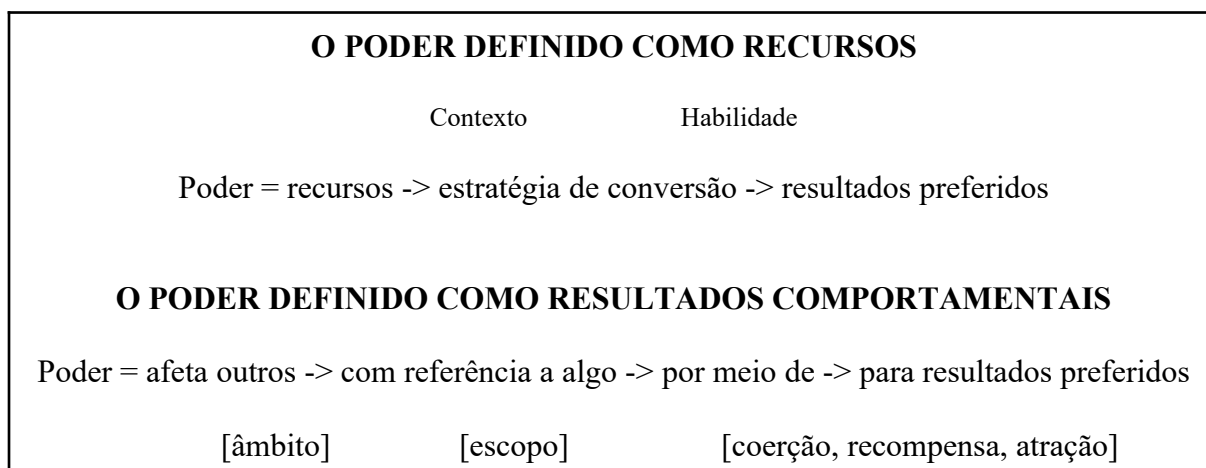
É compreensível que em uma área de estudo onde a guerra, durante a maior parte da história, foi o objeto fundamental, busque compreender as relações dos Estados em termos de força bruta militar e econômica, mas em um número cada vez maior de questões no século XXI guerra não é necessariamente ‘a medida de todas as coisas’, e qualquer tentativa de formular um índice único de poder está condenada ao fracasso (NYE, 2011) - segundo o autor, o poder depende de relacionamentos, circunstâncias e contextos. A tendência a interpretar o poder somente como recursos é crítica em um mundo onde visibilidade, ações teatrais e capacidade de produzir reações excessivas através de narrativas se torna cada vez mais um corpo e fonte reconhecida de poder - o maior exemplo talvez seja a Al Qaeda e o terrorismo em geral (NYE, 2011). Tais aspectos de poder não podem ser mensurados de acordo com as métricas padrões, de forma que um referencial teórico de sofisticação particular é necessário, mas não impossível.

Muito embora possamos mensurar poder econômico em termos de mercado ou poder de compra, e poder militar em termos recursos de guerra, não existe um padrão que resuma todos os relacionamentos de poder em todos os contextos de forma a produzir de maneira fidedigna um mapa relacional de poder global (NYE, 2011). As definições teóricas sobre poder precisam levar em conta não somente capacidade de conversão, mas também o contexto de entendimento. “*Possuir uma mão vencedora de poker não ajuda de nada em um jogo de bridge.*” (NYE, 2004, p.18, tradução nossa).

Os recursos do poder são simplesmente as matérias-primas tangíveis e intangíveis ou os veículos que sustentam os relacionamentos de poder, e se determinado conjunto de recursos produz resultados preferidos ou não depende do comportamento no contexto. O veículo não é o relacionamento de poder. Saber a potência e a quilometragem de um veículo não nos diz se ele vai chegar ao destino preferido. (NYE, 2011, p.30)

Ou seja, o mapa de compreensão das relações de poder exige maior atenção. Essas considerações levaram Nye a uma distinção teórica fundamental: o poder pode ser compreendido em dois níveis, *a)* como *recursos* e *b)* como *resultados comportamentais*.

**Figura 1.** O poder como recursos e como resultados comportamentais.



Fonte: Nye, 2011, p.31.

A mudança de foco entre a concepção mais corrente (recursos) e a concepção de Nye (resultados) é mais profunda do que se entende de início. A segunda definição exige maior atenção ao contexto e à estratégia - estratégias de conversão passam a ser uma variável fundamental. *“As estratégias que relacionam os meios, e aquelas que combinam com sucesso os recursos de poder duro e brando em diferentes contextos são a chave para o poder inteligente.”* (NYE, 2011, p.32). Em conclusão, uma estratégia de política externa não pode ser compreendida em termos teóricos sérios enquanto uma combinação de atração e coerção sem a sofisticação contextual de um modelo conceitual de poder tal como o apresentado por Nye - que seja capaz de levar em conta todos os aspectos e instrumentais capazes de converter os recursos em resultados, ou seja, capaz de mapear o poder em termos de *estratégias*, e não meramente em termos de elementos quantitativos. Sem esta concepção, instrumentos de atração e persuasão ficam em segundo plano e são ignorados pelo campo das Relações Internacionais.

O poder relacional (ou poder definido como resultados comportamentais), no mais, deve ser compreendido em três níveis, ou através de três aspectos chave: o *comando de mudança*, o *controle das agendas* e o *estabelecimento de preferências*. Leslie Gelb define poder como *“conseguir que pessoas ou grupos façam algo que não querem fazer”* (GELB, 2009, p.28), mas esta é, de acordo com Nye (2009), uma abordagem restrita e que pode conduzir a erros. Gelb nos dá uma definição bastante próxima do senso comum, mas a capacidade de controlar e modificar o comportamento de outros agentes contra um conjunto de preferências iniciais é uma das dimensões do poder relacional, mas não a única (NYE, 2011) - Gelb basicamente se refere ao aspecto de comando de mudança, mas as relações de

poder são também estabelecidas em termos que podem ser descritos de forma mais precisa pelos outros dois aspectos, e em muitas aplicações analíticas estes talvez sejam até mais importantes. O primeiro aspecto deriva das definições de Dahl - é a face do poder que se concentra na capacidade de fazer com que outros ajam contra sua preferência - é o aspecto descrito por Leslie Gelb, e o que mais se aproxima do sentido geral e corrente (NYE,2011). Já o aspecto do estabelecimento de preferências diz respeito à capacidade de modificar as preferências de outros agentes (e não somente forçá-los a fazer o oposto), de forma que eles queiram o que você deseja que eles queiram. Nye (2011) cita Dwight Eisenhower, que referiu-se a este aspecto do poder como a capacidade de *“conseguir que as pessoas façam algo ‘não só porque você lhes disse para fazê-lo, mas porque elas instintivamente querem fazê-lo para você’* “ (NYE, 2011, p.32). Tal concepção de poder não necessariamente passa por um procedimento de diálogo, o processo de modulação de interesses pode ocorrer de forma velada ou tácita, de maneira que os agentes passivos talvez nem se deem conta que suas preferências se devem a um conjunto de ações de poder deliberadas.

O terceiro aspecto do poder relacional foi desenvolvido na década de 60, após Dahl ter produzido sua definição amplamente aceita (NYE, 2004). Tão importantes quanto os aspectos de comando de mudança e estabelecimento de preferências, o aspecto de ajuste e regulação da agenda deriva de trabalhos desenvolvidos por Peter Bachrach e Morton Baratz (NYE, 2004).

Dahl ignorou a dimensão do ajuste e da regulação da agenda. Se as ideias e as instituições podem ser usadas para ajustar a agenda para a ação de uma maneira que faça as preferências dos outros parecerem irrelevantes ou fora dos limites, talvez jamais seja necessário pressioná-los. Em outras palavras, pode ser possível moldar as preferências dos outros afetando suas expectativas do que é legítimo ou factível. O ajuste da agenda se concentra na capacidade de manter as questões fora da mesa de negociação (NYE, 2011, p.34)

Os atores mais poderosos, ou seja, aqueles com maior capacidade de estabelecer a agenda, podem ser capazes de ditar os termos do jogo e posicionar o tabuleiro de forma que aqueles menos poderosos jamais sejam sequer capazes de se colocar em uma posição legítima de negociação (NYE, 2011), seja por impossibilidade de acesso ou por suas demandas serem consideradas demasiado fora do tolerável.

É interessante observar que, muito embora a primeira face do poder (comando de mudança), seja objetiva e diretamente coercitiva, as outras duas (estabelecimento de preferências e controle de agendas) possuem um aspecto mais estrutural, em especial no que tange ao controle de agendas (NYE, 2004) - neste último caso, a construção da agenda é

muitas vezes cristalizada através de instituições e costumes, cuja deflexão representaria necessariamente um motivo de constrangimento ou até mesmo sanções - um bom exemplo talvez seja a política financeira internacional (NYE, 2011). Tais considerações nos apresentam uma série de manifestações de poder veladas, cujo mapeamento é consideravelmente mais difícil e que geralmente não são levadas em consideração por analistas, políticos e, principalmente, jornalistas. Enquanto o aspecto do poder de comando carrega uma relação mais forte com o que se entende por *hard power* (muito embora os três aspectos sejam intercambiáveis em algum nível), os segundo e terceiro possuem uma afinidade maior com o *soft power* - são meios de atuação cooptativos, de atração e persuasão.

Alguns teóricos têm chamado essas formas de faces públicas, ocultas e invisíveis do poder, refletindo os graus de dificuldade do alvo em descobrir a fonte do poder. A segunda e a terceira faces incorporam aspectos do poder estrutural. Uma estrutura é simplesmente um arranjo de todas as partes de um todo. Os humanos estão incorporados em estruturas complexas de cultura, relações sociais e poder que os afetam e constroem. O campo de ação de uma pessoa é “delimitado por atores com quem ela não tem interação ou comunicação, por ações distantes no tempo e no espaço, por ações das quais ela não é, em nenhum sentido explícito, o alvo.” Alguns exercícios de poder refletem as decisões intencionais de atores particulares, enquanto outros são o produto de consequências inesperadas e forças sociais maiores. (NYE, 2011, p.36-37)

**Figura 2.** Três aspectos do poder relacional

**PRIMEIRA FACE:** A usa ameaças ou recompensas para mudar o comportamento de B contra as preferências e estratégias iniciais deste. B sabe disso e sente o efeito do poder de A.

**SEGUNDA FACE:** A controla a agenda das ações de uma maneira que limita as escolhas de estratégias de B. B pode ou não saber disso e estar consciente do poder de A.

**TERCEIRA FACE:** A ajuda a criar e moldar as crenças, percepções e preferências básicas de B. É improvável que B tenha consciência disso ou entenda o efeito do poder de A.

**Fonte:** Nye, 2011, p.36.

Quaisquer reflexões que levem em conta a criação de “narrativas” e a manifestação de um poder, mesmo que auxiliar, através do discurso (como é o caso da mídia), não somente envolvem necessariamente aspectos velados de poder, tais como os descritos pelas considerações teóricas apresentadas por Nye, mas também motivos teóricos de natureza estruturais, capazes de desvendar vetores de força tácitos e ocultos em conformações institucionais.

Por fim, a concepção de poder relacional, para além de aclarar a ligação entre recursos e resultados, exige a descrição destes enquanto relacionados a objetivos - no caso de Nye, os objetivos podem ser concebidos enquanto *específicos* e enquanto *gerais* ou *estruturais* (NYE, 2011), sendo que uma política externa pode abarcar tanto um quanto outro. Enquanto objetivos específicos se referem a estratégias localizadas e medidas de política externa particulares, os objetivos estruturais são de natureza mais abrangente, abarcam múltiplas medidas interligadas e dispersas no espaço e no tempo - enquanto a negociação de uma possível adesão de um país particular a um bloco federalista é uma medida localizada e um objetivo específico, a manutenção e expansão da agenda geopolítica que é razão existencial do bloco em questão é o objetivo estrutural ou geral. Nye (2011) cita Arnold Wolfers ao discorrer sobre a susceptibilidade de alguns objetivos a aspectos específicos do poder - Wolfers distingue entre objetivo de controle (objetivos distinguíveis e específicos) e objetivos intermediários.

[...] o acesso aos recursos ou direitos de base ou um acordo comercial é um objetivo de controle, enquanto a promoção de um sistema comercial aberto, mercados livres, democracia ou direitos humanos é um objetivo intermediário. Na terminologia usada anteriormente, podemos pensar em estados que têm objetivos específicos e objetivos gerais ou estruturais. (NYE, 2011, p.39)

Nye (2011) segue discorrendo sobre o tema, e acaba por fazer o que poderia ser, indiretamente, mais uma defesa contundente da legitimidade conceitual e aplicabilidade da ideia de *soft power* - o autor diz que concentrar-se apenas no poder de comando conduz a uma miopia e ao erro ao buscar a realização de objetivos mais estruturais. Nye (2011) cita o caso da política geral de promoção da democracia, e diz que os meios militares, isoladamente, produzem menos sucesso do que quando combinados com os recursos de *soft power*. Já políticas de *soft power* (de outra forma, ações de poder de estabelecimento de preferências e controle de agenda) podem realizar tanto objetivos localizados quanto estruturais, “*um país pode tentar atrair outros mediante ações como a diplomacia pública, mas pode também atrair outros mediante os efeitos estruturais de seu exemplo*” (NYE, 2011, p.39). A reflexão cuidadosa sobre esses aspectos é fundamental na prática de o que Nye (2011) chamará, adiante, de *smart power*, conceito medular para as contemplações da presente pesquisa e que segundo o autor foi central para o sucesso americano no pós-Segunda Guerra, um motivo que talvez tenha relação com a posição estrutural assumida por países alheios ao eixo hegemônico encabeçado pelos EUA, noção também de importância para a presente pesquisa. A partir de tais considerações sobre poder, podemos partir para uma compreensão mais clara de o que

Nye compreende como *soft power*.

### 2.3 SOFT POWER

Nye por vezes não mede esforços ao comparar o desenvolvimento da relevância do *soft power* enquanto prática e conceito, com o desenvolvimento da democracia enquanto sistema político cada vez mais predominante. Já na década de 20, Harold D. Lasswell chamou atenção para o papel da capacidade cooptativa no discurso político em países democráticos: “*A democracia proclamou a ditadura da palavra, e a técnica de ditar ao ditador é chamada propaganda.*” (LASSWELL, 1927, p.631, tradução nossa). O termo *propaganda*, atualmente, é por vezes usado como nada mais que uma versão pejorativa de o que poderia ser descrito, em muitos casos, como *soft power*, ou poder por atração. Em certo sentido, a realização da capacidade de cooptação enquanto intrínseca à sobrevivência em um mundo democrático demonstrada por Lasswell é em certa medida análoga à realização de Nye de que “*líderes em países autoritários podem usar da coerção e emitir comandos, políticos em democracias devem contar mais com uma combinação de persuasão e atração.*” (NYE, 2004, p.21). Persuasão e atração são, em resumo, a essência do *soft power*. Enquanto o *hard power* age através da coerção e comando (em essência comando de mudança)<sup>1</sup>, o *soft power* diz respeito à atração, convencimento, persuasão e, em certa medida, narrativas (em essência, estabelecimento de preferências e controle de agenda).

Uma maneira interessante de conceber a diferença entre *soft power* e o *hard power* tradicional é pensar nas diferentes formas de se obter resultados desejados - pode-se usar a força, o comando, a pressão militar, pode-se restringir preferências através de constrangimentos institucionais, ou pode-se apelar para a atração, o dever, e relacionamentos entendidos nestes termos (NYE, 2004). Uma analogia teórica feita por Nye (2004) para explicar o lado muitas vezes mais velado do *soft power* é a comparação com a noção econômica clássica de Adam Smith: da mesma forma que os consumidores interagem com uma ‘mão invisível’ ao tomar decisões no mercado, nossas decisões no ‘mercado de ideias’

<sup>1</sup>É importante lembrar que, muito embora *hard power* e *soft power* estejam ligados em essência a categorias específicas da concepção de poder relacional usada por Nye, eles são em certa medida intercambiáveis. Nye é claro em seus comentários sobre a capacidade do poder econômico e militar de gerar tanto atração (*soft power*) quanto comando (*hard power*). Um país pode atrair através do poder de seu exército e da exuberância de sua economia. Essas relações intercambiáveis são descritas de forma dispersa ao longo das considerações de Nye acerca dos “três poderes”; militar, econômico, e brando, entre a pag. 49 e pag.148 de *The Future of Power*.



frequentemente são guiadas por *soft power*, muitas vezes através de uma atração intangível que nos persuade a seguir objetivos de terceiros, sem que estes tenham de recorrer a ameaças. Em outras palavras, o que o autor tenta demonstrar é que o *soft power*, embora possa ser manifesto através de políticas mais localizadas, muitas vezes assume a forma de conformações ideológicas gerais, que estão presentes em diversas instâncias e em múltiplos níveis - a declarada liberdade e democracia do mundo liberal, a oportunidade representada e subentendida na cultura e imagem americana, são aspectos culturais-ideológicos que representam de forma essencial o *ethos* que fundamenta o *soft power* dos Estados Unidos; é a justificativa que provê sustentação a diversas medidas de política externa americana, ao menos enquanto um pilar justificatório.

Uma intervenção militar ou invasão pode muito bem ser legítima aos olhos de um mundo liberalmente inclinado quando o objetivo não é declaradamente econômico ou geopolítico, mas pretensamente promotor de ideais democráticos e de contenção da tirania e autoritarismo - assim como até mesmo, mais especificamente, da promoção de direitos humanos. Uma política externa de *hard power*, desta forma, se torna muito mais sólida quando respaldada pela capacidade das instituições culturais, acadêmicas, midiáticas e populares de, concomitantemente, promover um ambiente de reafirmação destes ideais enquanto guias da ação de comando - substitui-se as motivações frias e maquiavélicas de alguma noção estratégica de controle geopolítico, interesse econômico e promoção ou manutenção de determinada conformação na balança de poder, pela imagem atrativa de um dever a ser cumprido sobre valores pretensamente universais - em certa medida, o *soft power* tem como objeto o entendimento de política externa do homem comum, domesticamente ou externamente, em contraposição ao entendimento acadêmico, que tenta apresentar e compreender os jogos de poder em termos de balança de poder, competição por recursos, etc.

É evidente que não se ataca aqui a legitimidade de qualquer ideário particular, ou até mesmo a capacidade de um corpo de valores específico de fato motivar determinada medida de política externa (se fossemos negar totalmente motivações de cunho valorativo, negaríamos necessariamente e na mesma medida a própria efetividade do *soft power* enquanto ferramenta e concepção); mas nos parece evidente que, independente da motivação ou conjunto de interesses, velados ou não, que levam a uma medida de política externa, esta sempre encontrará uma solidez especial quando acompanhada de um complexo justificatório de *soft power*. No fim, “*Quando países tornam seu poder legítimo aos olhos de outros, eles encontram menos resistência a seus desejos.*” (NYE, 2004, p.25, tradução nossa).

**Tabela 1.** Hard Power e Soft Power

	Hard	Soft
Spectrum of Behaviors	Command ← coercion ← inducement	agenda setting → attraction → Co-op
Most Likely Resources	force sanctions	payments bribes
		institutions culture
		values policies

Fonte: Nye, 2004, p.23.

Os valores que um governo defende através de seu comportamento doméstico (por exemplo, democracia), em instituições internacionais (trabalhando com outros), e política externa (promover a paz e direitos humanos) afetam fortemente a preferência de outros. (NYE, 2004, p.29)

Quanto à prática do *soft power* pelos Estados, Nye (2011) diz que é mais difícil do que pode de início parecer: o resultado é demorado, portanto o retorno pelo investimento requer paciência, e o sucesso depende em grande medida do controle do alvo, mais do que no caso do *hard power* (NYE, 2011). Uma grande parcela de recursos de *soft power* não estão sob controle direto do Estado, mas dispersos ao longo da sociedade civil e incorporados em instituições privadas. E segundo o autor, o *soft power* é “*mais difícil de usar, fácil de perder e difícil de restabelecer*” (NYE, 2011, p.118). Mas um dos motivos mais importantes pelo qual a prática é difícil é relativo à própria prática em si: *soft power* diz respeito em grande medida à credibilidade e legitimidade, e quando um governo é percebido como manipulador e propagandista (ou seja, quando se entende que a informação e o *soft power* possuem uma característica instrumental), a credibilidade é por vezes destruída (NYE, 2011). Como já explicado, o *soft power* muitas vezes assume forma estrutural, e muitas vezes a formulação de preferências ocorre sem conhecimento do agente passivo - parece ser necessário que ocorra de tal forma, pois a própria ideia de instrumentalização da informação que está embutida, em certo nível, na noção teórica do conceito é danosa à credibilidade. Em certa medida, parece que assim como os Estados devem esforçar-se para fazer crer que seu *soft power* não é propaganda, eles devem esforçar-se para fazer crer que seu *soft power* não é *soft power*. É curiosa a observação de Nye de que “*A melhor propaganda é a não propaganda*” (NYE, 2011, p.118), pois em certa medida, o melhor *soft power* é aquele que não é entendido como *soft power*. Essas observações demonstram a dificuldade do uso do recurso pelos Estados. Enquanto uma invasão militar e uma sanção econômica, embora difíceis em planejamento, ocorrem de forma relativamente fácil quando da prática, *soft power* requer níveis equivalentes

e até maiores de planejamento, assim como a mesma dificuldade na prática. Mas difícil não é impossível.

O *soft power* de um país baseia-se basicamente em três fontes: cultura, valores políticos e políticas externas (NYE, 2011). A cultura só é eficiente enquanto recurso em locais onde ela é atrativa; os valores políticos só representam um recurso efetivo quando são seguidos interna e externamente pelo país; e as políticas externas só representam *soft power* na medida em que são vistas como legítimas e possuindo autoridade moral (NYE, 2011).

[essas] condições [...] são fundamentais para determinar se os recursos potenciais do poder brando se traduzirão no comportamento de atração que pode influenciar os outros na direção de resultados favoráveis. Com o poder brando, o que o alvo pensa é particularmente importante, e os alvos importam tanto quanto os agentes. A atração e a persuasão são socialmente construídas. O poder brando é uma dança que requer parceiros. (NYE, 2011, p.119)

O surgimento de evidências de que soldados americanos estavam praticando maus tratos de prisioneiros, assim como a dificuldade americana em encontrar indícios contundentes que comprovassem em definitivo a existência de armas de destruição em massa nos armazéns iraquianos depois de 2003, são exemplos perfeitos de que a credibilidade e a prática doméstica e externa de valores políticos são de extrema importância (NYE, 2004; NYE, 2011).

Enquanto recursos, o *soft power* pode manifestar-se não somente através de valores culturais e políticos, tais como os citados acima, mas o próprio poder militar pode ser uma fonte (NYE, 2011). “*Um poder militar forte pode ser uma fonte de atração, e a cooperação e programas de treinamento entre militares podem estabelecer redes transnacionais que aumentam o poder brando de um país*” (NYE, 2011, p.121). Mas como vimos, o mau uso dos recursos militares pode ser danoso ao *soft power* de um país: ignorar princípios de discriminação, proporcionalidade e guerra justa podem minar a legitimidade (NYE, 2011).

Outros instrumentos são os de cunho acadêmico. Um país pode aumentar sua influência e poder de atração através de intercâmbios educacionais, assim como universidades no exterior (NYE, 2004; NYE, 2011). A Universidade Americana em Beirute aumentou o *soft power* americano no Líbano, e mais de 1 milhão de estudantes chineses estudaram no estrangeiro entre a década de 70 e o fim da década de 2000, com mais de 200 mil estudantes estrangeiros matriculados em universidades chinesas só no ano de 2009 - no mais, o país criou várias sucursais do Instituto Confúcio em todo o globo, como forma de disseminar sua língua

e cultura (NYE, 2011). Condizente com o tema do presente trabalho, o autor também cita o caso do canal de notícias a cabo chinês Xinhua, que seria destinado a imitar o Al Jazeera (NYE, 2011), e em 2009, Pequim investiria bilhões de dólares para desenvolver grandes gigantes de mídia para “*competir com Bloomberg, Time Warner e Viacom*” (NYE, 2011, p.125). Já para os Estados Unidos, um dispositivo que foi muito importante ao longo do século XX foi o rádio, e a Voz da América é um exemplo emblemático, e na China também temos a Rádio Internacional da China, que atualmente realiza transmissões em inglês 24 horas por dia (NYE, 2011). Os já citados eventos esportivos também são exemplos, como as Olimpíadas de 2008 na China, assim como as Olimpíadas de Inverno de Sochi em 2014 e a Copa do Mundo de 2018, ambos na Rússia.

Independente do instrumental, o sucesso do *soft power* depende da “*capacidade de atrair e criar credibilidade e confiança*” (NYE, 2011, p.127), e está sujeita às três faces ou aspectos do poder discutidos mais acima, podendo agir através da *atração, persuasão e instituições*. A atração deve ser esclarecida mais profundamente, pois de acordo com Nye (2011) pode ser negativa ou positiva; quando positiva representa poder, quando negativa representa vulnerabilidade. Um exemplo de atração negativa citada é a que levou os britânicos a subjugar colonialmente a Índia no século XIX - em geral, maior parte das histórias de colonialismo poderiam representar exemplos de uma atração negativa. Atração positiva seria algo mais próximo de o que se entende por *sedução*. Nye (2011) recorre à psicologia para encontrar um definição de atração positiva no âmbito dos Estados e cita Alexander Vuving, que separa a atração em três qualidades do agente e da ação, responsáveis por gerar atração: *benignidade, competência e beleza*, ou *carisma* (NYE, 2011).

A “benignidade” é um aspecto de como um agente se relaciona com outros. Ser percebido como benigno tende a gerar simpatia, confiança, credibilidade e aquiescência. “Brilhantismo” ou “competência” refere-se a como um agente faz as coisas, e isso produz admiração, respeito e imitação. “Beleza” ou “carisma” é um aspecto de uma relação de um agente com os ideais, os valores e a visão, e tende a produzir inspiração e aderência. Esses grupos de qualidades são essenciais para converter os recursos (como cultura, valores e políticas) em comportamento de poder. (NYE, 2011, p.128)

Essas características são fundamentais para a criação de credibilidade e legitimidade através de atração positiva, e tudo depende das qualidades percebidas - ou seja, o alvo deve perceber as ações e políticas como possuindo tais características (NYE, 2011). Um ponto importante é a natureza do próprio alvo; enquanto determinada coisa pode ser percebida como

atrativa por um alvo, é capaz de ao mesmo tempo ser percebida como ruim por outro. Certas representações culturais e de estilo de vida podem ser atrativas em um país e repulsivos em outros - um exemplo dado pelo autor é de um filme de Hollywood que retrata mulheres ‘liberadas agindo independentemente’ que pode gerar atração no Rio de Janeiro, mas repulsa em Riad (NYE, 2011). Como já citado, o contexto e circunstância são importantes, assim como os atores envolvidos.

A persuasão é relacionada com a atração, mas possui a característica do convencimento e o uso da argumentação com a finalidade de modificar as ações e crenças de outros sem que se recorra à ameaça, força e/ou promessa de recompensa (NYE, 2011). Na persuasão o argumento racional, a objetividade dos fatos, a materialidade das circunstâncias são usados no contexto das questões tratadas de forma a gerar atração e apelo emocional, podendo chegar ao ponto da manipulação e fraude (NYE, 2011). Neste ponto, o autor chama atenção para um elemento que também é importantíssimo nas teorizações da Diplomacia Midiática, apresentadas mais além: a legitimidade das fontes. Para Valente (2007), um dos mecanismos através dos quais um governo é capaz de atuar midiaticamente por meio da mídia privada conta com a condição existencial competitiva das próprias firmas e emissoras, que por sua natureza dependem de fontes sólidas e oficiais enquanto matérias primas do seu produto (o conteúdo jornalístico) (VALENTE, 2007). A publicação e o repasse de determinadas informações através de fontes oficiais de governo garante com que uma informação seja transmitida sob o véu da imparcialidade da mídia privada, ao mesmo tempo em que o Estado se isenta de possíveis responsabilidades ou acusações de propagandismo (VALENTE, 2007). Segundo Valente (2007), matérias jornalísticas com os dizeres ‘segundo fontes oficiais’ ou ‘segundo membros do governo’ têm se tornado cada vez mais comuns. No mais, a própria publicação silenciosa, mesmo que pública, de documentos oficiais, é capaz de alimentar a mídia privada, que por sua vez dará publicidade e imagem ao conteúdo da publicação. Nye não chega a discorrer tão profundamente sobre a questão, mas faz um argumento relacionado:

Mas a maioria dos argumentos envolve afirmações sobre fatores, valores e ajustes que dependem de algum grau de atração e confiança de que a fonte seja fidedigna. Considere, por exemplo, a história sobre a venda nuclear francesa para o Paquistão citada no início deste livro. O argumento americano apelou para os interesses comuns na não proliferação de armas nucleares compartilhados pela França e pelos Estados Unidos, mas, sem alguma atração entre os governos francês e americano e a **confiança de que os americanos não estavam mentindo e de que as informações eram precisas, o esforço de persuasão teria fracassado.** (NYE, 2011, p.129, grifo nosso)

Ora, parece evidente que informações decorrentes de organismos oficiais de governo tais como a CIA, a NSA ou o serviço de inteligência britânico (no caso das supostas evidências de armas de destruição em massa de Saddam em 2003 (MACASKILL, 2016)) carregarão substancial poder legitimatório em decorrência de sua percebida credibilidade histórica e ligação com os setores de defesa mais importantes do país. Um relatório oficial emitido pela CIA, FBI e NSA, ou no contexto de instituições de percebido prestígio (tal como o relatório sobre a influência russa nas eleições de 2016 (ICA, 2017-01D, 2017), ou o relatório emitido ao parlamento europeu por Martin Russel (EPRS, 2016)), possui o poder de conferir substancial credibilidade à informação tanto aos olhos da mídia responsável por reproduzi-la, quanto aos olhos do leitor alvo. Muitas vezes, a percebida credibilidade e formação de opinião pública advém mais das manchetes e retratos jornalísticos feitos em cima da legitimidade circunstancial das fontes do que do conteúdo efetivo dos relatórios oficiais - afinal de contas, poucos são os leitores que efetivamente avaliam o conteúdo dos documentos. Muitas vezes, os próprios documentos possuem *fontes confidenciais*. O argumento central de Nye (2011) neste ponto é de que a informação necessita de credibilidade, e para Valente (2007) a oficialidade das fontes é em grande medida o elemento provedor de credibilidade por si só - desta forma, o Estado é capaz de agir através do complexo midiático privado, patrocinando suas próprias políticas externas mas fugindo das acusações de propagandismo comuns à prática de *soft power* de mídia. Isso, combinado com a observação de Valente (2007) de que as companhias de mídia, mesmo quando de escopo global, possuem sede, relações, conluos e alianças de cunho nacionais, culmina em um grande mecanismo social capaz de reproduzir o discurso de Estado mesmo em países democráticos, onde a *'propaganda de Estado'* em seu sentido geral é supostamente mal vista. Garante-se o exercício do poder de cooptação, atração e persuasão, com o apoio de uma base de credibilidade essencial para o exercício do *soft power*. Além disso, a afirmação de que *"grande parte da persuasão é indireta, mediada muito mais pelas audiências de massa do que pelas elites"* (NYE, 2011, pp.129-130) é um diagnóstico bastante evidente, mas fornece suporte à estratégia citada acima. A persuasão de terceiros, em oposição à persuasão somente do público-alvo, também é uma estratégia importante (NYE, 2011; NYE, 2004) - um país não deve convencer somente um alvo relativo a uma agenda particular, mas sim outros países cuja opinião e percepção são capazes de dar apoio ou não a uma causa específica.

As percepções de legitimidade também podem envolver audiências de terceiros. as tentativas indiretas de persuasão com frequência envolvem esforços para persuadir

terceiros com apelos e narrativas emocionais, em vez de pela lógica pura. As narrativas são particularmente importantes no arranjo das questões de maneiras convincentes para que alguns “fatos” se tornem importantes e outros sejam negligenciados. Mas, se uma narrativa for muito transparentemente manipuladora e rejeitada como propagada, ela perde o poder de persuasão. Mais uma vez, não se trata apenas do esforço de influência por parte do agente, mas também das percepções por parte dos alvos, que são fundamentais para a geração do poder brando. (NYE, 2011, p.130)

A observação de que “*se uma narrativa for muito transparentemente manipuladora*” (NYE, 2011, p.130) será rejeitada pelo alvo é importante, pois assim como recursos de *hard power* tem como objetivo o ataque e destruição de recursos de *hard power* do alvo, medidas de *soft power* muitas vezes tem como função atacar recursos de *soft power* inimigos - neste sentido, dado que a base de sustentação de uma agenda ou instrumento de *soft power* é a credibilidade e legitimidade, é natural que o alvo seja sempre a credibilidade e a legitimidade do inimigo: ‘*propaganda*’, ‘*conspiracional*’, ‘*desinformação*’ e, mais recentemente, ‘*fake news*’ são termos muitas vezes usados como estratégia depreciativa em ataques que buscam debilitar a legitimidade do *soft power* de quaisquer entidades que sejam, independente de forma ou integridade do conteúdo jornalístico ou intelectual do alvo. Reportagens recentes do Foreign Policy (FP, 2019), Wired (MARTINEAU, 2019), South China Morning Post (SCMP, 2018), dentre outros, que buscam retratar veículos de mídia russos estatais e independentes como ferramentas de *propaganda e desinformação*, são alguns exemplos. O relatório oficial da CIA/FBI/NSA de 2016 acerca da suposta campanha de influência russa nas eleições presidenciais americanas de 2016, já citado anteriormente, é um exemplo de uma estratégia que busca minar a legitimidade de um instrumento de *soft power* - a maior parte do documento é dedicado exclusivamente a acusar a emissora RT de, com “*trolls e usuários de mídia social russos pagos pelo governo*” (ICA 2017-01D, 2017, p.2, tradução nossa), ser parte de um esforço deliberado do Kremlin, que buscaria através de tais mecanismos “*debilitar a fé pública sobre o processo democrático americano, denegrir a secretária Clinton, e prejudicar sua elegibilidade.*” (ICA 2017-01D, 2017, p.7, tradução nossa). O documento pode ser descrito, sem qualquer risco de imprecisão e através de uma leitura nem mesmo muito atenta, como nada mais que uma coleção de jargões difamatórios e desprovidos de qualquer substância investigativa séria. O caso é não somente um exemplo de um ataque de credibilidade, mas também de um instrumento de informação cuja legitimidade apela exclusivamente à oficialidade da fonte<sup>2</sup>. Nye em certa medida confirma teoricamente a

<sup>2</sup>No relatório, omite-se declaradamente todas as fontes de informação, com a justificativa de que a revelação de fontes implicaria na debilitação da capacidade de coleta de inteligência por parte dos serviços do governo. A

concepção de tais fenômenos ao dizer:

Os atores não só tentam influenciar um ao outro direta e indiretamente mediante o poder brando; também competem para negar um ao outro atrativos e legitimidade, criando assim um ambiente incapacitante na opinião pública do outro país e/ou aos olhos de entidades externas relevantes. (NYE, 2011, p.136)

Quanto ao método de funcionamento do *soft power* em geral, Nye (2011) declara que o poder de atração pode ser “*como uma luz brilhante de uma ‘cidade na montanha’*” (NYE, 2011, p.130), ou assumir uma forma mais ativa – quando o agente faz esforços mais atuantes através de projetos e programas direcionados à criação de atração, como o caso da “*diplomacia pública, programas de rádio, intercâmbios e ajuda.*” (NYE, 2011, p.130). Existem então duas formas de funcionamento do *soft power*: a **direta**, e a **indireta**. No modelo direto, líderes e oficiais são atraídos e persuadidos diretamente pela benignidade, competência e beleza de outros países e/ou líderes; já o modelo indireto, caso de maior importância para as presentes considerações, consiste em um “*modelo de dois passos, em que o público e terceiros são influenciados, e por sua vez afetam os líderes de outros países*” (NYE, 2011, pp.130-131). A função do modelo indireto é criar um ambiente capacitante de política externa. Julgar a efetividade de qualquer medida ou teoria requer um estudo de causalidade, e no caso dos dois modelos de *soft power* o processo é metodologicamente difícil - se no caso direto é necessário um estudo e pesquisa aprofundados, “*do tipo que os bons historiadores ou jornalistas fazem, com todas as dificuldades de selecionar as múltiplas causas*” (NYE, 2011, p.131), no segundo caso a dificuldade está na necessidade de uma apreensão abrangente de múltiplos fatores, pesquisas de opinião pública e análise de conteúdo. Somente assim podemos fazer um julgamento acerca do efetivo potencial capacitante ou incapacitante de um instrumento de *soft power* (NYE, 2011). Entretanto, a presença de elementos de atração positiva e persuasão por si só são suficientes para ao menos estabelecermos a instrumentalização por si só, isolada de sua efetividade. Nye (2011) diz, em relação à investigação sobre a efetividade de uma ferramenta de *soft power*, que esta “*é com frequência difícil de captar a curto prazo, sendo, às vezes, mais bem julgado por historiadores capazes de separar as causas bem depois da ocorrência dos eventos.*” (NYE, 2011, p.131).

NSA, CIA e FBI declaram no documento que “while the conclusions in the report are all reflected in the classified assessment, the declassified report does not and cannot include the full supporting information, including specific intelligence and sources and methods.” (ICA 2017-01D, 2017).



**Figura 3.** Poder brando: modelos causais diretos e indiretos



Fonte: Nye, 2011, p.132.

Alguns exemplos de como a opinião pública pode ser um meio eficiente de influenciar decisões políticas das elites, demonstrando a eficiência do método indireto, são o caso da Turquia e do México quando da guerra do Iraque em 2003:

em relação ao Iraque em 2003, as autoridades turcas foram pressionadas pela opinião pública e parlamentar e se sentiram incapazes de permitir que a Quarta Divisão de Infantaria americana atravessasse seu país. A ausência de poder brando da administração Bush feriu seu poder duro. Do mesmo modo, o presidente mexicano Vicente Fox queria ajudar George W. Bush apoiando uma segunda resolução das Nações Unidas autorizando a invasão, mas foi pressionado pela opinião pública. Quando ser pró-americano é um beijo da morte político, a opinião pública tem um efeito sobre a política que a proposição simples dos cétricos não capta. (NYE, 2011, p.133)

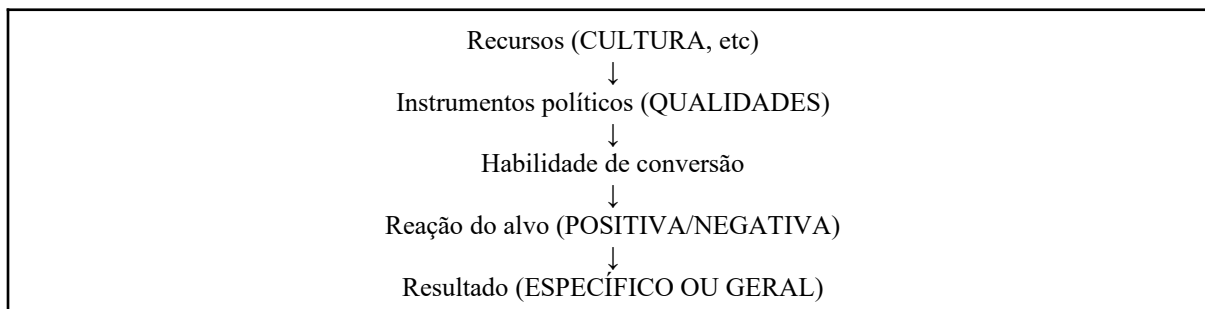
A opinião pública, como diz Valente (2007) é, desta forma, não um alvo, mas um meio. O alvo é a mudança política rumo aos interesses do agente, a opinião pública é o conteúdo sobre o qual o *soft power* indireto age e o meio instrumental de ação do agente.

O caminho para os resultados políticos passa pela estratégia de conversão dos recursos em resultados, e recursos, apesar de - no caso de *soft power* - envolverem noções gerais de cultura, atitudes políticas, instituições sólidas e exemplares, uma economia bem sucedida e forças armadas atrativas, por vezes podem assumir a forma de instrumentos mais próprios, desenvolvidos especificamente para propósitos de *soft power* (NYE, 2011).

Eles incluem serviços de inteligência nacionais, agências de informação, diplomacia, diplomacia pública, programas de intercâmbio, programas de assistência, programas de treinamento e várias outras medidas. (NYE, 2011, p.137)

O sucesso dos recursos depende do contexto, do alvo, e da estratégia de conversão. Nye (2011) nos dispõe o seguinte esquema demonstrativo de uma estratégia de conversão:

**Figura 4.** Conversão de recursos de poder brando em comportamento (resultados)



Fonte: Nye, 2011, p.137.

### 2.3.1 A DIPLOMACIA PÚBLICA EM NYE

O foco a partir daqui será, desta forma, o *soft power* enquanto instrumento indireto, que utiliza a opinião pública como meio; que é denominado também de diplomacia pública - neste sentido, Nye (2011) nos dá como exemplo os esforços franceses em tentar influenciar a opinião pública americana após a Revolução Francesa, assim como os esforços do governo americano em convencer Hollywood a fazer filmes que retratassem os Estados Unidos de uma maneira positiva durante a Primeira Guerra Mundial.

Na década de 20, o rádio era o instrumento central de diplomacia pública - a BBC seria fundada em 1922, e os governos totalitários europeus aperfeiçoaram o uso de filmes na década de 30 (NYE, 2011). Mas atualmente a situação é mais complexa; o desenvolvimento de comunicações em rede na era da informação produz um efeito de difusão da capacidade de geração de informação pelo governo - e entidades a este ligadas - para atores privados, e cada vez mais entidades diminutas e marginais tem a capacidade de atuar no mercado de ideias de forma relevante. Nye (2011) e Valente (2007) sugerem que esse fenômeno, que é movido em grande medida pela redução drástica do custo de geração e transmissão de informação, tem como consequência o que pode ser definido como o *paradoxo da abundância*: a multiplicidade de fontes de informação transformam a atenção do público em uma fonte cada vez mais escassa, desta forma, a geração da informação em si deixa de ser o recurso econômico de maior valor, e a atenção passa a assumir o ponto central (NYE, 2011; VALENTE, 2007). Desta forma, não somente os instrumentais de *soft power* carregam importância por si só, mas a capacidade desses instrumentos de capturar a atenção em um ambiente cada vez mais competitivo é fundamental. Estes fenômenos talvez deem a entender que atores menores e não estatais poderiam assumir papel cada vez mais predominante (debilitando a capacidade de

exercício de *soft power* de Estado), e isso talvez seja verdade em certo nível, mas da mesma forma que ocorre com a privatização da mídia, a era da informação também produz um vetor de força na direção oposta. Sobre isso, os comentários de Nye (2011) nos mostram com clareza a forma com que os novos paradigmas informacionais podem agir em favor dos instrumentos tradicionais de Estado e em oposição aos atores menores: para os editoriais a credibilidade sempre foi um recurso fundamental, mas em um mundo onde a atenção é escassa e as fontes de fornecimento são múltiplas “*a reputação torna-se mais importante que no passado, e as lutas políticas ocorrem com relação à criação e à destruição da credibilidade.*” (NYE, 2011, p.142). O autor continua a discorrer:

A política tornou-se uma disputa de credibilidade competitiva. O mundo da política de poder tradicional é tipicamente sobre quem vence: as forças militares ou a economia. Como foi antes afirmado, a política em uma era da informação “pode dizer respeito fundamentalmente a de quem é a história que vence”. As narrativas tornam-se a moeda do poder brando. Os governos competem uns com os outros e com outras organizações para melhorar sua própria credibilidade e enfraquecer a de seus oponentes. (NYE, 2011, p.142)

Novamente, é evidente a vantagem que os instrumentos de inteligência de Estado possuem, tanto no que tange ao financiamento, quanto em termos de credibilidade. Aqui, vale citar novamente a ideia de que em um mundo onde “*a demanda por aqueles que fornecem pistas aumenta, e esta é uma fonte de poder para aqueles que conseguem nos dizer onde concentramos nossa atenção*” (NYE, 2011, pp.141-142), a oficialidade das fontes vai carregar por si só uma vantagem competitiva: ‘*por que dar ouvidos a fontes alienígenas quando as agências de inteligência e a burocracia governamental, providos de todos os recursos possíveis, podem nos dizer qual informação é valiosa e qual não merece ouvidos?*’ é uma pergunta que qualquer editorial, emissora e telespectador provavelmente se faz. Em circunstâncias de escassez, a demanda por credibilidade é intensificada, e no jogo da credibilidade é difícil disputar com a CIA e seus mais de 15 bilhões de dólares em financiamento só no ano de 2013 (GELMAN;MILLER, 2013). A consequência da era da informação desta forma talvez não seja somente uma queda na capacidade dos instrumentos de *soft power* de Estado, mas sim uma intensificação de mesmo nível ou até mesmo maior. Entretanto, vale observar que o mesmo é válido para Estados menores e não hegemônicos - os Estados Unidos não veriam necessidade de atacar a credibilidade de veículos de mídia internacionais independentes do eixo ocidental de forma tão direta e intensa, caso não reconhecessem que a capacidade de Estados menores de inserirem-se no mercado de ideias da era da informação representa uma ameaça à predominância de sua agenda estabelecida de *soft*

*power.*

De qualquer forma, a diplomacia pública, enquanto instrumento indireto de *soft power*, é evidentemente mais do que o simples embate de credibilidade entre governos e agentes não-governamentais. Valente (2007) diz que diplomacia pública é “*de acordo com os pesquisadores norte americanos, [...] a comunicação direta com públicos estrangeiros, com o objetivo de afetar suas formas de pensar e suas opiniões sobre determinados temas de interesse para o governo[...]*” (VALENTE, 2007, p.xx). De acordo com Nye (2007), pode ser compreendida através de três círculos concêntricos: *a) comunicações diárias; b) comunicações estratégicas e c) desenvolvimento de relacionamentos duradouros* (NYE, 2011). Comunicações diárias diz respeito à capacidade de explicar decisões de política externa e internas, assim como mecanismos de manejo de crises e situações “imediatas”. É, de certa forma, o aspecto mais instantâneo da diplomacia pública e refere-se à capacidade do Estado de reagir a qualquer potencial vácuo de informação que pode ocorrer após um evento, de forma a evitar acusações falsas e informações lesivas e/ou equivocadas (NYE, 2011). Neste ponto, a mídia talvez desempenhe um dos papéis mais importantes - a capacidade de cobrir eventos do presente de forma rápida, e de se possuir um patamar ou linha de base controlado através do qual o Estado pode formular, através dos editoriais e emissoras, as questões em defesa de seus interesses, sugere a necessidade de uma relação próxima entre os veículos midiáticos e o Estado. Nye (2011) diz que esse círculo é medido em horas, dias e semanas. O segundo estágio da diplomacia pública se refere à comunicação estratégica - esta envolve a capacidade de orientar a comunicação a partir de um conjunto de temáticas, “*de forma muito parecida com a usada por uma campanha política ou de propaganda*” (NYE, 2011, p.143). Esta dimensão é medida em semanas, meses e anos. Por fim, o terceiro estágio da diplomacia pública seria:

o desenvolvimento de relacionamentos duradouros com indivíduos-chave durante muitos anos ou até décadas por meio de bolsas de estudo, intercâmbios, treinamento, seminários, conferências e acesso aos canais da mídia. (NYE, 2011, p.144)

Neste ponto, Nye (2011) dá como exemplo os intercâmbios acadêmicos (que teriam ajudado a educar líderes mundiais como Helmut Schmidt e Margaret Thatcher), citando também o caso japonês - o país teria levado para o país mais de 6 mil estrangeiros por ano para ensinar suas línguas em escolas nacionais, com formas de preservar os vínculos que são iniciados durante

o programa. Nye conclui:

Cada um desses três estágios da diplomacia pública desempenha um papel importante em ajudar os governos a criar uma imagem atrativa de um país que pode melhorar as perspectivas deste para obter resultados desejados. (NYE, 2011, p.145)

Por fim, Nye faz uma distinção final entre a abordagem centralizada padrão da diplomacia pública, onde o governo ativamente projeta informação com a finalidade de “*corrigir más interpretações diárias de suas políticas e também passar uma mensagem estratégica de mais longo prazo*” (NYE, 2011, p.146), e a abordagem descentralizada, que é também resultado dos adventos tecnológicos da era da informação e diz respeito a comunicações em rede. No lugar do planejamento central, a abordagem de redes busca estabelecer uma estrutura de canais de comunicação e dinâmicas de relações efetivas, para que posteriormente os membros colaborem para compor as mensagens (NYE, 2011). Esta abordagem diz respeito à facilitação na construção de relacionamentos com atores civis de outros países e atores civis, entidades não governamentais e instituições nacionais (NYE, 2011).

Nessa abordagem da diplomacia pública, a política do governo se destina a promover e participar de - em vez de controlar - redes entre as fronteiras. Na verdade, demasiado controle governamental, ou até mesmo a aparência disso, pode enfraquecer a credibilidade que essas redes estão destinadas a criar. A evolução da diplomacia pública de comunicações de mão única para um modelo de diálogo de mão dupla trata o público como cocriador, com capacidades iguais, de significado e comunicação. (NYE, 2011, p.147)

Nye (2007) segue dizendo que governos podem aproveitar as novas tecnologias de redes sociais, por exemplo, com funcionários autorizados a usar o Facebook e o Twitter. O autor também conclui explicando que a credibilidade decorrente de uma abordagem descentralizada capaz de permitir dissidências internas e externas é um benefício ao Estado, mesmo que este tenha de abrir mão do controle centralizado de uma abordagem de diplomacia pública tradicional - é um paradoxo: “*a descentralização e o controle diminuído podem ser fundamentais para a criação desse poder.*” (NYE, 2011, p.148).

Parece que, apesar de em certo nível presenciarmos um processo de dispersão do poder informacional do Estado, este permanece possuindo um aperto substancial sob a capacidade de formulação de agendas. Enquanto Nye diz que “*A difusão da informação significa que o poder será amplamente distribuído e as redes de informação enfraquecerão o*

*monopólio da burocracia tradicional*” (NYE, 2011, p.155), as próprias noções de paradoxo da abundância combinadas com a constante demanda dos setores informacionais por fontes oficiais parecem sugerir que o Estado permanece tendo um controle substancial no processo de geração de narrativas. Nye (2011) também chama atenção para precedentes de ligação entre Hollywood e o governo americano (que certamente ocorrem até hoje<sup>3</sup>) ao mesmo tempo em que reconhece a reprodução de assimetrias informacionais em decorrência de economias de escala, aplicáveis ao caso:

Alguns aspectos da Revolução da Informação ajudam os pequenos; mas alguns ajudam os já grandes e poderosos. O tamanho ainda é importante. O que os economistas chamam de economia de escala permanece em alguns dos aspectos do poder que estão relacionados à informação. [...] No caso do poder brando, as grandes indústrias de entretenimento estabelecidas, como Hollywood e Bollywood, desfrutam de consideráveis economias de escala em produção e distribuição de conteúdo. (NYE, 2011, p.155)

No mais, embora a capacidade de disseminação de informação não custe muito, a produção, coleta e processamento de informações novas requer, com frequência, um financiamento significativo - principalmente no que tange à cobertura jornalística de primeira mão. E “*em muitas situações competitivas as informações novas são mais importantes*” (NYE, 2011, pp.155-156). Desta forma, assimetrias de capacidade de cunho econômico acabam se convertendo em assimetrias de capacidade de cunho informacional. O fenômeno de reprodução das assimetrias é descrito com mais detalhes pelos expoentes da diplomacia midiática no capítulo seguinte, mais especificamente David J. Rothkopf.

Mas não somente de *soft power* e diplomacia pública se faz uma grande estratégia de política externa. A função do *soft power* indireto é justamente criar um terreno capacitante para uma política externa, esta que pode ser representada tanto por um acordo diplomático quanto por uma intervenção militar cinética - a conjunção efetiva das duas dimensões de poder configuram o que Nye (2011) chama de *smart power*.

<sup>3</sup>Em 2017, um documentário lançado pela Netflix exaltando os White Helmets (grupo de resgate que possui ligações íntimas com insurgentes financiados pelos Estados Unidos e Reino Unido (WEBB, 2018)), viria a ganhar o Oscar de melhor documentário (LARKIN;LEWIS, 2017). A Holanda, em 2018, viria a cortar seu financiamento ao grupo em decorrência de evidências de ligações deste com grupos terroristas (WEBB, 2018). Também em 2002, em um discurso ao Senado, a subsecretária de Estado para Diplomacia Pública viria a chamar abertamente por parcerias com grandes redes de TV e com Hollywood, como parte de uma estratégia visando a realização dos interesses americanos no oriente médio (Valente, 2007).

## 2.4 SMART POWER

“*O poder em si não é bom nem mau.*” (NYE, 2011, p.261) é a declaração inicial de Nye ao discorrer sobre o conceito de *smart power* em seu livro de 2011. A declaração talvez se refira mais à boa aplicação de recursos rumo a interesses efetivos do que a qualquer julgamento moral universalista. Em 2006, em um artigo sobre as políticas americanas no oriente médio, Nye diria que *smart power* se refere à “*capacidade de combinar hard e soft power em uma estratégia bem sucedida*” (NYE, 2006, p.5, tradução nossa). Visto que a função do *soft power* direto e indireto é justamente a capacitação auxiliar de uma política externa - que pode muito bem ser realizada através de recursos coercitivos - nos parece evidente que a relação harmônica entre uma prática localizada de *soft power* direcionada a um objetivo específico e uma atuação de *hard power* é parte fundamental de qualquer estratégia efetiva de realização dos interesses do Estado. Enquanto o *hard power* por si só, usado indiscriminadamente, pode levar à perda relativa de poder (ou poder brando) do Estado, como foi o caso americano no Iraque em 2003 (NYE, 2004;2006;2011), e Russo na Geórgia em 2008 (NYE, 2011), o uso inteligente dos recursos de *soft power* através de ferramentas apropriadas é capaz de amplificar o potencial de sucesso, conceder legitimidade à política externa e justificar aos olhos da audiência doméstica e internacional o pleito do Estado. Ao ser escolhida como Secretária de Estado por Barack Obama em 2009, Hillary Clinton diria, em relação à política americana, que:

Com o poder inteligente, diplomacia será a vanguarda da política externa [...] Devemos usar o que tem sido chamado de “*smart power*”, o escopo completo de ferramentas ao nosso dispor - diplomáticas, econômicas, militares, políticas, legais e culturais - escolhendo as ferramentas certas, ou conjunto de ferramentas, para cada situação. (CBS News, 2009)

A citação nos mostra que o conceito teórico é de conhecimento dos mais altos chefes de Estado dos Estados Unidos - e mesmo quando não citado diretamente, a ideia referente certamente é conhecida. Em um discurso feito ao comitê do Senado americano para Relações Internacionais em 11 de junho de 2002, a subsecretária de Estado para Diplomacia Pública, Charlotte Beers diria:

Precisamos disseminar nossos valores e mostrar para os jovens dessas regiões no que acreditamos...para isso, estamos fazendo contatos com Hollywood e com canais de televisão, como o Discovery, que vão nos ajudar na produção de uma universidade virtual e na produção e exibição de programas de TV para esses

públicos. (VALENTE, 2007, p.49)

Muito embora, de acordo tanto com Nye (2004) quanto Valente (2007), os esforços americanos no Iraque fossem vir a denegrir o *soft power* americano nos anos seguintes, parece claro que a combinação de recursos informacionais e de diplomacia pública em conjunto com intervenções de *hard power* é entendida como importante e efetiva por tomadores de decisão, mesmo que não familiarizados com a teoria.

Muito embora a ideia já esteja em grande medida subentendida a partir do conteúdo já abordado, em essência, *smart power* se refere a uma combinação estratégica de recursos de *hard* e *soft power* em um arranjo tal que seja mais eficiente na defesa dos interesses nacionais do que qualquer um dos dois tipos de poder em isolado. Uma intervenção militar cinética indiscriminada e injustificada talvez denigra de forma permanente a imagem de um país, e uma campanha midiática ou cultural isoladamente não é capaz de garantir a manutenção de seus interesses geopolíticos - mas uma combinação estratégica e deliberada de ambos, de forma inteligente, pode muito bem garantir o sucesso. Nisto consiste o *smart power*.

Até agora buscamos ressaltar a importância de uma perspectiva mais focada nas estratégias, em oposição aos recursos - a abordagem exige, portanto, maior atenção na relação entre meios e fins, o que por sua vez demanda atenção especial à delimitação de objetivos (resultados preferidos), assim como as táticas e recursos (instrumentos) usados (NYE, 2011). Nye (2011) estipula 5 perguntas fundamentais que uma estratégia de *smart power* deve responder:

→ *a) que objetivos ou resultados são preferidos?*: Os compromissos da estratégia devem ser delimitados em relação a uma lista compreensível de preferências, ordenada de forma a estabelecer prioridades (NYE, 2011). O autor também distingue entre o que ele chama de *objetivos de posse tangíveis* e *objetivos estruturais gerais*, em harmonia com a ideia de *objetivos específicos e objetivos gerais* já apresentada pelo autor e derivada das noções de *objetivo de controle (objetivos distinguíveis e específicos)* e *objetivos intermediários* de Arnold Wolfers (NYE, 2011). Outro ponto é delimitação de *quais objetivos envolvem poder de soma zero sobre outros estados e quais envolvem ganhos conjuntos que requerem poder com outros* (NYE, 2011, p.262). Ou seja, esta ‘pergunta’ diz respeito ao estágio inicial no processo de determinação de objetivos; é o primeiro olhar nos interesses do agente e exige não somente um estabelecimento específico de objetivos mas também a natureza destes no



que diz respeito à sua disposição na estrutura de poder dos Estados. Este processo é em certa medida análogo ao sugerido pelo Modelo de Ator Racional (Rational Actor Model), bastante predominante no realismo das Relações Internacionais, e sintetizado de forma clara por Sadra Shahryarifar (2016).

→ *b) que recursos estão disponíveis e em que contextos?*: Tanto um mapeamento dos recursos quanto um controle preciso de suas disponibilidades são necessárias (NYE, 2011).

→ *c) quais são as posições e as preferências dos alvos de tentativas de influência?*: Visto que uma estratégia de *soft power* exige que o alvo perceba as ações do agente como possuindo benignidade, competência e carisma para que o processo de cooptação sob influência e/ou persuasão seja eficiente, é evidente que um conhecimento prévio sobre a natureza do alvo - de forma que o agente tenha garantia de que a atração será positiva e a estratégia não gere repulsa - é fundamental. Como já citado, enquanto determinada coisa pode ser percebida como atrativa por um alvo, é capaz de ao mesmo tempo ser percebida como ruim por outro; um conhecimento sólido acerca da natureza do alvo é essencial. “Boa informação sobre alvo é essencial para ajustar as táticas usadas para combinar os recursos de poder” (NYE, 2011, p.263). Mas a pergunta não diz respeito somente à faculdade de produzir atração através de determinados recursos, mas também às capacidades do alvo - quais recursos o alvo pode possuir para retaliação e dissuasão também é um conhecimento importante. O mapeamento de tais fatores apresenta ao agente um conjunto de informações em relação às quais este é capaz, desta forma, de combinar seus recursos disponíveis de forma mais bem orientada, o que nos leva à quarta pergunta:

→ *d) que formas de comportamento de poder têm maior probabilidade de sucesso?*: Cada circunstância exige um tipo específico ou combinação específica de recursos. Determinados objetivos de política externa são obtidos de forma mais eficiente e inteligente através do uso bem planejado de recursos de comando de *hard power*, enquanto outros exigem o uso exclusivo de instrumentos de cooptação, atração e persuasão típicos do *soft power*, ao mesmo tempo em que alguns objetivos demandam ambos ao mesmo tempo e em harmonia (NYE, 2011).

Como as táticas para o uso desses comportamentos conduzem à competição ou ao reforço entre eles? Por exemplo, quando o uso do poder duro e do poder brando

reforçarão ou enfraquecerão um ao outro? Como isso mudará no correr do tempo?  
(NYE, 2011, p.263)

E por fim; → *e) qual a probabilidade de sucesso?*: O processo trilhado até agora rumo à determinação de uma estratégia não será útil ao agente caso o conjunto de objetivos específicos e estruturais, em combinação com os recursos disponíveis e o conhecimento sobre o alvo, exijam uma estratégia cuja probabilidade de sucesso seja demasiado reduzida. O último passo é em grande medida um teste geral da estratégia do agente - caso a probabilidade de sucesso não seja suficientemente alta, um julgamento prudente exige que se retorne à primeira pergunta (NYE, 2011), de forma a reavaliar os objetivos, mapeamento das prioridades, conhecimento do alvo, assim como disponibilidade e eficiência na combinação de recursos. Nye enaltece que “*as causas nobres podem ter terríveis consequências se forem acompanhadas por excessivo otimismo ou por uma cegueira deliberada sobre as probabilidades de sucesso*” (NYE, 2011, p.263).

Além de ressaltar o potencial do conceito para análise - inclusive não limitada aos Estados Unidos, que é em grande medida o foco dos escritos de Nye em 2004 e 2011 - alguns exemplos de políticas externas às quais pode ser conferido o conceito de *smart power* são apresentadas pelo autor: políticas de empréstimo e assistência ao desenvolvimento por parte da Noruega, ao mesmo tempo em que o país associava-se à OTAN; as campanhas de Otto von Bismarck para tornar Berlin o centro da diplomacia e resolução de conflitos europeu após três guerras que levaram à unificação da Alemanha; o Japão, que seguiu uma política diplomática conciliatória com o Reino Unido e os Estados Unidos após criar uma força militar capaz de derrotar a Rússia em 1905 (NYE, 2011). Talvez o exemplo mais condizente com o tema da presente pesquisa seja o do Qatar em 2003: ao mesmo tempo em que o país permitiu a permanência de tropas americanas, que se instalaram no território visando a invasão do Iraque, também promovia e patrocinava o canal de televisão Al Jazeera, um dos mais populares do Oriente Médio e extremamente crítico às operações americanas (NYE, 2011) - tendo sido também o canal responsável por transmitir as mensagens da Al Qaeda após os atentados de 11 de setembro de 2001 (NYE, 2004). Todos estes casos nos apresentam com exemplos de combinações inteligentes de recursos de poder de comando, com recursos de controle de preferências através de cooptação, atração e persuasão, assim como a promoção de relações de longo prazo através de alianças e ligações diplomáticas - é a essência do *smart power*.

## 2.5 CONCLUSÃO

As definições de poder relacional enquanto concebidas por Nye nos fornecem um instrumental conceitual mais sofisticado, através do qual podemos ir para além do poder de comando tradicional e compreender estratégias de conversão e mudança de comportamento através do estabelecimento de preferências e controle de agendas - tais categorias, por sua vez, abrem espaço para a compreensão da ideia de cooptação, atração e persuasão, assim como quais instrumentos são capazes de exercer estas dimensões de poder. Através do *soft power indireto*, que possui como seu meio de ação fundamental a opinião pública, a cooptação ocorre por meio de o que Nye chama de atração positiva (benignidade, competência e carisma) e persuasão. Este tipo de atuação é chamada também de diplomacia pública, e pode ser analisada de acordo com o que Nye (2011) chama de três círculos concêntricos: *comunicação diária*, *comunicação estratégica* e *desenvolvimento de relacionamentos de longo prazo*. Tais definições são essenciais para as investigações da presente pesquisa, e é nestas categorias que um estudo sobre veículos de mídia deve ser enquadrado a partir do marco teórico de Nye.

Quando em conjunto com uma política externa de *hard power*, o *soft power* indireto de Nye deve agir em harmonia - criando um ambiente capacitante de política externa e provendo um complexo justificatório capaz de legitimar sua contraparte de comando. Uma estratégia orientada desta forma é o que Nye chama de *smart power*. Quando há sincronismo entre os interesses de um Estado em determinado contexto - compreendidos enquanto *objetivos* estabelecidos - e elementos de atração positiva e persuasão de uma entidade, certamente temos nesta uma ferramenta de *soft power* - e quando em conjunto com o *hard power*, temos o *smart power*.

Uma estratégia de *smart power* é, no mais, formulada de acordo com uma série de considerações racionais que levam em conta o contexto, os objetivos, a natureza do alvo, os instrumentos disponíveis e a probabilidade de sucesso. Todas estas considerações exigem um mapeamento estrutural do tabuleiro em que o Estado age e demandam tanto uma análise geopolítica quanto de recursos. Mas, ao mesmo tempo em que Nye (2011) deixa claro que o advento da *era da informação* possui consequências particulares na forma com que Estados exercem seu poder de cooptação, este não apresenta um entendimento estrutural claro do fenômeno e nem um conjunto de ferramentas particulares direcionadas à mídia em específico. Outros autores são necessários para uma compreensão mais profunda destes fatores.

### 3. A DIPLOMACIA MIDIÁTICA

#### 3.1 INTRODUÇÃO

Assim como aludimos nos capítulos anteriores que os desenvolvimentos da era da informação são tanto responsáveis por um movimento de dispersão do poder informacional do Estado para atores alternativos - e Estados menores - quanto por um movimento oposto de concentração do poder informacional no Estado em decorrência da demanda por credibilidade ocasionada pelo paradoxo da abundância, também Valente (2007) chama atenção para o fato de que o Estado não perdeu poder em decorrência das transformações comunicacionais contemporâneas. Enquanto permanece se baseando no econômico, militar e político, o Estado contemporâneo remodelou muitas de suas atuações para o alcance de seus objetivos de uma forma harmônica e condizente com as novas circunstâncias tecnológicas do mundo pós-terceira revolução industrial (SCHWAB, 2016). O encurtamento das distâncias, dispensamento da necessidade de presença física e facilidade de transmissão de dados decorrentes da somatória de implementos tecnológicos digitais desenvolvidos ao longo do século XX e início do século XXI, aumentam a velocidade das perguntas e respostas com que o Estado deve lidar (VALENTE, 2007) - desta forma, é natural que um nível substancial de adaptação deva ocorrer. Valente (2007) também trata dos dois movimentos opostos citado acima, se referindo a:

Um duplo movimento que, contrariamente ao que pregam os defensores do enfraquecimento do Estado, estaria contribuindo para o fortalecimento de suas ações. Hoje, percebemos claramente sintomas de um novo tipo de comportamento: os Estados passaram a usar a atual complexidade e seus novos recursos como instrumentos para a política externa, numa tentativa real de ampliar suas capacidades de êxito no jogo do poder internacional. (VALENTE, 2007, p.23)

Segundo Valente (2007), o processo de intensificação da relevância das massas e da opinião pública enquanto fator na política externa passou por dois grandes marcos: o primeiro foi a emergência das grandes redes de TV em nível global, guiadas pelas tecnologias de transmissão via satélite e cujo maior exemplo talvez tenha sido o surgimento e sucesso da CNN (Cable News Network); o segundo marco foi o desenvolvimento da internet e das tecnologias contemporâneas de transmissão de dados - a velocidade e volume de transmissão de informações, a partir deste ponto, se tornaria inumerável. Essa nova realidade viria a modificar profundamente as relações entre os Estados, seus pontos de contato e suas formas

de comunicação (VALENTE, 2007) - a demanda por uma informação rápida e por uma capacidade de avaliação imediata se tornou generalizada, e um instrumental capaz de lidar com essa nova realidade é agora fundamental.

Estudos relacionando os novos meios de comunicação com as Relações Internacionais seriam desenvolvidos pioneiramente nos Estados Unidos e, de acordo com Valente (2007), esses conhecimentos viriam a integrar um novo subcampo de saber denominado Diplomacia Midiática. O campo busca analisar os efeitos das novas tecnologias de comunicação sobre as questões de Estado e de política externa, ao mesmo tempo em que busca compreender e sistematizar as interações entre Estados neste contexto (VALENTE, 2007).

A Diplomacia Midiática prevê quais as formas possíveis de comunicação e de elaboração de negociações diplomáticas a partir da convivência com as tecnologias de comunicação e da imprensa em escala mundial. Parte do pressuposto de que este contexto é irreversível e que, antes de dar cada passo em qualquer negociação diplomática, os agentes do Estado devem ter em mente quais são as alternativas possíveis nesse panorama, visando potencializar sua eficácia e poder de pressão e persuasão. (VALENTE, 2007, p.75)

Muito embora Joseph Nye seja citado como tendo contribuído para o campo (VALENTE, 2007), os conceitos de Nye (2004;2011) são mais gerais e não focam especificamente em instrumentos de mídia - ainda que estes sejam bastante citados pelo autor. Buscaremos, a partir deste ponto, focar especialmente nas contribuições específicas de Rothkopf, um dos primeiros a estudar as mudanças da era da informação no contexto dos Estados modernos, e Gilboa, a principal referência e contribuição teórica para os trabalhos de Leonardo Valente. O objetivo é dispor de um corpo teórico auxiliar direcionado à compreensão da mídia enquanto ferramenta de política externa, como forma de dar luz às ideias de *soft power* de Nye em um nicho mais reduzido e instrumental, assim como facilitar as considerações comprobatórias futuras. O entendimento do campo da Diplomacia Midiática é aqui dividido entre uma parte que foca na estrutura da era da informação e como esta afeta diferentes Estados dependendo de sua posição na balança de poder, uma segunda que busca classificar os usos políticos da mídia pelo Estado em diferentes níveis, e a última parte, que foca nos instrumentos através dos quais os Estados são capazes de agir na mídia dentro deste contexto.

### 3.2 CONSEQUÊNCIAS ESTRUTURAIS DA ERA DA INFORMAÇÃO

Os efeitos das transformações oriundas da era da informação nos Estados viriam a ser estudados por Rothkopf (1998) a partir de alguns pressupostos dos estudos de comunicação, com a finalidade de esclarecer como este novo paradigma afetaria a configuração da economia internacional globalizada - o autor viria a identificar e descrever uma série de fenômenos que acabam por diagramar em certa medida não somente implicações no âmbito da economia, mas no próprio relacionamento geral dos Estados (VALENTE, 2007). Os sete fenômenos distintos são resultado de todas as novas particularidades da era da informação - em termos de internet, TV, tecnologias de satélite, reuniões à distância, etc. O mapeamento destes fenômenos nos fornece um campo de visão ampliado, capaz de dar luz às motivações dos Estados e às conformações estruturais que por sua vez são capazes de explicar determinadas práticas e instrumentos de *soft power* - as descrições realizadas pelo autor servem de ferramenta para o mapeamento de determinadas recomposições de poder estruturais cuja compreensão é capaz de fornecer poder comprobatório extra às noções de *soft power* tradicionais mais conhecidas no campo das Relações Internacionais, e carregam paralelos consideráveis com algumas categorizações de Nye. Os sete fenômenos são compreendidos, em resumo, como segue:

#### a) *Interconexão*

Este fenômeno refere-se essencialmente à capacidade de comunicação em tempo real, possível graças aos novos incrementos tecnológicos contemporâneos (VALENTE, 2007; ROTHKOPF, 1998). Rothkopf (1998) usa como exemplo as interconexões financeiras, que permitem que, caso um mercado em um local do globo “fique doente” (ROTHKOPF, 1998, tradução nossa), todos se contaminem com o vírus - uma mudança na bolsa de Hong Kong é capaz de carregar um efeito dominó ao longo de toda a extensão do mercado de finanças globais. Valente (2007) adapta o conceito ao campo da diplomacia, declarando que o fenômeno de interconexão permite que, em questão de minutos, líderes sentem-se à mesa uns com os outros do outro lado do planeta, pessoalmente ou através de uma chamada ou vídeo conferência - diálogos inteiros podem ocorrer com pouco risco de vazamento, e de forma que poucos ou até nenhum intermediário tenha conhecimento do conteúdo da conversa. As respostas e questionamentos também precisam ser mais rápidos, de forma que o corpo diplomático deve adaptar-se à nova realidade e responder à demandas imediatas de forma

extremamente eficiente (VALENTE, 2007).

*b) Desagregação/Descentralização*

Rothkopf (1998) neste ponto se refere ao fenômeno da transferência de poder de grandes bancos centrais para centros financeiros cada vez mais numerosos, com atores múltiplos e anônimos capazes de, em conjunto, determinar a direção dos mercados. Valente (2007) utiliza o mesmo conceito, dizendo que enquanto a maior interconexão facilita a comunicação entre Estados, também descentraliza a tomada de decisão e a formulação de uma posição, fator que dificulta o processo de manutenção de um discurso comum e exige um aparato de controle apurado, capaz de levar em conta e processar de forma adequada uma multiplicidade de posições e discursos - de maneira a garantir o Nye (2011) se refere, ao falar sobre o nível de “comunicações diárias” da diplomacia midiática, como a capacidade de preencher vácuos de informação e garantir que informaçãoe falsas e potencialmente lesivas não se confundam com a posição oficial. Todas essas novas problemáticas exigem um preparo institucional particular, e uma ligação cada vez mais íntima e imediata entre tomadores de decisão e canais de comunicação de governo com a imprensa, através de departamentos e secretários de imprensa com papéis cada vez mais fundamentais. Outra questão diz respeito à segurança informacional:

O sigiloso, o confidencial, precisa ganhar tratamento ainda mais especial, pois possui muito mais riscos de vazamento rápido hoje do que em outras épocas. Muitos são os caminhos que se podem percorrer para o acesso a informações e documentos. Uma vantagem para quem procura, mas um perigo para quem é vasculhado. (VALENTE, 2007, p.30)

Tais questões são importantes, pois informações perdidas no meio do caminho e confundidas com posições não oficiais representam um perigo não somente nas comunicações internas e domésticas de um Estado, mas principalmente nas relações entre dois ou mais Estados.

Somente a acentuação de normas disciplinares e um trabalho efetivo de monitoramento das comunicações entre essas esferas podem diminuir os ruídos e as contradições de posições num contato entre dois Estados. (VALENTE, 2007, p.30)

### *c) Desintermediação*

Valente (2007) declara que a intermediação através de meios de comunicação como a TV pode se tornar cada vez mais frequente em algumas situações (que serão vistas adiante), mas os adventos tecnológicos da era da informação também permitem um processo de desintermediação na comunicação entre Estados, o que pode compensar os efeitos dificultantes do processo de descentralização. Como já sugerido no ponto *a*, ministros de dois países podem se comunicar entre si através de comunicadores de tempo real, via a internet, sem que companhias telefônicas ou quaisquer entidades terceiras tenham de necessariamente intermediar a comunicação - o que, em algum nível, reduz o risco de vazamento de informações e garante o que Gilboa (1987) e Valente (2007) chamam de diplomacia fechada ou secreta, que é a diplomacia em sua forma mais tradicional enquanto compreendida pelo campo da diplomacia midiática. Comunicações privadas entre governos não são novidade, mas sempre foram frequentemente intermediadas e acompanhadas por assessores ou tradutores.

Por menor que fosse o grupo ciente de tais contatos, ele sempre existia. Hoje, essa possibilidade de comunicação sem o conhecimento de nenhum outro ator é real e suas conseqüências podem e devem fazer parte do imaginário dos estudiosos das relações entre os Estados. (VALENTE, 2007, pp.30-31)

### *d) Deslocamento*

Compreendido por Valente (2007) como “*deslocamento do real para o virtual*”, deriva das observações de Rothkopf (1998) acerca da virtualização das transações financeiras e das relações no ciberespaço - em um mundo onde as transações são cada vez mais dissociadas de uma localização física, a noção de espaço ou localização passa a ser meramente, segundo o autor, uma ficção legal. Esse sintetismo descrito por Rothkopf é compreendido por Valente (2007) também enquanto aplicável às relações diplomáticas: reflete-se na necessidade cada vez menor de encontros reais entre estadistas e na menor necessidade de presença física dos aparelhos de Estado - neste ponto temos o exemplo dos consulados virtuais americanos (VALENTE, 2007; NYE, 2011). Tal projeto, de acordo com documentos do Departamento de Estado, faria parte de um laboratório de novas práticas diplomáticas e teria como objetivo colocar em teste a efetividade da presença virtual no mundo diplomático (VALENTE, 2007).



### e) Aceleração

É consequência evidente do processo de interconexão e diz respeito à instantaneidade na comunicação (VALENTE, 2007). É um fenômeno tão importante que nos Estados Unidos criou-se um campo de estudo denominado *Real Time Diplomacy* (diplomacia em tempo real) (VALENTE, 2007). É um efeito que, como já foi dito em diversos pontos, exige novas abordagens por parte de todos os atores.

### f) Amplificação

Um dos aspectos mais importantes para as presentes considerações, assim como o próximo fenômeno (aumento da assimetria de poder), talvez seja a amplificação; que diz respeito à capacidade de redimensionar temas, transformando assuntos aparentemente sem importância em assuntos de grande repercussão (ROTHKOPF, 1998). Temas que antes diziam respeito a negociações particulares de Estado a portas fechadas, agora carregam o potencial de transformarem-se em objetos de discussão e especulação da mídia e do público, de forma que, principalmente em países democráticos, a pressão das massas assumam um papel central na formulação da política externa. Os casos já citados da Turquia e do México durante a Guerra do Iraque em 2003 são novamente exemplos que vêm à mente.

Valores éticos, morais e religiosos e objetivos políticos podem entrar com força jamais vista nessas negociações, que muitas vezes tornam-se grandes desafios para os agentes que as estão conduzindo. [...] a amplificação das pautas entre os Estados pode facilitar ou dificultar as negociações. (VALENTE, 2007, p.32)

O autor também chama atenção para o fato de que a capacidade do Estado de inserir determinados assuntos na pauta dos veículos de comunicação é fundamental para o processo de amplificação (VALENTE, 2007) - tal observação carrega relação direta com a já citada instrumentalização da legitimidade e credibilidade das fontes de Estado em um contexto de competitividade das mídias privadas. Valente (2007) relaciona este fenômeno da era da informação descrito por Rothkopf com o aspecto de estabelecimento de agendas do poder relacional descrito por Nye (2011). A *amplificação* dos temas, em conjunto com o fenômeno da *aceleração* decorrente do processo de *interconexão* contribui para que a inserção de determinadas agendas no discurso corrente ocorra com maior facilidade, tendo em vista a instantaneidade com que as informações se propagam - o resultado é um mecanismo de

*estabelecimento de agendas* (VALENTE, 2007) de eficiência nunca antes vista, e a disponibilidade de um instrumento de projeção enorme com que o Estado é capaz de propagandear suas pautas. Ou seja, (como veremos melhor adiante) mesmo quando não exista relação institucional direta entre o Estado e a mídia (como uma mídia estatal), a capacidade daquele influenciar e instrumentalizar esta permanece substancial - e, possivelmente, tanto mais será quanto mais desenvolverem-se os fatores responsáveis pelo fenômeno (*interconexão, amplificação, e competitividade*). Essa relação, tal como é aqui descrita, fornece uma evidência lógica contundente de que, mesmo em países democráticos e com instituições midiáticas predominantemente privadas (com algumas exceções), é muito forte a capacidade do Estado de orientar a mídia nacional (e de alcance global) sob determinado conjunto de temas e agendas. A incapacidade ou indisposição de um Estado contemporâneo em identificar e tirar vantagem desta conjuntura talvez implique em uma disfunção de recursos considerável, e bem sucedido será aquele que, consciente das peças do jogo, aja e reaja de acordo com uma estratégia orientada por esses conhecimentos.

*g) Aumento da assimetria de poder*

Segundo Valente (2007), esta é uma característica apontada por diversos autores, inclusive o próprio Nye. Valente (2007) interpreta Nye como dizendo que o novo contexto comunicacional contribui para uma diferença ainda maior de poder entre as nações hegemônicas e os países pobres (lembrar das já citadas economias de escala e dos custos elevados de geração de informação nova, ainda mais em um contexto de jornalismo de primeira mão). Quanto mais condições prévias de se integrar nos novos contextos, quanto mais redes de TV e recursos de entrada ao mundo virtual - assim como financiamento - um país possui, maior capacidade tem de expandir mais ainda seus artifícios de *soft power*. A interpretação que Valente (2007) faz dos escritos de Nye é de que para este a nova era da informação possui o risco de “*solidificar mais ainda o status quo do poder atual, fortalecendo ainda mais os Estados fortes, e deixando ainda mais vulneráveis os que historicamente são mais fracos*” (VALENTE, 2007, p.32). Muito embora a abordagem de Nye quanto à inserção dos países menores considere que muitos elementos da era da informação sejam sim capazes de aproximá-los dos Estados mais predominantes no que tange à capacidade de *soft power* (NYE, 2011), nos parece real o fato de que a intensificação - ou ao menos manutenção - das assimetrias é conclusão última de uma análise cuidadosa dos conceitos apresentados pelo autor.

Esses fenômenos apresentados por Rothkopf e reinterpretados por Valente nos apresentam com um esquema descritivo da conjuntura em que os Estados precisam agir - a conjuntura da era da informação. Em conjunto com diversas considerações já descritas e derivadas de Nye, esse mapeamento fornece-nos utensílios conceituais de análise interessantes. Os pontos talvez mais importantes, para além do fenômeno geral de *interconexão* e as consequências dele derivadas e descritas em outros dos sete fenômenos, talvez sejam a *aceleração* - que permite que artifícios específicos de *soft power* midiático descritos por Nye e aprofundados por Valente (como veremos adiante) sejam capazes de operar com eficiência amplificada - e o *aumento de assimetrias* - que nos apresenta um diagnóstico estrutural sobre a ‘balança de poder informacional’, e nos permite considerar e refletir acerca das formas com que estados mais e menos poderosos, hegemônicos e não-hegemônicos, são capazes de operar em relação a seus respectivos alvos e de acordo com seus instrumentos disponíveis.

### 3.3 USOS POLÍTICOS DA MÍDIA PELA ESTADO

O pretense papel da Diplomacia Midiática é o de prever quais serão as formas de comunicação e negociação internacional e diplomáticas no contexto das novas tecnologias de comunicação e da imprensa global neste inserida (VALENTE, 2007). Nesta conjuntura, as novas interações diplomáticas possuem como fator cada vez mais presente a atuação de veículos de mídia de alcance tanto doméstico quanto internacional. Em uma entrevista dada a Valente (2007) em 2004, Gilboa diria que essa interação Estado-mídia “*permite novas formas de pressão para o alcance dos objetivos externos, principalmente pelos Estados Unidos, que estariam em estágio mais avançado de conhecimento de domínio dessas novas técnicas*” (VALENTE, 2007, p.78). Neste ponto, Gilboa talvez se refira às mesmas lacunas estruturais já citadas na presente pesquisa, que amplificam a capacidade dos países de centro de dominar o discurso e portanto o *soft power* midiático. Mas o interesse na opinião pública enquanto meio e elemento de pressão não é limitado às teorizações da diplomacia pública no meio acadêmico: segundo Valente (2007), o Departamento de Estado dos Estados Unidos deixou claro que o uso da opinião pública é um elemento de persuasão de governos estrangeiros efetivo e será cada vez mais importante para o sucesso na política externa. Vale lembrar que o que se entende aqui por ‘diplomacia, como veremos adiante, não diz respeito somente a

negociações diretas entre chefes de Estado (diplomacia fechada), mas neste contexto se refere à toda a capacidade de pressão, coerção e cooptação entre dois governos - ou seja, compreendemos aqui diplomacia em um sentido geral. A este respeito, Gilboa divide a diplomacia midiática em grupos distintos: o primeiro grupo, denominado *Níveis de Relacionamento com a Mídia* divide-se em três níveis; a *Diplomacia Fechada* (ou secreta), a *Diplomacia de Portas Abertas* e a *Diplomacia Aberta*. Este grupo busca graduar a participação da mídia no processo diplomático clássico (fechado) em relação à abertura dos conteúdos da negociação e do protagonismo da mídia na participação do processo; diz respeito à cobertura das negociações diplomáticas tradicionais ou diretas (entre chefes de governo), e portanto não será o foco das presentes considerações. O segundo grupo, denominado *Usos Políticos da Mídia* (como instrumento de política externa), diz respeito de fato à instrumentalização da mídia como meio de pressão visando a opinião pública, e gradua-se em três níveis; a *Diplomacia Pública* (já citada e tratada também por Nye), a *Diplomacia Indireta na Mídia* e a *Diplomacia feita pela Mídia* (VALENTE, 2007).

### 3.3.1 A DIPLOMACIA PÚBLICA EM VALENTE

O foco da Diplomacia Pública é a comunicação direta com o público estrangeiro, de forma a moldar opiniões e afetar maneiras de pensar a respeito de temas localizados e de interesse do agente (VALENTE, 2007). Neste contexto, a opinião pública é o meio, e o governo do país é o alvo, sendo uma mudança política em direção aos interesses estabelecidos do agente o objetivo. Assim como Nye (2004;2011), Valente (2007) reitera a importância do conhecimento prévio sobre o alvo e a capacidade de agir dentro do campo cultural em questão.

Para obter a efetividade necessária, a diplomacia pública utiliza-se de diversos meios e técnicas de comunicação de massa, particularmente as redes globais de televisão e a internet. [...] também encontramos as bolsas científicas e culturais para estudantes estrangeiros, intelectuais e artistas; participação e organização de festivais, exposições e outros grandes eventos, como os Jogos Olímpicos [...]. Enquanto esses meios, apesar de eficientes, afetam o público de forma indireta, o uso dos meios de comunicação de massa afeta diretamente os cidadãos de outros países. (VALENTE, 2007, pp.91-92)

A meta da diplomacia pública é, desta forma, criar uma boa imagem do país em mais diferentes contextos e, mais especificamente, trabalhar na persuasão em temas específicos (VALENTE, 2007). Neste ponto, vale lembrar e fazer um paralelo com as definições de

Nye (2011), que divide a diplomacia pública em 3 círculos concêntricos: enquanto a manutenção de uma imagem positiva talvez diga respeito à *manutenção de relacionamentos duradouros*, a formulação de uma narrativa ou trabalho de persuasão específico refere-se ao nível de *comunicação estratégica*, sendo este a capacidade de orientar a comunicação a partir de um conjunto de temáticas táticas. Por último, a *comunicação diária* diz respeito à medidas que visam remediar o efeito da *desagregação/descentralização e aceleração* descritos por Rothkopf (1998) - é a ferramenta do Estado que propõe-se a fazer a manutenção de um discurso comum e uma posição oficial mediante uma conjuntura de constante dispersão de opiniões e perspectivas (inclusive as do adversário) das mais diferentes fontes e em uma velocidade e imediatismo extremamente elevados.

Aos falar sobre os efeitos da diplomacia pública para os governos, Valente (2007) chama atenção para a possível reação do alvo. Governos que veem-se ameaçados por políticas de diplomacia pública tendem a reagir: o autor cita o caso da China, que ao se ver alvo de medidas americanas que intencionavam evidenciar os abusos de direitos humanos no país, tentou restringir a realização de matérias jornalísticas norte-americanas em seu território (VALENTE, 2007). Isto nos indica que prestar atenção à reação do alvo é algo capaz de carregar poder comprobatório, não somente no que tange a comprovar a prática de *soft power* em si (o que talvez não seja o aspecto mais interessante), mas também sua efetividade - uma estratégia de cooptação e persuasão ineficaz não exige reação substancial, mas se um governo vê a estratégia adversária tendo sucesso, tem maiores chances de tomar medidas institucionais e de inteligência visando a dissuasão do *soft power* inimigo. Ataques de credibilidade, difamações e campanhas de oposição são evidência de que um Estado percebe o *soft power* adversário como uma ameaça.

### 3.3.2 A DIPLOMACIA INDIRETA NA MÍDIA

A segunda categoria de uso político da mídia evidenciada por Gilboa trata-se da *Diplomacia na Mídia*, ou *Diplomacia Indireta na Mídia* (VALENTE, 2007) - indireta pois trata-se de uma atuação diplomática que flui através de canais não tradicionais e, neste caso, intermediado pelas instituições da mídia. É tido por Valente (2007) como um dos fenômenos menos estudados porém mais importantes no que tange à atuação diplomática na era da informação. Valente (2007) cita Gilboa ao explicar a diferença entre a concepção de diplomacia na mídia e diplomacia pública - enquanto a diplomacia pública possui uma característica mais explicitamente propagandística (sendo inclusive referida por Valente, por

vezes, como ‘propaganda’ por si só), a diplomacia na mídia é mais próxima de uma negociação tradicional entre partes, porém com a intermediação de uma instituição de mídia; o instrumento principal da diplomacia pública seria assim a ‘propaganda’ (muito embora a expressão seja provida de pouco rigor conceitual), enquanto no caso da diplomacia na mídia a instrumentalização das instituições midiáticas ocorre meramente enquanto um veículo ou meio de negociação, com a finalidade de evitar, conter e acabar com conflitos (VALENTE, 2007). Para Valente (2007, apud GILBOA, 2001, pp.51-52), exemplos deste tipo de atuação são o ultimato de Kennedy à União Soviética no caso da crise dos mísseis, a visita de Nixon à China em 1972 e a visita de Sadat a Jerusalém em 1977 - tais casos *“não foram somente atos de propaganda. Mas todos, no entanto, tiveram a TV como recurso para a resolução de crises, impasses e conflitos.”* (VALENTE, 2007, apud GILBOA, 2001, pp.51.52)

Na maioria dos casos, a diplomacia pública antecede a diplomacia na mídia, preparando os públicos envolvidos na questão para a negociação do impasse e de suas consequências. A diplomacia na mídia consiste no uso dos veículos de comunicação de massa para a comunicação entre Estados ou entre Estado e atores não-estatais, com o objetivo de construir formas de se avançarem as negociações, assim como mobilizar os públicos para que dêem suporte aos acordos. (VALENTE, 2007, pp.95-96)

Esse tipo de atuação pode ocorrer das mais diversas formas: desde entrevistas, programas de auditório, etc, até um planejamento complexo de uma cobertura específica orientada a um evento diplomático particular, como uma visita de um chefe de Estado a um país (VALENTE, 2007) - uma coletiva de imprensa visando a publicização de uma declaração ou posição particular (em oposição à simples comunicação diplomática tradicional fechada) também poderia ser um exemplo de uma atuação de diplomacia indireta através da mídia. O aviso final quando da invasão do Iraque em 2003 não foi realizado através de uma declaração diplomática oficial e formal, mas sim transmitido ao vivo através da CNN (VALENTE, 2007).

Não se trata mais de uma carta com o comunicado, na linguagem usada por todos os diplomatas. Trata-se agora de um representante de governo num vídeo, usando expressões, tom de voz e palavras para fazer a ameaça. O recado, portanto, não foi passado somente ao governo iraquiano, mas a todos os habitantes daquele país e aos espectadores da CNN e de outras emissoras mundo afora. O ataque iminente e a exigência de determinada ação, portanto, não foram somente comunicadas à autoridade envolvida, mas, a todo mundo, numa tentativa de, em caso de negativa, legitimar a investida militar. O evento, como bom acontecimento de mídia, passou de trâmite diplomático importante para o status de espetáculo. (VALENTE, 2007, p.96)

Ao passo que na diplomacia pública a legitimidade advém de uma atração positiva alimentada por benignidade, competência e carisma/beleza (NYE, 2004;2011), no caso da diplomacia indireta na mídia a legitimidade tem como fonte a própria existência de uma audiência que acompanha a atuação diplomática, o que por sua vez permite a gênese de o que Valente (2007) chama simplesmente de ‘drama’. Desta forma, pode-se transmitir a mensagem (talvez um ultimato), comunicar ao público sua transmissão e ao mesmo tempo tentar demonstrar uma pretensa justiça, licitude ou validade capaz de legitimar uma possível consequência, talvez um ato de guerra (VALENTE, 2007). Entretanto, não somente atos de guerra são o conteúdo da diplomacia indireta na mídia: em 1998, a tentativa de reaproximação do Irã com os EUA teve início através de uma mensagem do então presidente iraniano Mohammed Khatami transmitida através da CNN, e a resposta americana também ocorreu nos moldes da diplomacia midiática, com a país respondendo através da mídia que a aproximação era bem vinda desde que o Irã progredisse nas reformas políticas e abandonasse suas intenções armamentistas (VALENTE, 2007).

### 3.3.3 A DIPLOMACIA FEITA PELA MÍDIA

Por fim, a terceira e última categoria de uso político da mídia evidenciada por Valente (2007) é a *Diplomacia Feita pela Mídia*. Enquanto as duas categorias anteriores dizem respeito à instrumentalização da mídia pelo Estado, esta última trata da atuação diplomática realizada diretamente pelas emissoras e seus representantes, ou seja, um suposto protagonismo das instituições de mídia no processo de formulação de política externa.

Apesar de serem os atores principais, responsáveis finais pela execução dessas políticas, eles [os Estados] também estão sofrendo cada vez mais a influência da atuação independente dos veículos de informação e de seus profissionais, os jornalistas e os executivos dessas empresas. (VALENTE, 2007, p.101)

Valente (2007) faz alusão à ideia bastante famosa de que a mídia seria o quarto poder dentro de uma república democrática provida de Executivo, Legislativo e Judiciário, dizendo que no contexto da política externa, levando em conta que o gerenciador das Relações Internacionais de um Estado é tradicionalmente o Executivo, a mídia atuaria praticamente como um ‘segundo poder’. Alguns exemplos históricos são o caso do jornalista Walter Cronkite, que em 1977 foi capaz de propor ao então presidente do egipto Muammar Sadat, durante uma entrevista, uma visita deste a Jerusalém em um período em que a reaproximação

dos dois países parecia improvável<sup>4</sup>; a resposta positiva do entrevistado levaria Cronkite a entrar em contato com o premier israelense através de uma ligação gravada, este que por sua vez também responderia positivamente e faria oficialmente um convite ao presidente Sadat (VALENTE, 2007)

Cronkite claramente exerceu aqui uma função de intermediação diplomática. Sobre isso, Valente comenta:

Esse é um exemplo de que a forte presença do jornalismo na sociedade globalizada hoje é capaz [...] de alterar a agenda internacional, interferindo nas prioridades dos Estados e, conseqüentemente, em suas políticas externas. Esse poder, usado sem o controle do Estado, transforma esses veículos e seus agentes, em algumas situações, em atores que interferem nas políticas externas. [...] O caso de Walter Cronkite e dos novos âncoras americanos que trabalharam durante a Guerra do Golfo mostra que esses fenômenos não se referem apenas a abstrações hipotéticas, mas fatos reais da diplomacia contemporânea. Para esses casos específicos de interferência direta do jornalismo, Gilboa (2001, p.298) sugeriu o termo “diplomacia feita pela mídia” para diferenciar essa prática da diplomacia na mídia. (VALENTE, 2007, p.103)

Esse fenômeno pode ser analisado de acordo com quatro parâmetros: *iniciativa*, *motivação*, *ações* e *consequências* (VALENTE, 2007). Iniciativa se refere a quem iniciou o processo, *motivação*<sup>5</sup> diz respeito a se a iniciativa foi independente ou motivada por ideologias de política externa promovidas por agentes de Estado ou outras partes interessadas. *Ações* concerne ao método em que a intervenção de política externa é feita (entrevistas, documentários, etc), e por fim, *consequências* corresponde aos efeitos que a ação produz no cenário internacional. Sob esses parâmetros, pode-se estabelecer e mapear os fenômenos de diplomacia feita pela mídia e separá-los de o que pode ser mais adequadamente enquadrado como diplomacia pública ou diplomacia indireta na mídia

<sup>4</sup>O caso é descrito com mais detalhes nas páginas 101-103 de *Política Externa na Era da Informação* de Leonardo Valente. Duas semanas após a entrevista com Sadat, os representantes de ambos os países estariam reunidos em Jerusalém em um evento amplamente coberto pela mídia, e que viria a resultar em um acordo diplomático de reaproximação, assim como a devolução das regiões do Sinai e de Golan Heights (VALENTE, 2007).

<sup>5</sup>“Mas nem sempre o motivador, no caso o jornalista, é o motivador real. Pode-se configurar em muitos casos como o motivador aparente. [...] o Estado possui recursos para não se fazer aparecer nesses casos, sendo o real motivador de determinada ação de um veículo de informação ou jornalista, mas fazendo-o parecer o motivador real. Em muitos casos, inclusive, o próprio profissional pode estar se considerando o motivador real, quando, na verdade, recebeu subsídios propositadamente para pensar dessa forma.” (VALENTE, 2007)



### 3.4 INSTRUMENTOS DE ATUAÇÃO DO ESTADO NA MÍDIA

De todo o corpo teórico de Valente, as colaborações talvez mais úteis à nossa pesquisa são os estudos acerca da instrumentalização ativa da mídia para política externa - o autor nos apresenta algumas tipologias e explicações simples mas que permitem um entendimento relevante sobre a questão.

É interessante lembrar que, muito embora os desenvolvimentos tecnológicos por trás das revoluções recentes na comunicação sugiram que a mídia possa assumir um papel de protagonismo na política externa - e essa tende a ser a opinião comum do público -, se analisarmos esse mesmo processo sob outra perspectiva veremos que, a invés de uma posição passiva, o Estado é capaz de instrumentalizar a mídia para fins de execução de seus objetivos (VALENTE, 2007). Os elementos conjunturais que permitem tal relação, mesmo em países liberal-democráticos, já foram explorados, resta agora estabelecer os tipos de relação que podem se desenvolver e como elas ocorrem. Para Valente (2007), essas interações ocorrem em duas formas, que chamaremos aqui de instrumentalização *indireta* e instrumentalização *direta*.

#### 3.4.1 INSTRUMENTALIZAÇÃO INDIRETA

A instrumentalização *indireta* já foi explorada em comparação com as teorias de Nye - segundo Valente (2007), é a exploração, comum tanto nos planos domésticos quanto internacionais, pelo Estado de duas características existenciais da mídia e da relação desta com o Estado: a necessidade de fontes confiáveis (credibilidade), e o fato de que a indústria de informação possui uma demanda constante por matéria prima muitas vezes escassa - ainda mais em um ambiente competitivo de mercado privado. Em teoria, os agentes de governo, seus relatórios, estudos e inteligências são fontes confiáveis, principalmente aos olhos de uma mídia que possui, na grande maioria das vezes, vínculos e operações nacionais (VALENTE, 2007) - a consequência é o estabelecimento de uma relação simbiótica em que o Estado provê ao mercado fontes jornalísticas, que representam a sustentação da indústria midiática, e a mídia vende ao Estado a pretensa credibilidade (essencial para o exercício de *soft power*) de uma mídia privada e de prestígio. Desta forma, o Estado é capaz de driblar as já citadas dificuldades de execução de políticas de *soft power* inerentes à própria prática da forma de poder - o que antes poderia ser visto como um esforço propagandista e de manipulação quando vindo de um veículo de Estado, agora é o exercício legítimo da área jornalística,

provida, ao menos em teoria, de todas as regalias da ética profissional e de uma presumida imparcialidade.

Essa interação pode ser enquadrada em dois níveis, que podem ou não ocorrer simultaneamente: o *nível aberto*, quando as informações têm fontes reveladas e com declarações integrais de agentes de governo envolvidos, e talvez até mesmo fontes primárias; e o *nível fechado*, que é quando as informações são fornecidas à mídia por agentes do governo mas sua origem é velada e somente o órgão ou instituição de origem é citado, de forma a se derivar credibilidade da oficialidade da fonte (VALENTE, 2007). Valente (2007) diz que o nível fechado é útil, por exemplo, quando o Estado deseja estabelecer determinada narrativa mas não seria de bom tom fazê-lo diretamente.

Dizer, por exemplo, que o Brasil possui intenções de ter um arsenal atômico não pegaria bem para o Departamento de Estado norte-americano. No entanto, fazer com que essa informação chegue ao Washington Post, um dos jornais de maior credibilidade do mundo, é uma forma bem mais segura de disseminar essa notícia. Basta uma fonte do governo passar a informação, baseada em alguma análise ou estudo que não necessariamente corresponda à verdade, para que isso vire matéria-prima considerada de qualidade para o jornalismo. Na tradição do jornalismo americano, reportagens que dizem “segundo fonte do Departamento de Estado” são comuns. (VALENTE, 2007, p.44)

No que tange à análise, a instrumentalização *indireta* aqui descrita exige uma análise de fontes - a natureza das fontes de informação caracteriza o uso *aberto* ou *fechado* da instrumentalização indireta? A informação conta exclusivamente com a credibilidade das fontes, ou o conteúdo comprobatório do material jornalístico é evidência de um trabalho mais aprofundado e corroborável? Neste ponto, a proximidade da emissora com o objeto de cobertura talvez seja um ponto de atenção interessante. Acesso ao campo significa acesso a fontes, imagens, depoimentos e eventos, de forma que a construção das histórias vê respaldo em múltiplas mídias em oposição a meros relatos de um serviço de inteligência de metodologias e fontes veladas. Existem diversos métodos de construção de um *soft power* midiático, e o esclarecimento de quais caminhos foram seguidos no processo estratégico é capaz não somente de nos dar uma descrição acadêmica interessante, mas nos fornece material capaz de respaldar julgamentos até mesmo de legitimidade e credibilidade. Vale citar novamente Nye, “*a melhor propaganda é a não propaganda*” (NYE, 2011, p.118), e o Estado capaz de usar eficientemente o exercício criterioso do jornalismo de forma a defender seus interesses terá sucesso no mercado de ideias (caso seja capaz de sobreviver aos ataques de legitimidade dos oponentes).

Outra observação importante diz respeito ao efeito *spillover* que o alcance global dos veículos de mídia dos países de centro carrega. Jornais como o Washington Post e o New York Times alimentam com informações veículos midiáticos locais de todo o globo, de forma que o mecanismo de interação *indireta* dos países de centro tem efeito global imediato (VALENTE, 2007). Nenhum país periférico ou semi-periférico tem essa capacidade de formulação de agendas e criação de discursos.<sup>6</sup>

Valente (2007) chama atenção, entretanto, para algumas exceções. Alguns países árabes têm sido capazes de se projetar internacionalmente através da influência de seus veículos de mídia: é o caso tanto do al-Jazeera do Qatar quanto o al-Arábia da Arábia Saudita. O al-Jazeera viria a ganhar notoriedade global ao publicar as mensagens de Osama Bin Laden, e em pouco tempo se tornou fonte de informação para veículos de todo o mundo (VALENTE, 2007).

Segundo el-Nawawy e Iskandar, por décadas, os árabes do mundo inteiro se informavam por uma mídia fraca dos países autoritários ou por fontes ocidentais, como a BBC e a CNN. Nos últimos anos, com a proliferação dos veículos árabes de grande abrangência, principalmente o al-Jazeera, questões como “por que eles nos odeiam?” e “por que somos tão antiamericanos?” passaram a ser discutidas de forma muito mais clara, em todas as partes do mundo. [...]

A guerra de informação entre potências ocidentais e países islâmicos se tornou uma guerra de credibilidade e recursos de seus veículos de informação. O governo americano, ciente da importância desse fenômeno, chegou a proibir a realização de produções da al-Jazeera em seu território, medida que se tornou

<sup>6</sup>Um caso bastante recente e emblemático da capacidade da mídia dos países de centro de formular o discurso global e dos países menores (e países alvo) para fins de política externa talvez seja o das polêmicas envolvendo queimadas na Amazônia. Logo após o fechamento das negociações de mais de 20 anos sobre o acordo de comércio Mercosul-União Europeia (BBC, 2019) (tratado que poderia, de acordo com a Agência Brasil do portal EBC (2019), prover um incremento de mais de US\$130 bilhões ao PIB brasileiro nos próximos 10 anos), a liderança francesa - percebendo a desvantagem competitiva com que seu setor agropecuário de base teria de lidar - foi capaz de articular uma campanha, em grande medida patrocinada pela mídia global e amplificada pela mídia brasileira (amplamente crítica do governo Bolsonaro, que defende em certa medida o afrouxamento de legislações ambientais), com o objetivo explícito de congelar o processo de ratificação do tratado (STONE, 2019). Uma reportagem posterior e pouco divulgada do New York Times divulgou um histórico de queimadas na Amazônia, com imagens de satélite, durante os meses de agosto a outubro dos últimos 20 anos (New York Times, 2019). Os dados apresentados pela reportagem demonstram que as queimadas do ano de 2019, apesar de estarem em um nível acima de 2018 e pouco acima da média anual, na verdade estão substancialmente abaixo dos precedentes observados ao longo da década de 2000, e a tendência estatística geral permanece de queda (New York Times, 2019). Ainda assim, a questão só se tornaria uma polêmica de nível global, e só viria a dominar o discurso da mídia nacional e internacional a partir do momento em que os impedimentos ambientais se tornaram um argumento político capaz de barrar a ratificação do tratado Mercosul-União Europeia. O ambiente de desaprovção nacional e internacional de um governo tido como anti-ambientalista e extremista, combinado com a disposição da mídia nacional em alimentar progressivamente a oposição ao governo, resultou em uma conjuntura perfeita para que o mecanismo de *agenda setting*, através do *spillover* do global para o nacional, pudesse amplificar as pautas de Macron no cenário global e brasileiro. Independente das consequências efetivas do governo de Bolsonaro nas queimadas da Amazônia, é evidente a atuação de política externa francesa através da grande mídia com fins de defender seus interesses de cunho econômico - e o Brasil não pareceu preparado e nem provido de instrumentos necessários para rebater a campanha de Macron.

polêmica mas que, mesmo assim, ainda hoje está em vigor, num país de imprensa livre. (VALENTE, 2007, pp.47-48)

### 3.4.2 INSTRUMENTALIZAÇÃO DIRETA

Já a instrumentalização *direta* diz respeito à existência de acordos entre mídia e Estado para a execução de política externa (VALENTE, 2007). Acordos deste tipo no âmbito doméstico são vistos como imorais e contra a transparência e ética jornalística fundamentais a um regime democrático de imprensa livre, mas tais conceitos parecem ser aplicáveis somente no âmbito da política nacional (VALENTE, 2007) - quando se trata de política externa, os vínculos nacionais parecem falar mais alto. Diversos são os documentos que comprovam esse tipo de relação; de acordo com Valente (2007), em vários discursos feitos no congresso americano subsecretários de diplomacia pública defenderam parcerias entre o governo e empresas de comunicação para a compor estratégias de disseminação de informação direcionadas a países islâmicos, um exemplo é o já citado caso de Charlotte Beers. Outro caso citado é o da relação entre a emissora Fox News e o governo americano - durante a guerra do Iraque, a emissora agiria como uma amplificadora das posições de George W. Bush em todo o globo, quase como uma emissora oficial do governo, mas ainda assim nutrindo um nível de pretensa imparcialidade em decorrência do fato de se tratar de uma mídia privada (VALENTE, 2007). As relações com a CNN também rendem muito material para análise - segundo Valente (2007), nos Estados Unidos algumas áreas de estudo no campo da comunicação e Relações Internacionais buscam teorizar acerca do chamado *efeito CNN*, noção de que na era da informação alguns veículos de mídia são capazes de assumir papel de protagonismo na formulação direta de política externa (VALENTE, 2007).

A análise desse tipo de instrumentalização exige uma atenção a documentos, declarações e relações institucionais entre a mídia e o Estado. Existe algum nível de financiamento direto do Estado? Qual o nível de contato entre oficiais de governo, editores e jornalistas? Qual o nível de ligação entre o veículo em questão e seu Estado nacional de origem? Estabelecer a ligação e conluio entre emissora e governo é o foco em se tratando de demonstrar uma instrumentalização *direta* da mídia, e a análise de fontes também permanece relevante.

### 3.4.3 A MÍDIA ESTATAL E SEU DECLÍNIO

Um outro tipo de relação entre mídia e Estado diz respeito à *mídia estatal*. O histórico de uso da mídia estatal é numeroso, tanto enquanto direcionado ao público interno quanto ao público externo (VALENTE, 2007). Em Cuba, temos as três emissoras de TV estatais do país e dezenas de rádios, jornais, agências e mais recentemente veículos de internet, todos controlados pelo Ministério das Comunicações (VALENTE, 2007). Um dos exemplos mais clássicos é o uso nazista do rádio e do cinema (VALENTE, 2007). Mas também existem precedentes de mídia estatal em países democráticos; segundo Valente (2007), diversos países europeus como Itália, Portugal e França investiram grandes somas de dinheiro em TVs e rádios de alta qualidade, que hoje transmitem para diversos países em todos os continentes. No que tange à transmissão direcionada ao público estrangeiro, talvez o exemplo mais clássico seja a Voz da América, rádio criada na década de 1960 com o objetivo de disseminar valores americanos e ocidentais para todo o mundo - chegou a transmitir em mais de cinquenta idiomas, e para mais de noventa milhões de ouvintes (VALENTE, 2007). Atualmente, entretanto, a influência da rádio é quase nula, não somente em decorrência do surgimento de novas tecnologias de comunicação, mas como consequência de mudanças institucionais e processos sociais que levaram à valorização da mídia privada e perda de eficácia dos instrumentos de mídia estatais.

Valente (2007) se refere à ideologia da imparcialidade enquanto um dos principais motivadores do declínio da mídia estatal. O desenvolvimento da era da informação daria origem a uma série de veículos de comunicação privados, que viam e promoviam a imparcialidade como seu diferencial; e nos Estados Unidos as escolas de comunicação viriam a disseminar a ideia fundamental de que a diferença básica entre a mídia privada e a mídia estatal é a imparcialidade, independência e isenção (VALENTE, 2007). A ideia de que a informação relevante deve ser promovida por uma imprensa livre e independente do governo e de ideologias seria espalhada pelas escolas de comunicação norte-americanas por todo o mundo nas décadas de 1960 e 1970, vindo a se tornar o senso comum.

A proposta de imparcialidade desarma o público, deixando-o mais suscetível à influência e a achar que o que está sendo divulgado corresponde á verdade. Ter consciência de que a informação é parcial, ou seja, vem de uma fonte cujas intenções podem não ser as mais nobres, potencializa o filtro na recepção das informações, podendo até mesmo provocar efeito contrário ao desejado. (VALENTE, 2007, p.53)

Em decorrência disso, atualmente a estratégia de disseminação de informação e *soft power* através da mídia em grande medida não é mais realizada, ao menos no mundo ocidental, através de veículos de mídia de Estado. O objetivo é agora fazer com que as empresas privadas, consideradas isentas e independentes, falem pelo Estado - desta forma, a informação pode ser transmitida sem a assinatura de seu autor (VALENTE, 2007) e a credibilidade necessária para o exercício do *soft power* é intensificada em um mundo liberal-democrático. Neste contexto, a interação entre o Estado e a mídia privada se tornou importante, apesar de velada, e compreendida nos termos que já foram explorados acima.

No caso da mídia Estatal, a análise talvez ocorra de forma similar à instrumentalização *direta*, mas neste caso a relação emissora-governo já é em grande medida presumida. Ainda assim, a análise de fonte e conteúdo permanece importante; a informação ainda pode ser apresentada de forma *aberta* ou *fechada*, e a proximidade entre sujeito e objeto descrita no caso *indireto* ainda é um instrumento de percebida credibilidade e legitimidade jornalística.

#### 3.4.4 ESTABELECIMENTO DE AGENDAS EM VALENTE

Por fim, um ponto importante de Valente é a definição de *estabelecimento de agendas* (similar à definição de mesmo nome de Nye, mas levemente diferente). Para o autor, estabelecimento de agendas é “*a capacidade que os veículos de comunicação possuem de hierarquizar os assuntos para o seu público em ordem de importância. E isso pode ser feito das mais diferentes formas e em todos os meios*” (VALENTE, 2007, p.63). Um dos métodos mais comuns é a utilização de manchetes - uma manchete é uma maneira de um jornal mostrar a importância do assunto, em oposição a outros temas que não ocupam o mesmo espaço editorial (VALENTE, 2007). Neste ponto, é importante realizarmos mudanças metodológicas que levem em conta a natureza dos novos meios de comunicação - grandes veículos de mídia atuam cada vez mais quase que exclusivamente através da internet; o RT tem presença online expressiva no Facebook, Youtube e Twitter. Os números da emissora foram inclusive utilizados como argumento pelos serviços de inteligência americanos em relação à hipótese de influência eleitoral já citada - a amplitude da audiência seria evidência da capacidade de manipulação do canal. Neste contexto, o foco de atenção no processo de priorização de determinados temas deixa de ser, evidentemente, a manchete de um jornal impresso, e se torna o texto de título e chamada de uma reportagem online, ou o subtítulo apresentado em uma postagem do Facebook, ou talvez até mesmo quais reportagens do site de notícia são compartilhadas nas plataformas de rede sociais e quais não são. Em um mundo

onde o marketing e a comunicação se foca cada vez mais em estratégias de competitividade em redes sociais, tais elementos são de extrema relevância no processo de *agenda setting* de qualquer veículo de mídia, e as escolhas relativas a estas considerações representam um ponto de análise fundamental no que tange à hierarquização de prioridades. Estes pontos são importantes em relação a certas escolhas metodológicas da presente pesquisa: a escolha de quais termos estão presentes nas manchetes e resumos de matérias online será um critério metodológico de seleção do objeto de pesquisa.

### 3.5 CONCLUSÃO

As considerações estruturais deste capítulo preenchem as lacunas de compreensão deixadas por Nye e nos fornecem um mapeamento da conjuntura em que os Estados modernos devem agir em relação às suas ferramentas de cooptação - a conjuntura a era da informação. Os sete fenômenos descritos por Rothkopf descrevem a divisão de capacidades e explicam de que forma a conjuntura tecnológica da modernidade é capaz de intensificar o poder dos Estados hegemônicos, ao mesmo tempo em que restringe o leque de instrumentos de *soft power* midiático disponíveis àqueles menos bem colocados na 'balança de poder informacional' da contemporaneidade.

Os mecanismos de comunicação descritos neste capítulo, e as relações simbióticas mídia-Estado originadas no mundo liberal-democrático reforçam em certa medida os aumentos de assimetria da era da informação - países mais distantes do mundo do pós-Guerra americano têm dificuldade em imbuir legitimidade às suas vozes através da mídia, e a lacuna de recursos e capacidades entre os países de centro e os países menores impossibilita que os últimos sejam capazes de desenvolver um complexo midiático nacional privado capaz de competir com grande veículos globais como a BBC ou a CNN. Ao mesmo tempo, tentativas de desenvolver instrumentos de *soft power* eficientes através de uma mídia ligada ao Estado serão sempre criticadas e de eficiência reduzida em decorrência do paradigma liberal da imparcialidade da mídia privada - ter conhecimento sobre essas realidades é fundamental para qualquer Estado que busque se projetar internacionalmente no mundo contemporâneo, e estratégias diferenciadas são necessárias. Ao escolher seus instrumentos (parte do processo de *smart power*), todo Estado deve levar estes fatores em conta. Nem todos os Estados são capazes de fazer uso do *estabelecimento de agendas* amplificado pelo paradigma da mídia privada, pois nem todos os Estados têm acesso a veículos de mídia privados de alcance global (e ao mesmo tempo com filiações nacionais, como é o caso da CNN e BBC).

## 4. A POLÍTICA EXTERNA RUSSA E A COBERTURA DO RT NA TOMADA DE ALEPPO

### 4.1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

A comprovação do RT enquanto ferramenta de *soft power* no conflito Sírio, em específico na tomada de Aleppo, seria capaz de sugerir (mas não provar em definitivo) de imediato uma atuação política de *smart power* geral no conflito, mesmo que o poder comprobatório seja aqui reduzido somente a um evento em específico dentro do universo de, agora, mais de 7 anos de conflito. Entretanto, esse processo comprobatório deve passar por uma série de passos, condizentes com as exigências teóricas estabelecidas nos capítulos anteriores. Uma política de *smart power* exige uma política de *hard power* (tida aqui como dada), e uma política de *soft power* (que buscaremos comprovar) - esta cuja confirmação parte de uma análise orientada pela observação cuidadosa das possíveis variáveis de diplomacia pública (*soft power indireto*) dentro do objeto a ser analisado (o corpo de notícias referentes ao evento tomada de Aleppo).

O processo exige um estabelecimento prévio de *objetivos gerais e específicos* que orientem a atuação russa, neste ponto uma análise geopolítica breve é pertinente. No mais, o tipo de instrumentalização mídia-Estado deve ser determinado (instrumentalização *direta, indireta* ou *estatal*), através da análise do relacionamento institucional entre o RT e o Estado russo, assim como uma análise da predominância de determinado tipo de fonte (fontes *abertas e fechadas* de instrumentalização indireta). O estabelecimento de um relacionamento institucional sólido capaz de categorizar o RT enquanto instrumento de Estado em uma das três categorias, somado com a predominância de elementos de atração positiva e persuasão, que enquanto critérios de análise do objeto/amostra de notícias são capazes de indicar uma tendência de favorabilidade aos objetivos gerais e específicos russos na cobertura, representa aqui o processo comprobatório capaz de estabelecer o RT enquanto instrumento de *soft power* do Kremlin - sendo capaz, desta forma, de comprovar uma estratégia de *smart power* russo no contexto da tomada de Aleppo (sugerindo também uma estratégia de *smart power* no conflito em geral).

De início buscaremos estabelecer os objetivos gerais e específicos da Rússia no contexto tratado, através de uma breve pesquisa bibliográfica orientada; em um segundo momento, analisaremos a posição estrutural geral do Estado Russo na conjuntura da era da informação e na 'balança de poder informacional' enquanto compreendida pela diplomacia



mediática; a partir de então, partiremos para uma análise aprofundada das notícias referentes à tomada de Aleppo a partir do arquivo de reportagens disponíveis no site da emissora (RT, 2019) - tendo como critério as principais variáveis teóricas vistas nos capítulos anteriores. O intervalo de tempo referente à tomada de Aleppo buscará levar em conta todo o processo de tomada militar da cidade pelas forças de governo, em um intervalo de um mês, indo de 25 de novembro (com a primeira notícia referenciando um ataque de gás mostarda) a 26 de dezembro de 2016 (notícias referentes às comemorações de natal, já com a cidade totalmente retomada pelas forças de governo). Como forma de realizar uma crivagem, de maneira a analisarmos somente notícias minimamente referentes ao evento de interesse da presente pesquisa, levamos em conta as considerações de *estabelecimento de agendas* na era da informação apresentadas por Valente (2007) - a presença de referências a Aleppo na manchete e/ou chamada da notícia é indicação de uma hierarquização de prioridades e sugere, a princípio, uma priorização da temática no campo de notícias publicadas sobre o conflito Sírio no intervalo de tempo estudado. Ou seja, somente notícias com referências a Aleppo no título/manchete e/ou chamada dentro do intervalo de 25 de novembro a 26 de dezembro foram selecionadas, totalizando um agregado de 47 notícias/reportagens que representarão desta forma nosso objeto principal de estudo.

#### 4.2 UM MAPEAMENTO GEOPOLÍTICO

Enquanto objetivo declarado, Putin afirma que *“seu objetivo com a ação na Síria se concentra na estabilização das autoridades legítimas e no estabelecimento de condições para atingir um acordo político”* (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016, p.192). Mas um esclarecimento mais aprofundado dos interesses russos no território sírio é pertinente.

As motivações da Rússia na Síria perpassam uma série de relações e interesses de caráter geopolítico e econômico. Piccolli, Machado e Valeska (2016), assim como Roberto (2012) chamam atenção para a tendência recente de Moscou em compor uma estratégia com o objetivo de estabelecer o Estado russo enquanto um novo polo de poder no Sistema Internacional, e *“o posicionamento russo no sistema internacional vem ganhando caráter mais assertivo desde que Vladimir Putin assumiu a presidência do país nos anos 2000”* (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016, p.193), o que sugere também um reposicionamento dentro do sistema e demonstra uma perspectiva através da qual a Rússia tem dado voz à seus interesses no cenário geopolítico internacional. Mas as relações entre

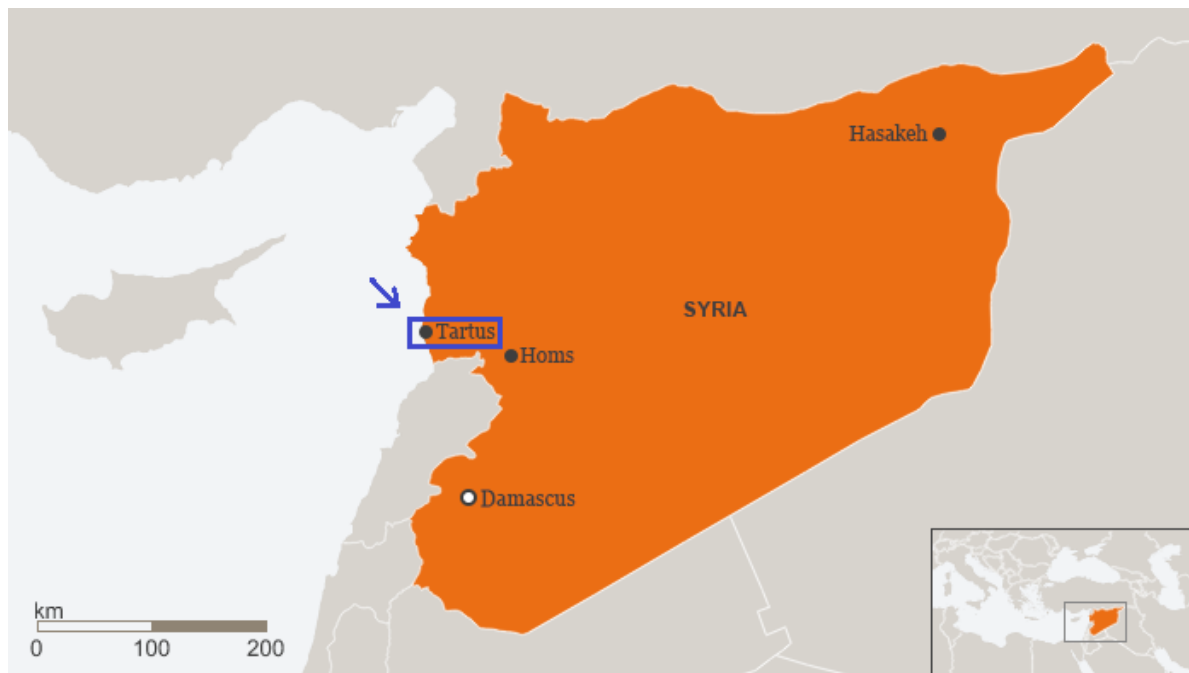
Rússia e Síria vêm se construindo desde a Guerra Fria - neste contexto, a Síria punha-se como um país satélite soviético no Oriente Médio, garantindo a zona de influência soviética na região. Desta forma, o país se coloca dentro de o que é referido por Gordon et al (2008) como o *near abroad* (estrangeiro próximo), a pretensa zona de influência russa nas regiões de seus ex-territórios soviéticos.

Com o início do governo da família al-Assad na década de 1970, o relacionamento entre os países atingiria seu ponto alto e os soviéticos viriam a estabelecer uma base militar no porto de Tartus, visando acesso ao Mar Mediterrâneo e aumentando sua influência geopolítica (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016). A base naval de Tartus é até hoje um ativo russo: no leste do mediterrâneo e na costa da Síria, a base é utilizada pela frota russa em suas atividades, e Kuznetsov, o único porta-aviões russo, mantém com esta relações operacionais essenciais, assim como diversas unidades navais alocadas no mediterrâneo (ROBERTO, 2012). Segundo Roberto (2012), o acesso ao Mar Negro e Mar Mediterrâneo é um recurso de poder essencial para a projeção Russa na Europa - as ações russas na Crimeia no ano de 2014 talvez carreguem forte relação com os objetivos marítimos de Moscou. Pedro, O Grande, já via a importância de evitar o gelo do Mar do Norte e manter proximidade com a Europa, e suas conquistas seriam incrementadas posteriormente por Catarina, que dominaria a região do Mar Negro no século XVIII, anexando a Crimeia no ano de 1783 (ROBERTO, 2012). Para Roberto ,*“Esta questão configura-se, então, como um dos verdadeiros interesses russos por trás da Síria dentro do contexto de ela manter sua posição no Oriente Médio”* (ROBERTO, 2012, p.64). A questão da base de Tartus é citada também por Crosston (2014), segundo o qual o orgulho russo em ser percebido enquanto um poder mundial exige uma presença na região capaz de reforçar sua credibilidade, sendo o porto de Tartus seu único canal de acesso ao Mediterrâneo. Sobre isso, Sladden et al (2017) diriam que a questão Síria

reflete a preocupação russa com o terrorismo internacional e a defesa e expansão de suas bases navais e aéreas em Latakia e Tartus. Proteger esses ativos é primordial para Moscou, pois são as únicas projeções de poder russo significativas no leste Mediterrâneo e Oriente Médio. (SLADDEN et al. 2017, p.5, tradução nossa).

Para Sladden et al (2017), tais bases representam também uma objeção à presença americana e de seus aliados na região - o autor finaliza dizendo que *“mesmo que Moscou não seja devoto ao regime de Assad, como alguns russos declaram, é comprometida com o governo sírio sob o presente regime, assim como sua continuidade”* (SLADDEN et al, 2017, p.5, tradução nossa).

**Figura 5.** Localização de Tartus no mapa sírio.



**Fonte:** Site DW Brasil. Editado pelo autor, 2019.

Uma segunda base militar importante é a de Hmeymim, em Latakia. A base é da força aérea síria, mas atualmente controlada pelos militares russos, e “*organizada de modo a oferecer infraestrutura completa para contingentes militares russos, se transformando no principal centro estratégico para as ações russas na Síria*” (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016, p.195). Tanto Tartus quanto Hmeymim são exemplos da presença geopolítica russa na região síria, presença patrocinada pelo regime de Assad, e portanto dependente, em grande medida, de sua continuidade - esta que se vê ameaçada pelas ações dos insurgentes e *proxys* ocidentais.

Outro elemento de interesse Russo no território Sírio diz respeito à contenção da expansão do radicalismo Islâmico pela região do Cáucaso, percebida como necessária para a manutenção da integridade territorial da parte sul de seu território. Crosston (2014) chama atenção para o que ele chama de *Chechen effect* (efeito checheno), que diz respeito em certa medida à oposição do Ministério de Defesa Russo, encabeçado por Sergei Lavrov, em relação às tentativas de mudança de regime através de apoio a grupos insurgentes parcialmente desconhecidos e possivelmente radicais; oposição decorrente em grande medida do histórico de conflitos do país com grupos islâmicos na Chechênia (CROSSTON, 2014). Para a Rússia, a consequência de mudanças bruscas de regime no Oriente Médio representa, portanto, uma preocupação, na medida em que a expansão do radicalismo ao norte através do Cáucaso

ameaça a segurança de seu território sul.

Enquanto o ocidente tem visto a Primavera Árabe com uma onda de ideais democráticos, a Rússia tem visto a questão cautelosamente como uma potencial “Grande Revolução Islâmica”. Mantendo em mente que os novos regimes no Egito, Tunísia, Iêmen e Líbia não estão exatamente aflorando instituições democráticas e estabilidade, a realidade empírica parece afirmar o ceticismo russo. A questão, desta forma, não é que a Rússia ache Assad superior; é simplesmente que o *status quo* parece menos caótico e perigoso aos interesses Russos. (CROSTON, 2014, p.96, tradução nossa)

O mesmo fator é apontado por Piccolli, Machado e Monteiro (2016), que dizem que a possibilidade de expansão das ações do Estado Islâmico para o Cáucaso e a possível criação de células separatistas na região ao sul da Rússia ameaça a manutenção de seu pacto federativo e integridade territorial.

Outro elemento de interesse, desta vez de aspecto econômico, diz respeito ao panorama energético russo e sua relação com o abastecimento da Europa. Sendo o maior produtor mundial de gás e segundo maior exportador de petróleo do mundo, o setor energético representa dois terços das exportações do país e foi através destes recursos que a economia russa foi capaz de se recuperar nos anos 2000 sob o governo de Putin (ROBERTO, 2012) - os superávits provenientes do setor viriam a financiar todas as áreas da economia do país. Dada a centralidade que o setor energético assume, destaca-se também a importância do controle das rotas de distribuição.

Os países do Leste Europeu e da Europa Ocidental possuem um profundo nível de dependência em relação à energia proveniente da Rússia, visto que Moscou possui papel único como garantidora de fornecimento energético. Deste modo, o Estado russo diversas vezes incitou a manipulação dos termos dos acordos firmados com os países receptores de energia com o intuito de exercer coerção para atingir objetivos políticos específicos. Tal posição é facilitada visto que esse setor do país é controlado pelo governo, via Gazprom, uma empresa estatal russa. (ROBERTO, 2012, p.65)

Em um contexto onde 75% das exportações energéticas russas são para a Europa (ROBERTO, 2012), a manutenção deste mercado representa a garantia de uma posição de poder político. Nesta conjuntura, entram em cena dois projetos conflitantes de abastecimento da Europa. Por um lado, temos o projeto sírio-iraquiano-iraniano de construção de um gasoduto Islâmico de exportação de gás iraniano e russo para a Europa, de outro lado, há um projeto de construção de um gasoduto responsável por abastecer a Europa através de reservas

do Qatar, passando pela Arábia Saudita, Síria, Jordânia, Israel e Turquia (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016), sendo apoiado pelos Estados Unidos e, principalmente, Reino Unido e França (ROBERTO, 2012). Para Roberto (2012), o apoio britânico e francês é explicado através da intenção de verem-se mais independentes da influência da Alemanha, responsável por fornecer energia Russa à França e Reino Unido por meio de acordos energéticos com a Rússia. Um projeto de abastecimento capaz de cortar a dependência energética Russo-Alemã implicaria em maior independência política. *“Esse interesse anglo-francês tem por trás um desejo de se verem mais independentes da influência alemã, já a mais preponderante dentro da União Europeia.”* (ROBERTO, 2012, p.65)

Se levarmos em conta um contexto em que a Síria possua um governo favorável aos sunitas e aos sauditas, e que o Iraque também possua um governo formado pelos sunitas iraquianos, os anglo-franceses poderiam conseguir contratos de exploração de petróleo iraquiano que seria escoado pela Síria, indo direto do Mediterrâneo Leste à Europa, sem passar pelo estreito de Ormuz, sob a influência iraniana. Nota-se o apoio forte do Reino Unido e da França, os quais clamavam por uma intervenção humanitária na Síria muito mais do que os EUA. (ROBERTO, 2012, p.65)

Reiterando a parcela substancial que o setor energético representa na economia russa, é evidente a conclusão de que *“a perda parcial desse mercado acarretaria danos sérios a posição russa”* (ROBERTO, 2012, p.66), assim como a conclusão de que evitar que Assad seja retirado do poder aos moldes da intervenção na Líbia seria evitar o possível (e provável) surgimento de um governo mais favorável ao ocidente e aos interesse americanos e anglo-franceses (ROBERTO, 2012), que seria capaz de modificar a conjuntura de abastecimento energético europeu, atualmente benéfica aos interesses russos. Desta forma, a manutenção e permanência do regime de Assad significa em certa medida a manutenção e permanência do mercado energético russo.

Outro argumento interessante feito por Piccolli, Machado e Monteiro (2016), diz respeito à capacidade que a estabilização do conflito Síria teria de conter os fluxos migratórios para a Europa, o que representaria uma possível moeda de troca do Estado russo em questões relativas à sanções internacionais relacionadas à Ucrânia.

Em termos políticos, evidencia-se a proposição, anti-intuitiva, de que os avanços frente ao EI e a consolidação das forças do governo sírio impactarão na redução do fluxo de imigrantes para o território europeu, podendo este ser utilizado como mecanismo de barganha para a negociação da flexibilização das sanções impostas à Moscou por conta do conflito ucraniano. (PICCOLLI;MACHADO;MONTEIRO, 2016, p.196)

Por fim, Crosston (2014) faz bem em evidenciar as profundas ligações econômicas de Moscou com a Síria, dizendo que a expansão do engajamento econômico é cada vez maior e representa ganhos substanciais em termos de conexão política e influência no Oriente Médio: compra de equipamentos militares de uma crescente indústria militar russa, acordos de cooperação nas áreas de irrigação, energia, indústria metalúrgica, assim como a construção conjunta de instalações hidroelétricas ao longo do rio Eufrates (CROSSTON, 2014). Os dois países também assinaram um acordo interbancário que permite que bancos russos sejam capazes de agir como garantidores e financiadores de projetos conjuntos - anteriormente, somente bancos ocidentais assumiram o papel, tornando os projetos mais caros (CROSSTON, 2014). Para Crosston:

Esses elementos revelam a totalidade dos engajamentos comerciais russos com a Síria. Bem antes da crise atual, a Rússia claramente via a parceria comercial como uma estrada do Oriente Médio rumo à intensificação de sua relevância no palco internacional. (CROSSTON, 2014, p.97, tradução nossa)

Desta forma, a descontinuidade política na Síria representaria a descontinuidade de uma estratégia de influência regional russa intimamente ligada ao corpo político de Assad. Todos estes fatores - *acesso geopolítico ao mediterrâneo, estabilidade da região do Cáucaso, manutenção de cadeias de exportação energéticas essenciais, controle de fluxos migratórios e continuidade de acordos comerciais e econômicos* capazes de incrementar a influência russa na região, representam o grande corpo de interesses russos vinculados em grande medida ao regime de Assad; de forma que a manutenção dos objetivos de Moscou significa a manutenção da estabilidade e *status quo* político do país, combate aos insurgentes e contenção das tentativas ocidentais de mudança de regime defendidas principalmente por Estados Unidos, França e Reino Unido. Ligados às intenções gerais russas de estabelecer-se enquanto um polo de poder do sistema internacional, tais fatores são assim o corpo de interesses do Estado russo no país, sendo a permanência de Assad e estabilização do conflito os objetivos principais a serem observados. Dentro deste contexto, podemos estabelecer a manutenção do *status quo* político de Assad enquanto *objetivo geral*, e a retomada de Aleppo enquanto *objetivo específico*, respondendo assim a primeira pergunta especificada por Nye em um processo de execução de uma estratégia de *smart power*: *que objetivos e resultados são preferidos?* Para além disto, este capítulo foi capaz de estabelecer em certa medida a posição dos alvos - questionamento referente à terceira pergunta de Nye - na medida em que entendemos em algum nível os objetivos e interesses do bloco ocidental.

Resta agora a análise dos recursos disponíveis relativos aos objetivos em termos de *soft power*, orientada pela compreensão conjuntural e estrutural da era da informação enquanto compreendida nos capítulos teóricos, assim como da posição da Rússia nesta conjuntura.

### 4.3 A RÚSSIA NA ERA DA INFORMAÇÃO

Ao falar sobre o aspecto de estabelecimento de agendas do poder relacional, Nye (2011) chama atenção para as restrições criadas aos EUA pela rede de instituições do pós-Guerra, que seriam de acordo com o autor uma das principais fontes de poder e *soft power* do país durante a guerra fria.

Um cientista político de Princeton, John Ikenberry, declara que o poder americano depois da Segunda Guerra Mundial se apoiou em uma rede de instituições que restringiam os Estados Unidos, mas estavam abertas a outros países e, assim, aumentou o poder da América para agir em conjunto com os outros. Esse é um ponto importante na avaliação do poder das nações no sistema internacional atual e uma dimensão importante para a avaliação do futuro dos poderes estadunidense (NYE, 2011, p. 194)

Mas tais considerações podem ser complementadas por um entendimento mais sofisticado e crítico. Uma reflexão inicial nos sugere que Nye (2011) faz certo ao chamar a atenção para a importância das instituições do pós-guerra enquanto fonte de poder de estabelecimento de agendas e ao mesmo tempo enquanto fonte de restrições - na medida em que o conjunto de instituições constrange, em certa medida, a atuação dos Estados em um contexto anárquico. Mas Nye esquece de citar os estrangimentos estruturais colocados sobre o restante do sistema internacional em decorrência do próprio sucesso americano, assim como o protagonismo do país nestas próprias instituições. Ou seja, o contexto liberal-democrático do pós-guerra não restringe a atuação americana na mesma medida em que restringe outros atores do sistema - como já vimos e veremos novamente adiante, as contemplações da diplomacia midiática deixam isto claro em certa medida, ao menos no âmbito da atuação jornalística e midiática.

O próprio Nye (2011) sugere essa realidade, talvez desintencionalmente, ao falar sobre quais países serão capazes de exercer seu *soft power* com *autonomia* no mundo contemporâneo: o autor argumenta que os países mais capazes de ter sucesso na era da informação serão aqueles que se conformam mais facilmente às “*normas globais prevaletentes*” (NYE, 2011, p.122), que enfatizam o liberalismo, pluralismo e autonomia

(NYE, 2011) - ou seja, aquele conjunto de noções que estão em certa medida no âmago ideológico da agenda do pós-Guerra e cujos agentes promotores são os EUA e o conjunto de instituições e conformações cristalizadas no contexto da hegemonia americana, e que hoje representam talvez o que se entende, em certo nível, por *o ocidente*. É interessante (assim como paradoxal), que segundo o autor aqueles países capazes de exercer seu *soft power* com *autonomia* (atenção à ironia do termo) no futuro devam ser justamente aqueles dispostos a adaptarem-se àquilo que pode ser descrito, dentro de seus próprios preceitos teóricos, como o fruto do *estabelecimento de agendas* (poder relacional e velado) que faz parte da esfera de influência daquilo ao qual podemos nos referir, de forma talvez simplista mas ainda legítima, como o grande *soft power* americano. Como Nye (2011) sugere, quando a agenda está estabelecida de uma determinada forma, os interesses de outros atores podem nem mesmo ser considerados. Reciclando uma paráfrase do próprio autor; “*Está implícito no comentário de Lao-Tsé de que um líder não é melhor quando as pessoas obedecem a seus comandos, e sim quando elas mal sabem que ele existe.*” (NYE, 2011, pp.115-116).

Essas consequências institucionais, procedentes de um ponto de inflexão histórico e observadas no pós-guerra, também se manifestaram após a queda da União Soviética, através de um processo gradual de expansão da OTAN (ROACHE, 2019). Uma reportagem de 2019 da revista Time faz um comentário interessante:

Mas o colapso da União Soviética fez o propósito da OTAN menos claro. Inclusive, em 1990, enquanto a Guerra Fria via seu fim, o Presidente Mikhail Gorbachev propôs que a União Soviética ingressasse na OTAN. Naquele momento, Gorbachev negociava a reunificação alemã com o então Secretário de Estado dos Estados Unidos, James Baker. “Você diz que a OTAN não é direcionada contra nós”, ele disse, referindo-se ao rival Pacto de Varsóvia, uma aliança entre a União Soviética e os países comunistas do Leste Europeu, “que é simplesmente uma estrutura de segurança que está se adaptando a novas realidades. Desta forma, propomos juntar-nos à OTAN.”

Baker supostamente descartou a proposta como um “sonho”, mas a mesma circulou diversas vezes desde então. Dar associação à Rússia demandaria que a OTAN [...] se redefinisse fundamentalmente. Ainda assim, nas três décadas desde o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, a OTAN teve de achar uma nova *raison d’être*. (ROACHE, 2016)

A observação de que “*dar associação à Rússia demandaria que a OTAN [...] se redefinisse fundamentalmente*” (ROACHE, 2019), talvez desvele uma realidade fundamental sobre a



razão de ser da OTAN no pós-Guerra Fria. Sobre isso, Silva (2016) comenta:

Essa reinserção foi capitaneada pela possibilidade de adesão da Rússia e das ex-repúblicas soviéticas à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), por meio da consolidação de suas revoluções democráticas (BAKER III, 1993). Entretanto, o Ato Fundador Rússia-OTAN fracassou. Para o Ocidente, o sucesso dependia do avanço da democracia e do livre mercado, mas a Rússia jamais criou as instituições necessárias, devido à falta de vontade política (BAKER III, 2002). Para o Kremlin, a entrada de ex-repúblicas soviéticas na OTAN representou “a perda de sua influência na Europa Central e Oriental e a crescente convicção de que ela não faria parte do grupo das nações do Ocidente” (NASCIMENTO, 2008, p. 81). Este avanço da organização em direção ao espaço pós-soviético (EPS) foi o cenário que caracterizou uma postura conflitante do Estado russo com a mesma. (SILVA, 2016, p.80).

E Nielsen (2018), em um artigo do Foreign Policy Project, publicado pelo Conselho de Política Internacional, esclarece mais profundamente a perspectiva russa:

A admissão de novos países à OTAN e a União Europeia não são vistos no ocidente como uma parte ativa de um cercamento da Rússia. Entretanto, esta é a visão russa, visto que a OTAN e a UE não estão somente se aproximando, mas incorporando antigas repúblicas soviéticas e Estados do Pacto de Varsóvia. Estas regiões, que agora consistem nos Estados Nações independentes do Leste Europeu, ainda são tidas pela Rússia como parte de sua esfera de influência. A mentalidade russa é enraizada em uma visão da política global essencialmente defensiva, em que eles que estão sendo cercados e sua esfera de influência sendo intervida. (NIELSEN, 2018)

Talvez o ponto de inflexão que foi a queda da União Soviética tenha demandado da Organização do Tratado do Atlântico Norte um redirecionamento de sua razão de ser, tendo recaído agora justamente sobre a contenção não mais do *Império do Mal* de Reagan (VOD, 2019), mas sobre o *rogue state* russo de revistas como a POLITICO (CARLIN, 2019), da União Europeia. Essas observações demonstram na prática a atuação de vetores de *hard power* que podem ser descritos também pelos segundo e terceiro aspectos do poder relacional. Mas como Nye (2004;2011) deixa claro, não somente de *hard power* se fez a influência americana no pós-guerra e, neste caso, no pós-guerra fria - a rede de instituições conexas à OTAN representa mais do que seu poderio militar, e no que tange à temática da presente pesquisa, se manifesta através da predominância de uma cobertura midiática ocidental hegemônica que, como a diplomacia midiática demonstra, é muitas vezes alinhada com os interesses de Estado de seus países de origem.

Retomando a ideia de instrumentalização indireta, predominante no mundo liberal-

democrático, é interessante notar que a possibilidade de uso de tal artifício é condicionada pela posição estrutural do país no *regime informacional* ou na *balança de poder informacional* já citada. Dado o contexto do paradigma da mídia privada, os governos que intencionam usar de tal estratégia necessitam de acesso direto a veículos de comunicação de alcance global e de credibilidade estabelecida. Como a maioria das emissoras e entidades midiáticas são de caráter nacional<sup>7</sup>, mesmo que de alcance global (como, por exemplo, a BBC), é quase impossível nutrir esse tipo de relação com corpos de mídia de nacionalidades diferentes (VALENTE, 2007). Levando em conta que uma parcela substancial (e até pouco tempo quase a totalidade) da imprensa de prestígio global tem filiação com o mundo ocidental e anglo-saxão<sup>8</sup>, não é de surpreender que países em posição estrutural desprivilegiada não têm qualquer capacidade de exercer *soft power* midiático através da instrumentalização indireta da mídia privada, e portanto não contam com o efeito nulificador dos obstáculos de credibilidade intrínsecos ao exercício de *soft power* derivados da prática em si e já citados nos capítulos teóricos. O resultado é uma conjuntura de informação em que a cobertura midiática hegemônica é ligada diretamente aos países ocidentais e, mais importante, aos países da OTAN. O já citado efeito de *spillover*, que faz com que informações que têm como fonte os principais veículos de mídia globais fluam com facilidade para coberturas mais locais, combinado com o fenômeno de *aceleração* descrito por Rothkopf (1998) e Valente (2007), contribui para um cenário em que quase a totalidade das narrativas midiáticas e jornalísticas são muitas vezes alinhadas aos interesses ocidentais e, como é mais importante para o nosso caso, aos interesses da OTAN.

Sugere-se então que a consequência desta conjunção de fenômenos, no que tange ao conflito Sírio em específico, é de que a narrativa predominante relativa à questão tende a ser produzida, ao menos em teoria, em paralelo com os interesses do Reino Unido, França e Estados Unidos; e no que tange à Rússia, a instrumentalização da mídia privada está longe de ser uma ferramenta disponível.

Mesmo que seja, neste momento, impossível comprovar de forma contundente - para além de conjecturas teóricas - algum nível de parcialidade na cobertura ocidental em geral, e

7“Por mais que os grandes veículos de presença global atuem em quase todo o globo, ao contrário das transnacionais possuem capitais quase que exclusivamente nacionais. A presença em outros países não se dá por meio de filiais, apenas por pequenos escritórios com investimentos irrelevantes. Todo o investimento em estrutura dessas empresas é feito em seus países de origem, assim como praticamente todos os empregos gerados.” (VALENTE, 2007, p.55)

8“As quatro maiores agências de notícias do mundo, que suprem quase todo o globo com informações, são de origens americana, britânica, francesa e espanhola. Das três maiores redes de TV de jornalismo com abrangência global, duas são norte-americanas e uma britânica.” (VALENTE, 2007, p.55)

este nem mesmo seja nosso objetivo, é interessante notar que a questão é tema recorrente no conteúdo jornalístico do RT. Ao realizar a cobertura de uma discussão da Assembleia Geral das Nações Unidas, a emissora persuade o leitor e busca contrastar a imagem do conflito apresentada pelas emissoras ocidentais e citada pelo porta-voz do Departamento de Estado americano John Kirby com entrevistas realizadas (pelo próprio RT) com residentes de Aleppo durante a retomada pelas forças de governo:

Respondendo a uma questão do ex porta-voz do Iraque nas Nações Unidas, Said Arikat, sobre se ele havia tido chance de olhar para reportagens alternativas mostrando as pessoas celebrando os ganhos recentes do Exército Sírio, o porta-voz do Departamento de Estado John Kirby declarou que “não viu nenhuma dança nas ruas” antes de prosseguir criticando Arikat por dizer que alguns residentes de Aleppo estavam “jubilantes”.

“É, eu acho que talvez você tenha exagerado,” Kirby disse, argumentando que “não se precisa olhar por mais tempo ou mais profundamente do que nas redes de notícias ou na TV à cabo e online neste momento” para ver imagens “muito angustiantes” de Aleppo. Ele seguiu dizendo que “brutalidade, violência e derramamento de sangue, e muitas vidas de famílias destruídas, arruinadas” é “tudo” o que o Departamento de Estado tem visto acontecer lá.

“E francamente, novamente, eu encorajaria você a olhar a CNN hoje e ver por si mesmo as imagens que têm vindo de Aleppo,” Kirby disse, chamando-a de “uma organização de notícias respeitável”.

Eis o que os reais residentes de Aleppo disseram ao RT ao serem questionados sobre a liberação do leste de Aleppo de terroristas e militantes rebeldes, enquanto multidões preenchem as ruas da cidade na segunda-feira cantando, comemorando e atirando ao ar em comemoração.

“Este é o melhor dia da minha vida. Eu não posso acreditar que esse dia chegou! Que Deus abençoe o exército,” uma jovem mulher disse.

“Dois dos meus sobrinhos deram suas vidas lutando por Aleppo. Eu gostaria que eles estivessem aqui conosco para compartilhar dessa comemoração,” outra mulher disse.

“Esta é uma grande vitória, uma vitória para todo o povo da Síria. E esperamos que finalmente traga paz e segurança para nossa cidade,” um homem respondeu.” (RT, 2016, itálicos originais)

Este tipo contexto e construção persuasiva presume e busca capitalizar em uma ideia específica referente ao posicionamento russo na conjuntura da era da informação - o país estaria em uma posição desprivilegiada ou alternativa no mercado de narrativas, paralela à posição muitas vezes desprivilegiada em termos geopolíticos (ao menos em relação à expansão e protagonismo da OTAN em assuntos de segurança). Da mesma forma que “a

*mentalidade russa é enraizada em uma visão da política global essencialmente defensiva*” (NIELSEN, 2018), no que tange à sua posição em termos de diálogo midiático e jornalístico a percepção é em grande medida análoga. Um olhar na lista dos veículos de mídia e emissoras mais influentes do mundo talvez seja capaz de prover alguma justificativa à apreensão russa; os cinco maiores canais de notícias do mundo são ligados (nos termos já descritos) a países ocidentais alinhados à OTAN: BBC, Fox News, CNN, Sky News e MSNBC (ALLREFER, 2016). Neste contexto, para o Estado russo, a disponibilidade de instrumentos práticos em termos de embate informacional parece não passar em momento algum por uma possível visibilidade através da grande mídia privada global; ao contar com a pretensa imparcialidade da mídia ocidental, a voz russa certamente seria notadamente ignorada.

Desta forma, em termos de instrumentos disponíveis as opções russas parecem reduzir-se às categorias *direta* e *estatal*. Neste ponto, presume-se uma ligação institucional sólida entre a emissora RT e o Estado russo. A comprovação desta hipótese pode, para nossos fins, reduzir-se a associações de financiamento, e neste sentido o próprio site da emissora estabelece seu vínculo de forma aberta: “*RT é uma orgnaização autônoma, sem fins lucrativos que é financiada publicamente pelo orçamento da Federação Russa*” (RT, 2019). Para além disso, é importante compreender que a companhia-mãe do RT, a TV-Novosti, é categorizada como uma *Organização Autônoma Não Comercial* (ANO) associada ao Ministério de Justiça e sendo quase totalmente financiada pelo orçamento de Estado (superior a 99% do total) (NIMMO, 2018). Evidentemente, a comprovação definitiva do RT enquanto ferramenta de *soft power* deve passar necessariamente pela análise aprofundada das variáveis de diplomacia pública, e portanto a caracterização da emissora enquanto instrumento *direto* ou *estatal* não pode ser estabelecida puramente por uma relação de financiamento - esta relação meramente sugere, direciona e complementa a análise subsequente das variáveis necessárias.

Outra perspectiva de análise interessante capaz de complementar o entendimento acerca da colocação russa no mercado de ideias da mídia global e o possível papel do RT enquanto recurso neste contexto é a consideração do contraste entre o caso da Geórgia em 2008 e o próprio caso sírio a partir de 2015. Nye (2011) cita o caso da Geórgia não somente como evidência da preponderância do *hard power* russo sobre o *soft power*, mas como exemplo da incapacidade do país em justificar suas posições de política externa aos olhos da população global, apesar de ser capaz de controlar sua mídia doméstica:

O presidente georgiano Mikhail Saakasvili usou sua fluência em inglês para dominar

a cobertura no resto do mundo. “A relutância do Kremlin em reunir apoio à sua posição com a mesma intensidade com que enviou tanques para a Geórgia oferece uma ideia sobre sua visão de mundo”. O poder militar russo dominou, mas a Rússia não foi tão hábil em utilizar o poder brando para consolidar sua vitória militar. (NYE, 2011, p.13)

Curiosamente, o RT foi fundado em 2005 (RT, 2019) e em 2008, quando da invasão da Geórgia, não possuía a audiência nem a influência online que detém hoje. Outra agência de notícias russa de grande influência atualmente (que possui inclusive um escritório regional brasileiro), o Sputnik, só seria criado em 2014 (SPUTNIK, 2019). Não parece exagerado assumir que a Rússia não possuía em 2008 os artifícios de projeção internacional de *soft power* que, em hipótese, possui atualmente, de forma que uma consolidação cooptativa tal como a citada por Nye (2011) era substancialmente mais difícil no contexto de um país desprovido de veículos de comunicação internacionais de “língua franca” inglesa. As posições e coberturas globais se limitavam aos providos pelos grandes canais de TV à cabo com sede nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e o ocidente em geral, tais como CNN ou BBC. Já no caso sírio, tanto o RT quanto o Sputnik viriam a realizar coberturas extensivas do conflito e da intervenção russa, e ambos seriam atacadas pelo ocidente como instrumentos de *propaganda*, evidenciando que a cobertura foi significativa ao menos ao ponto de chamar a atenção dos oficiais e do *mainstream* ocidental. Esse contraste entre uma atuação de política externa desprovida de um mecanismo auxiliar legitimatório em um contexto de isolamento do *mainstream* midiático global, e a hipótese de que tanto o RT quanto o Sputnik tenham sido capazes de preencher vácuos de informação no contexto do papel russo na Síria, é emblemático da problemática geral referente à posição russa na era da informação - uma posição análoga ao diagnóstico de Piccolli, Machado e Monteiro (2011) ao se referirem à postura geopolítica russa: *reativa-defensiva*. Essa conclusão, como veremos mais adiante, tem relação direta com o tipo estratégia de conversão utilizada no âmbito da cobertura do RT em Aleppo em termos de quais variáveis de diplomacia pública receberam prioridade na prática. No mais, a experiência na Geórgia talvez indique à Rússia qual estratégia é mais sustentável e tem maior probabilidade de sucesso a longo prazo - quarta pergunta de Nye - na Síria: o puro *hard power*, ou uma combinação inteligente de *hard power* e *soft power*? O segundo caso parece ser o caso mais indicado.

Estas considerações nos indicam que, na hipótese de uma atuação de *soft power* através da mídia, a Rússia têm como recursos disponíveis - no contexto do paradigma das mídias privadas de hegemonia ocidental - os artifícios de uma mídia *direta* e *estatal*; o que

responde à segunda pergunta estabelecida por Nye (2011): quais recursos estão disponíveis e em que contexto.

#### 4.4 O RT NA TOMADA DE ALEPPO

É evidente que não cabe aqui uma análise focada de cada uma das 47 matérias da emissora referentes ao caso dentro do período especificado. Ainda assim, é importante extrairmos da amostra, como forma de gerar um entendimento claro em relação à metodologia, uma seleção de elementos capazes de exemplificar cada uma das variáveis de maneira tangível e o ângulo em que foram abordadas na pesquisa. Em anexo estará disponibilizado uma listagem não somente da alocação das variáveis em relação a cada notícia/reportagem específica, mas uma lista de observações curtas sobre a relação de cada uma com o conteúdo do objeto - assim como a forma com que cada variável foi capaz de interagir entre si para criar uma avaliação final de favorabilidade -, assim como uma listagem das notícias em si, linkadas e numeradas cronologicamente na ordem em que aparecem no site do RT. Nesta sessão, para além dos já referidos exemplos, serão apresentadas somente demonstrações estatísticas gerais na medida em que se dá necessário ao processo comprobatório da pesquisa.

As notícias/reportagens foram analisadas tendo como base não somente as variáveis de atração positiva da diplomacia pública (*benignidade, competência, carisma*), mas também as categorizações de círculos concêntricos de Nye (*comunicação diária, comunicação estratégica e desenvolvimento de relacionamentos de longo prazo*). Para além disto, foram observadas também a natureza das fontes, como forma de comprovar (para além das já tratadas relações institucionais de financiamento), mesmo que em nível reduzido e complementar - afinal de contas caberia, talvez em uma pesquisa futura, uma análise mais aprofundada de cada fonte, assim como o peso particular de cada uma na narrativa -, a categorização da prática enquanto *indireta*, ou *direta* e/ou *estatal*, tendo em vista a predominância de determinado tipo de fonte (*aberta* ou *fechada*). O processo de análise feito nestes termos leva a uma classificação ou avaliação final de cada matéria enquanto *favorável* (aos objetivos e interesses russos já estabelecidos), *neutra* ou *desfavorável*. A predominância de uma cobertura favorável é indicação do uso estratégico da diplomacia pública, comprovando assim uma estratégia de *soft power*, e portanto *smart power*. Foi observado também a possível presença de elementos condizentes com categorias de uso político da mídia

enquanto descritas pela escola de diplomacia midiática e para além da diplomacia pública (diplomacia indireta na mídia e diplomacia feita pela mídia).

No que tange às variáveis de diplomacia pública, podemos iniciar pela categoria de benignidade, definida como a relação que o agente cria com outros, e seu potencial de gerar simpatia, credibilidade e confiança (NYE, 2011). É evidente que nesta variável existe implícito um elemento moral notavelmente forte: apelos à benignidade implicam em ações definidas como bondosas, caridosas e condizentes com o que se entende comumente como o moralmente correto. No que tange a um conflito armado, tais características geralmente se manifestam enquanto um sentimento de atenção e preocupação para com a população civil, em especial mulheres e crianças. O uso de terminologias como *libertar* para se referir à intervenção em relação à população civil tem implícito não somente uma ideia de *aprisionamento* - o que culpabiliza a oposição -, mas também uma ideia de salvação: libertar implica em um libertador. A relação dialética entre *cativeiro* e *libertação* é bastante presente nas instâncias de benignidade, temos como exemplo esse trecho de uma entrevista com um civil sírio extraído da reportagem nº. 36 (listagem em anexo):

“Quando vemos as pessoas escapando do cativeiro e correndo em direção à segurança e assistência médica disponibilizada pelo governo sírio e até mesmo pelo governo russo. Isto é estar seguro e isto é segurança. Eles sabem disso. É por isso que eles estão celebrando, é por isso que vemos pessoas dançando nas ruas”, ele disse.” (RT, 2016, tradução nossa)

Outro exemplo de benignidade diz respeito justamente a questões humanitárias - auxílios humanitários em termos de suprimentos, hospitais, abrigos e alimentação enviados pelas forças russas e de governo são exaltados com alguma frequência nas matérias. Por fim, um elemento de benignidade que permeia toda a questão é justamente a ideia de *aliança* e *ajuda* implícita no papel Russo: a intervenção direta que teve início em setembro de 2015 dá suporte à ideia de auxílio internacional de um país amigo, o que em geral é um elemento de benignidade por si só, mas em uma escala mais elevada. Todas as matérias contendo tais elementos (libertação, ajuda humanitária e ajuda internacional) foram categorizadas como possuindo características de benignidade. Entrevistas com civis também frequentemente apresentam elementos de benignidade, também nos termos já descritos. Na reportagem nº. 46 temos uma entrevista em vídeo com uma menina como exemplo:

Figura 6. Entrevista, reportagem nº 46.



Fonte: RT, 2019, captura de tela do autor.

Em relação à competência, que se refere a como o agente faz as coisas (NYE, 2011), sugestões de capacidade técnica, eficiência, especialidade e vocação direcionadas às forças russas ou sírias foram enquadradas na categoria. Referências à eficiência das forças de governo em retomar áreas rebeldes, operações de desativação de minas terrestres, tecnologias de fiscalização com drones, reconstrução de infraestrutura urbana, esforços de construção de hospitais móveis, rotas de evacuação cuidadosamente planejadas, restituição de energia elétrica e rotas de abastecimento foram enquadradas enquanto exemplos de apelo à competência. Um exemplo pode ser um trecho extraído da reportagem nº. 25:

Militares russos do Centro Internacional de Ação com Minas continuam a desativar as minas dos bairros do leste de Aleppo que foram liberados de terroristas e militantes rebeldes.

“Em 24 horas, eles limpam uma área total de 7,1 hectares, uma escola, uma mesquita, um jardim de infância, um posto de polícia e cerca de 3,5 quilômetros de estradas,” disse Konashenkov. Mais cedo, o chefe do Centro Internacional de Ação com Minas, Igor Mikhailik, disse que os especialistas estavam encontrando “em média, de 50 a 100 casos por dia. Cerca de metade destes são dispositivos explosivos improvisados - incluindo minas terrestres guiadas por fios e rádio - feitos por militantes para uso em diversas circunstâncias.” (RT, 2016, tradução nossa)

Ou outro extraído da reportagem nº. 20:



Enquanto isso, comentou o Centro, especialistas russos continuam a remoção de IED's e minas nos distritos, limpando completamente uma área de cerca de 60,000 metros quadrados.

Especialistas militares também retiraram minas e restabeleceram o centro de bombeamento de água em condição funcional, assim como duas usinas, duas escolas e duas mesquitas. (RT, 2016, tradução nossa)

Quanto à variável de *carisma/beleza*, que apela a valores, ideias e atrai por inspiração e admiração, não foi observado nenhum caso no conjunto de 47 reportagens que, a nosso ver, pudesse ser enquadrado na categoria. Em momento algum a cobertura faz referência a valores e ideais particulares russos ou sírios, para além, claro, de noções valorativas implícitas nos casos de benignidade e que não representam de forma alguma uma qualidade distinta de algum dos países capaz de configurar um elemento de carisma. Desta forma, não temos aqui um exemplo, mas vale observar a tendência da cobertura em focar-se nas primeiras duas variáveis de atração positiva.

O elemento de persuasão, por sua vez, representou a variável mais presente na amostra analisada, podendo ser identificada em 28 das 47 notícias e reportagens. A justaposição de argumentos e contra-argumentos, assim como a apresentação dos fatos objetivos e da materialidade do conflito em contraste às posições ocidentais, orientada de uma maneira crítica e apelando à racionalidade, é excepcionalmente presente na cobertura. Em diversos momentos as posições políticas oficiais, inteligência e coberturas midiáticas ocidentais são contrapostas a elementos que as contradizem de alguma forma, de modo a persuadir o leitor. Muitas vezes, as circunstâncias são interpretadas de maneira a criticar e culpabilizar países específicos (principalmente os EUA) e organizações internacionais, ao mesmo tempo em que justificam receios e objetivos russos, através de hipóteses e conjecturas que, embora não comprováveis, possuem algum suporte suficiente na materialidade da situação - ao menos para configurar um elemento de persuasão. A reportagem nº.30, que em dado momento busca contrastar a visão do Secretário de Estado americano John Kerry com relatos e entrevistas (de fonte aberta e em vídeo) com residentes de Aleppo, é um exemplo notável:

Falando com repórteres no Departamento de Estado na terça-feira, Kerry acusou o governo sírio de realizar “ataques continuados, de forma implacável e imperdoável...direcionados à população civil de Aleppo, incluindo mulheres, crianças, trabalhadores humanitários e funcionários médicos.”

“O que queremos em Aleppo neste momento...é um cessar imediato e verificável das

hostilidades,” ele disse. “Queremos passagem segura, corredores de evacuação...tanto para civis quanto para combatentes que escolham evacuar da cidade.”

Kerry estava aparentemente inconsciente do fato de que hostilidades em Aleppo já haviam cessado, enquanto os últimos militantes aceitavam os termos de rendimento oferecidos pelo exército sírio e concordavam em evacuar a cidade.

Enquanto reconhecia que um comboio de 1000 pessoas já está a caminho da Turquia, Kerry mencionou “relatos de que um comboio com pessoas feridas recebeu disparos do regime”. Residentes de Aleppo, entretanto, disseram a Lizzie Phelan, do RT, que tais relatos surgiram antes que qualquer veículo deixasse os bairros controlados pelos militantes, e que eles não ouviram qualquer disparo que seja. (RT, 2016, tradução nossa)

Por vezes, os elemento de persuasão estão presentes na resposta de um especialista entrevistado. Algumas vezes opiniões opostas são apresentadas, de forma que o elemento persuasivo presente não pode ser caracterizado necessariamente enquanto determinante de uma inclinação favorável, dada a presença de um contraponto capaz de neutralizar qualquer parcialidade (algumas reportagens específicas, tais como a nº 11 e a nº16, são exemplos desta ocorrência) - entretanto, na maioria dos casos um ângulo único e favorável está presente. Um exemplo de elemento persuasivo observável em uma entrevista é o da reportagem nº. 27. Ao questionar o ex Ministro das Relações Exteriores italiano Franco Frattini sobre o por quê dos esforços do governo sírio não receberem apoio dos países ocidentais, a resposta de Frattini foi como segue:

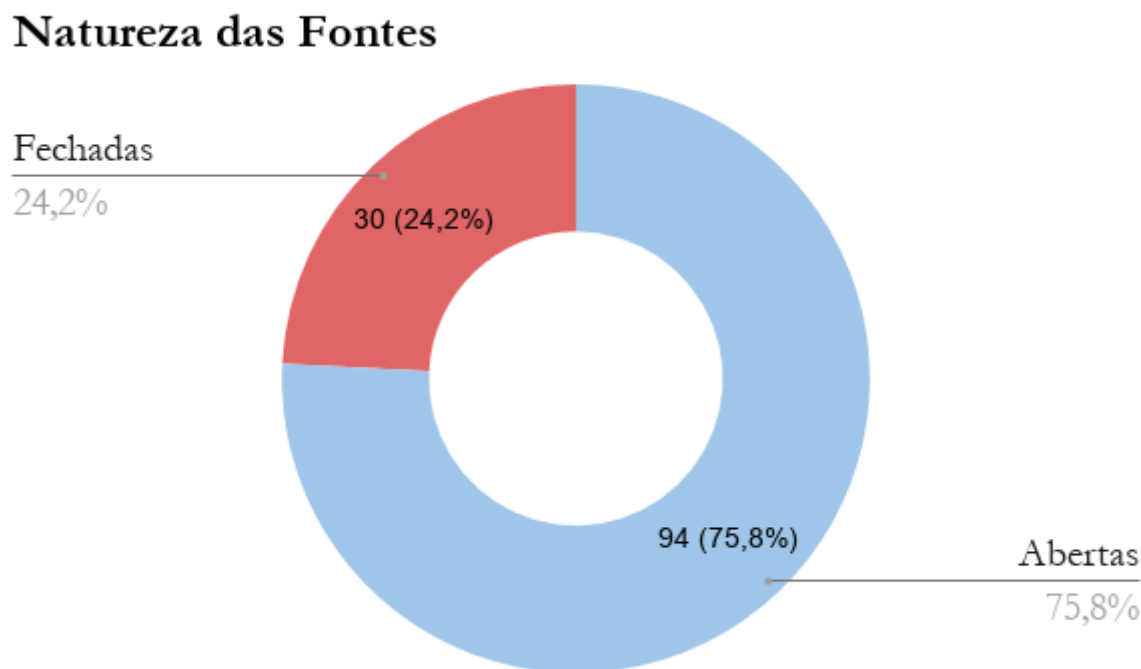
Existem muitas razões para isso. A liderança em Damasco está sendo considerada como a única responsável pela crise, mas infelizmente este não é o caso. Porque temos visto esses assim chamados rebeldes, que eu considero muito próximos de terroristas que matam civis inocentes, usando civis como escudo humano e bloqueando até mesmo a evacuação de crianças e mulheres do leste de Aleppo. Muitas pessoas que têm feito propaganda contra o regime de Damasco tiveram sucesso em assegurar ao resto do mundo que o líder, Presidente Assad, é o único responsável pela crise. Mas claro, a coalizão ocidental deveria estar fazendo muito mais para cooperar com forças internacionais tais como a Federação Russa, que quer combater, primeiramente, o terrorismo. Então o destino do Presidente Assad seria decidido através de uma transição política. E colocar uma pré-condição de que Assad deva deixar o poder amanhã não é realista, é simplesmente errado. (RT, 2016, tradução nossa)

Para além das variáveis de atração positiva e persuasão, analisamos a natureza das reportagens em relação às categorias dos círculos concêntricos da diplomacia pública de Nye

(2011). As matérias relativas a um evento militar, político ou de política externa específicos que buscassem esgotar a temática a estes referentes foram interpretadas como comunicação diária, tendo em vista a caracterização de comunicação diária, tanto por Nye (2011) quanto por Valente (2007), enquanto uma categoria de diplomacia pública que busca preencher vácuos de informação referentes a eventos do presente e garantir que as posições e interesses do agente sejam esclarecidas em um contexto de múltiplas fontes e vozes. Este tipo de cobertura vista assim remediar os efeitos dos fenômenos de *aceleração* e *amplificação*, e, no contexto do RT, até mesmo *aumento de assimetrias*. Em um contexto onde a informação é transmitida com velocidade e intensidade nunca antes vista, e onde uma hegemonia midiática ocidental é presente, a demanda dos agentes não hegemônicos por um canal de comunicação capaz de garantir a manutenção de uma posição e narrativa comum e condizente com a posição oficial é essencial - é neste sentido que a comunicação diária se torna importante. Preencher os vácuos de informação é fundamental. As matérias que não se referem a eventos específicos e não buscam preencher vácuos de informação, mas ao mesmo tempo possuem uma temática reconhecível e são orientadas de acordo com um possível interesse estratégico observável, foram enquadradas enquanto comunicação estratégica. Algumas entrevistas e reportagens mais gerais assumiram essa forma, e os detalhes referentes ao processo de classificação podem ser observados nos anexos.

Em relação às fontes, o critério usado foi o descrito por Valente (2007): fontes que omitem o nome do responsável, e contam somente com o organismo oficial ou entidade responsável pelo dado (talvez como forma de prover credibilidade à informação), são consideradas como *fechadas* - o mesmo se aplica a entrevistas até mesmo com civis, cujo nome do entrevistado ou filmagem está omitido ou inexistente. Quando o nome do indivíduo, documento de origem, ou até mesmo outra reportagem usada como fonte está presente, esta foi considerada como *aberta*. Os resultados neste sentido foram interessantes: dentro da amostra de 47 notícias, identificamos 94 fontes *abertas* e 30 fontes *fechadas* (com uma média de 2 e 0,6 por matéria, respectivamente)- a informação defende a hipótese de que o RT pode ser melhor caracterizado, caso seja o caso, enquanto resultado de uma instrumentalização *direta* ou mídia *estatal*, tendo vista que o uso de fontes *fechadas* como artifício de credibilidade é, de acordo com Valente (2007), uma estratégia de conversão mais utilizada no contexto dos países liberais-democráticos ocidentais com acesso à grande mídia privada tradicional. Essa informação complementa a já estabelecida relação institucional de financiamento.

**Figura 7.** Gráfico. Natureza das Fontes



**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2019.

É importante notar que uma análise mais aprofundada e qualitativa de cada fonte individual é pertinente, assim como do diferente peso de cada fonte em relação ao argumento ou narrativa apresentada. Entretanto nos limitaremos aqui meramente a esta apresentação quantitativa breve.

Antes de partir para a apresentação dos resultados relativos às variáveis principais, vejamos brevemente uma consideração de caráter semântico que pode ser introduzida por um trecho da reportagem nº. 33. Em uma entrevista concedida ao RT por Catherine Shakdam, do Instituto de Estudos do Oriente Médio Shafaqna, a especialista faz uma observação relativa à terminologia usada para referir-se às forças de oposição:

O problema primeiramente é que eu não gosto de os chamar de “rebeldes”, para mim eles são terroristas. O problema é que esses radicais são absolutamente inclinados a infligir o máximo de sofrimento que eles podem em civis. E você pode ver o fato de que eles sequestraram e tomaram de refém duas vilas...porque eles estão tentando mirar em pessoas que eles rotularam de infiéis. (RT, 2016, tradução nossa)

A questão referente à terminologia é interessante, pois a princípio podemos assumir que a predominância de termos considerados pejorativos são indicação de algum nível de

parcialidade - sendo, desta forma, um critério útil ao tentarmos estabelecer uma favorabilidade geral na avaliação final, mesmo que exógeno ao marco teórico usado de base. Entretanto, uma análise cuidadosa da terminologia usada ao longo das 47 matérias nos mostra que termos tidos como neutros são mais presentes. Trabalhamos com 2 grupos de vocábulos, um categorizado como *neutro* e outro como *desfavorável* ou pejorativo, e identificamos para cada grupo 3 vocábulos distintos usados para identificar as forças de oposição ao governo. No grupo *neutro* temos os termos *rebelde*, *oposição* e *militante*, e suas variações gramaticais. No grupo *desfavorável* temos os termos *extremistas*, *terroristas* e *radicais* e suas variações gramaticais. Os resultados da investigação nos apresentou o seguinte conjunto de dados breves:

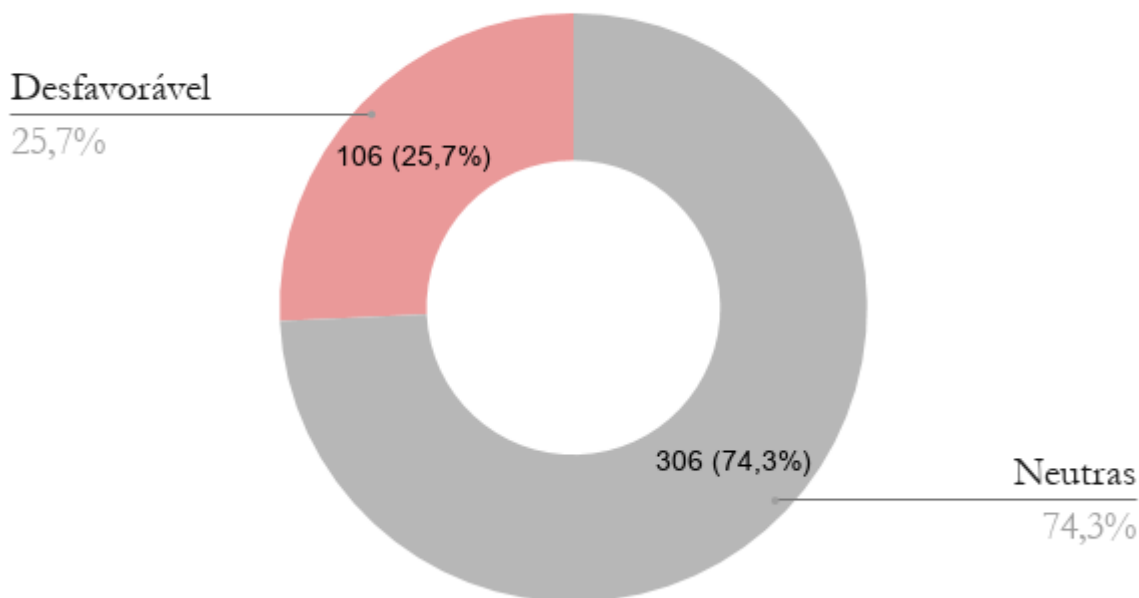
**Figura 8.** Terminologias

Rebeldes	107
Oposição	58
Militantes	141
Extremistas	5
Terroristas	78
Radicais	23

**Fonte:** Elaboração do autor, 2019.

**Figura 9.** Gráfico. Terminologia Direcionada à Oposição

## Terminologia Direcionada à Oposição



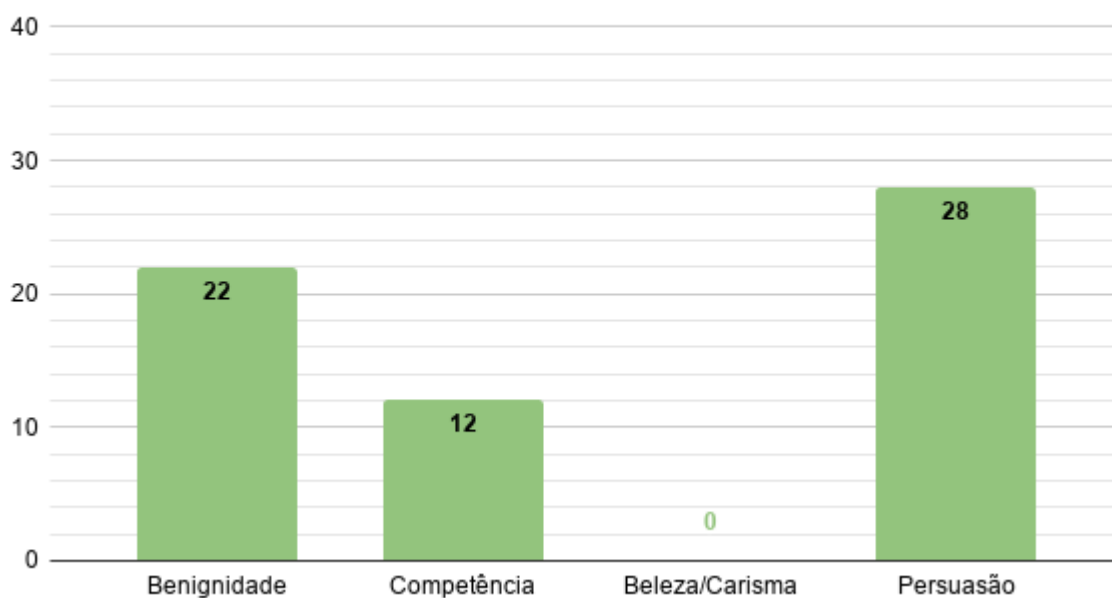
**Fonte:** Elaboração do autor, 2019.

Estes resultados nos sugerem que, embora uma intuição inicial possa propor que o artifício da semântica seja uma ferramenta esperada, tal noção não é corroborada pelos dados concretos. Se existe algum elemento capaz de indicar uma favorabilidade relativa aos objetivos e interesses estabelecidos russos, ele não se encontra na terminologia usada nas coberturas, mas sim em outros elementos. Neste sentido, as variáveis de Nye nos pareceram com o ferramental apropriado, pois em relação às variáveis de diplomacia pública, os resultados foram totalmente opostos.

A análise aprofundada da cobertura nos apresenta um conjunto de dados rico em variáveis de atração positiva e persuasão. Das 47 notícias analisadas, 22 apresentaram características marcantes de benignidade, 12 de competência e 28 de elementos acentuados de persuasão - sendo assim esta última a variável mais presente. A variável de carisma/beleza não foi observada em nenhum dos casos.

**Figura 10.** Gráfico. Elementos de Atração Positiva e Persuasão

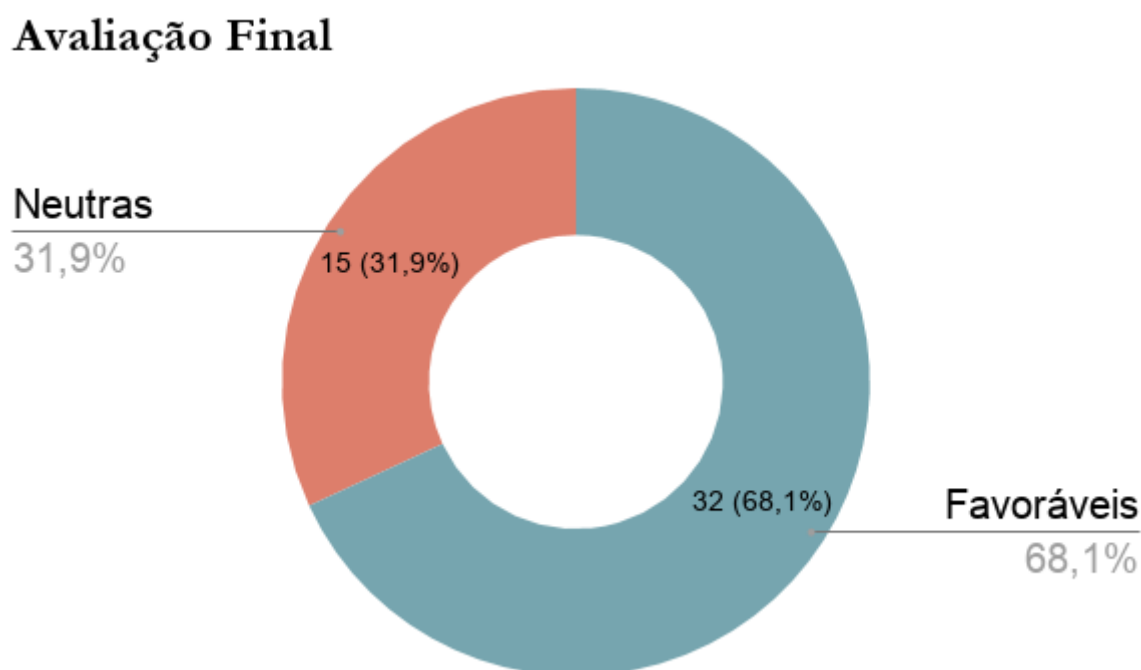
### Elementos de Atração Positiva e Persuasão



**Fonte:** Elaboração do autor, 2019.

As variáveis foram analisadas em conjunto em cada caso. Em diversas instâncias matérias foram consideradas neutras ainda que apresentando até mesmo mais de um elemento de atração positiva ou persuasão, em decorrência da presença de elementos opostos - posições contrárias - capazes de produzir uma impressão geral de neutralidade. Em contraposição, algumas matérias, mesmo apresentando visões opostas e talvez somente uma das variáveis vistas acima, têm a presença desta variável de forma tão marcante que um juízo de favorabilidade ainda assim foi indicado. É evidente que uma análise deste tipo não é totalmente desprovida de subjetividade; por esta razão as matérias, assim como a seleção de variáveis e comentários resumidos relativos a cada uma, foram disponibilizados de forma listada em anexo. Ao fim, a análise da relação entre as variáveis em cada matéria nos levou a uma avaliação final tal como segue:

Figura 11. Avaliação final.



Fonte: Elaboração do autor, 2019.

32 matérias foram consideradas *favoráveis* aos objetivos e interesses russos, enquanto 15 foram consideradas *neutras*. Não observamos a existência de nenhuma matéria que pudesse, de acordo com os critérios teóricos adotados, ser enquadrada enquanto *desfavorável*.

No mais, é notável a predominância de elementos de persuasão. A favorabilidade observada não tem como sua base mais sólida noções moralizantes - tal como se esperaria de uma cobertura dominada por elementos de benignidade - mas sim o uso da racionalidade, convencimento e contraposição de argumentos e contra argumentos como forma de sustentar uma posição *alternativa*, destoante da narrativa percebida pela emissora e pela Rússia como predominante. O padrão de persuasão da cobertura da tomada de Aleppo, neste caso, segue uma postura de oposição e contraste em relação a uma visão do conflito tida como estabelecida e dominante, e que tem como fonte (ao menos na visão da emissora) as redes ocidentais tradicionais e os interesses dos países da OTAN. A prevalência destas temáticas, apresentadas sempre através de elementos de persuasão, são condizentes tanto com a percebida posição geopolítica *defensiva-reativa* russa quanto com a noção de hegemonia informacional da mídia ocidental apresentada pela diplomacia midiática. Essa conjuntura exige uma relação dialética de *ponto e contraponto* como forma de dar luz a uma



apresentação dos fatos que, de acordo com o próprio RT, é em essência alternativa.

Por fim, o sincronismo entre os objetivos gerais e específicos russos e a favorabilidade da cobertura de uma emissora com ligações institucionais com o Kremlin, demonstrado através dos termos da diplomacia pública de Nye, corrobora a hipótese do RT enquanto um instrumento de *soft power* poderoso. Poderoso tendo em vista a audiência e alcance global da emissora, com suas mais de 100 milhões de visualizações semanais, sendo 45 milhões do total localizados só na Europa (RT, 2016). A emissora parece, no mais, perfeitamente consciente do seu papel - ou ao menos trata a questão de forma cômica e relativamente aberta. Na loja oficial do site, pode-se encontrar adesivos que fazem alusão direta à ideia da emissora enquanto instrumento de *soft power*.

**Figura 12.** I'll Show You Soft Power!

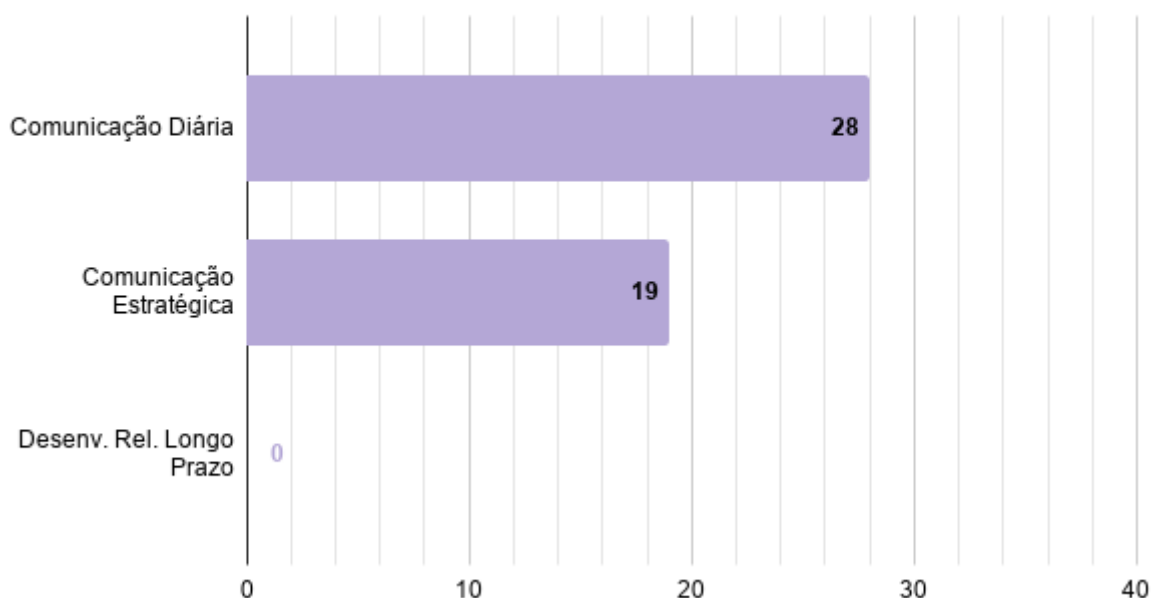


**Fonte:** Loja do RT, 2019.

Em termos de círculos concêntricos, os dados são como segue:

**Figura 13.** Gráfico. Círculos Concêntricos

### Círculos Concêntricos



**Fonte:** Elaboração do autor, 2019.

Não foi observado nenhuma ocorrência de desenvolvimento de relacionamentos de longo prazo, o que é esperado, afinal a própria natureza e escopo da atuação midiática pressupõe uma ação de curto prazo e orientada pela produção rápida de informação estratégica, enquanto a categoria de relacionamentos de longo prazo talvez esteja reservada para vínculos acadêmicos, institucionais e de *know-how*.

Já estabelecemos o RT enquanto instrumento de diplomacia pública. A Diplomacia Midiática compreende a diplomacia pública somente como uma das três categorias possíveis de o que Valente compreende como os tipos de uso político da mídia pelo Estado, sendo as outras duas a *diplomacia indireta na mídia* e a *diplomacia feita pela mídia*. Na amostra de 47 notícias analisadas, não observamos nenhum caso de diplomacia feita pela mídia - a emissora assumiu somente o papel jornalístico passivo, sem protagonismo algum em termos de atuação diplomática. Entretanto, na matéria nº. 5 temos um caso que talvez possa ser enquadrado enquanto um exemplo de diplomacia indireta na mídia, mesmo que de forma não muito marcante. Valente (2007) deixa claro que a categoria compreende não somente declarações,

posicionamentos e ultimatots, mas também a cobertura direcionada de eventos diplomáticos específicos como forma de publicização e legitimação aos olhos da comunidade internacional.

A matéria nº.5 chama atenção para a importância e busca legitimar as negociações diplomáticas entre a Rússia e a oposição síria, tratando da retirada dos rebeldes de Aleppo - as negociações não viriam a ter resultados notáveis, mas a matéria trata especificamente do caso. Porém, a reportagem talvez assuma mais a forma de diplomacia midiática padrão do que diplomacia indireta pela mídia, dada a presença de alguns elementos indicativos de benignidade e persuasão. Ainda assim, é o caso mais próximo de diplomacia indireta na mídia dentre os 47 analisados, e por esta razão digno de nota, e desta forma categorizado.

No mais, é pertinente uma análise complementar de alguns elementos e particularidades da atuação russa em relação a certos arrolamentos teóricos já descritos. Nos parece evidente que, muito embora - tal como tentamos em certo nível demonstrar - tanto a Rússia quanto o *ocidente* possuem (no primeiro caso como aqui demonstramos, e no segundo enquanto hipótese sugerida pela teoria) artifícios de *soft power* atuantes no conflito, tais atuações nos parecem distintas, em certa medida, em termos de poder relacional. A hegemonia informacional sugerida pela teoria, em conjunto com as considerações posicionais da Rússia, seus instrumentos de escolha e suas estratégias de conversão, nos indicam uma distinção essencial na natureza de poder exercido pelo Kremlin em relação ao ocidente. A capacidade de constranger e delimitar o terreno de considerações e negociações, definindo o discurso dominante e impondo possíveis constrangimentos aos ‘desertores’ coloca a atuação de poder ocidental enquanto mais próxima de um *controle e regulação de agendas* – enquanto no caso Russo, a demonstrada postura persuasiva, antagonista e *contrapontual* é indicativa de uma tentativa de *estabelecimento de preferências*. É evidente que a linha entre os dois tipos de poder relacional é tênue e as categorias são intercambiáveis, mas nos parece que, em grande medida, a distinção estrutural em termos de posição de poder entre o que entendemos aqui por *ocidente* e a Rússia permite que as atuações de poder possam ser descritas, de maneira geral, desta forma.

Essa configuração de posicionamentos de poder também é responsável por explicar não somente o tipo de instrumento (*direto e/ou estatal*) e estratégia (predominantemente *persuasiva*) empregado pelo Kremlin, mas também as dificuldades particulares do país em termos de implementação de *soft power* na mídia. A necessidade de manejar um veículo de mídia, por necessidade ligado diretamente ao Estado, no contexto paradigmático da mídia privada, amplifica as dificuldade já intrínsecas ao exercício do *soft power* – a emissora, assim

como a atuação geral russa, é desta forma um alvo mais fácil em termos de ataques de credibilidade e até mesmo sanções econômicas diretas. A agência reguladora de mídia Ofcom do Reino Unido condenaria repetidamente o RT (TURVILL, 2012), ao mesmo tempo em que as contas bancárias da emissora seriam bloqueadas no país no ano de 2016 (OSBORNE, 2016). Nos Estados Unidos, a emissora teria de se cadastrar como um ‘*agente estrangeiro*’ caso quisesse continuar suas operações no país (GIBSON;STUBBS, 2017)<sup>9</sup>. Tais fatos demonstram a dificuldade particular de projeção midiática com que países alheios ao centro hegemônico precisam lidar caso optem por uma instrumentalização direta ou mídia estatal (que, ao que parece, tendem a ser quase as únicas opções), em particular caso seus instrumentais sejam capazes de atingir uma parcela substancial da população-alvo, como é o caso do RT.

Este distanciamento entre a Rússia e o ‘mundo ocidental’ também se manifesta no âmbito das comunicações em rede, tal como descritas em Nye. Ao mesmo tempo em que Nye (2011) sugere que o estabelecimento de redes de comunicação capazes de permitir dissidências internas autônomas (como, por exemplo, redes sociais) possa ser uma fonte de credibilidade, a abordagem aparentemente se transforma em uma crise de segurança nacional quando a dissidência não serve ao interesse nacional ou diz respeito à capacidade de outros atores do sistema de contribuir ao discurso dentro da mesma rede de comunicação. A participação de emissoras e entidades de mídia estrangeiras em redes sociais durante as eleições presidenciais de 2016 deu origem a um processo de investigação encabeçado por Robert Mueller com a finalidade de estabelecer possíveis ligações entre o então Presidente-eleito Donald Trump (que teria sido supostamente beneficiado pelas intervenções russas) e elementos russos. O processo, já em 2019, falharia em encontrar qualquer evidência contundente de conluio entre o presidente Donald Trump e o Estado russo, mas continuaria a reafirmar supostas tentativas deliberadas de influência Russa, tanto através de supostos ataques hackers quanto por meio de influência midiática e um suposto ‘*exército de trolls russos*’ (NAKASHIMA, 2019; WOLF, 2019), que viria a ser supostamente o alvo de uma operação de ataque cibernético do Comando Cibernético dos Estados Unidos durante as eleições de 2018 (NAKASHIMA, 2019). Não parece descomedido assumir que seja mais provável que a ideia de um “*exército de trolls [...] pagos pelo governo [russo]*” (ICA 2017-01D, 2017, p.7, tradução nossa) seja uma tentativa de atacar a credibilidade de dissidências autônomas e descartá-las como agentes russos, do que o Estado russo efetivamente possuir

<sup>9</sup>Tais ações são similares à reação americana em relação ao canal Al Jazeera, que seria proibido de operar nos EUA durante a guerra do Iraque (VALENTE, 2007).

armazéns cheios de *trolls* postando no Facebook e em sessões de comentários do Youtube supostamente defendendo os interesses do Kremlin. Nos parece um alocamento no mínimo peculiar dos recursos de Estado. A conclusão neste ponto é: não é imoderado assumir que o mesmo tipo de perspectiva possa ser adotada pelos países ocidentais no caso da cobertura do RT sobre o conflito sírio, indicando que a mesma dificuldade encontrada pela emissora de forma geral pode se reproduzir em ambientes de comunicação em rede, onde a descentralidade em teoria abre espaço para dissidências internas e externas. Tais considerações estão em harmonia com a nossa conclusão secundária de que o *soft power* russo é essencialmente reativo. No mais, as reações exacerbadas de organismos oficiais americanos e ocidentais servem, em algum nível, como elemento comprobatório da efetividade da atuação de *soft power* russa através do RT, mas neste sentido pesquisas específicas são necessárias.

## 5. CONCLUSÃO

A concepção de poder relacional de Nye abriu caminho para um entendimento do poder focado em estratégias de conversão, em oposição a simples recursos quantitativos, e as noções de estabelecimento de preferências e controle de agenda são essenciais para a compreensão da capacidade cooptativa do *soft power*. A leitura de Nye (2011) sugere o *soft power* indireto, e portanto a diplomacia pública, enquanto categoria adequada para um estudo de caso de um veículo de mídia, e as variáveis apresentadas no capítulo primeiro foram essenciais para julgar a parcialidade da amostra observada no capítulo analítico final. A ideia de *smart power* nos guiou na medida em que compreende o processo decisório estratégico a partir de cinco perguntas fundamentais que estabelecem objetivos e resultados preferidos, disponibilidade de recursos, preferências do alvo e estratégias preferidas em termos de probabilidade de sucesso. O capítulo 2 nos forneceu um complemento importante e uma compreensão profunda sobre os relações de poder estruturais da era da informação, que por sua vez foram capazes de explicar a posição russa no tabuleiro de poder informacional, assim como a *disponibilidade de instrumentos* do Kremlin.

Os interesses russos na região, entendidos em termos geopolíticos e econômicos - indo desde acesso ao mediterrâneo, estabilidade no cáucaso, manutenção de relações energéticas e continuidade de acordos comerciais - nos apresentaram com os objetivos *gerais* e *específicos* russos relativos à Síria - o objetivo geral sendo a manutenção do *status quo* político sob Assad, e o específico, no escopo reduzido da presente pesquisa, a retomada da cidade de Aleppo. A partir de então, a análise tanto das relações institucionais de financiamento entre a emissora e o governo russo quanto do uso predominante de fontes abertas, em conjunto com uma compreensão da posição estrutural do Estado russo em um contexto de hegemonia midiática ocidental - que impossibilita o acesso ao recurso de instrumentalização indireta -, sugere uma instrumentalização *direta* e/ou *estatal*. Ao mesmo tempo, a experiência russa com a Geórgia em 2008 é capaz de explicar a preferência por uma estratégia de *smart power* que leve em conta elementos de poder cooptativos e justificatórios em oposição ao puro *hard power* militar.

A análise aprofundada de uma seleção de 47 notícias, a partir dos critérios de atração positiva e persuasão, nos permitiu atribuir uma tendência de parcialidade notável, em que 32 das 47 notícias foram consideradas favoráveis aos objetivos russos e 15 permaneceram neutras, ao mesmo tempo em que nenhum caso de cobertura desfavorável foi identificado. Isso nos dá uma cobertura 68,1% favorável - o que, em conjunto com os elementos já citados,

comprovam o papel do RT enquanto um instrumento de *soft power* efetivo do Estado russo. A predominância de variáveis de persuasão também corrobora a ideia da emissora enquanto uma fonte *alternativa* de informações, que provê um contraponto lógico às narrativas ocidentais - o padrão dialético de *argumento e contra argumento*, ou *posição padrão e posição alternativa contrária*, guiado pela apresentação racional da objetividade dos fatos de uma maneira persuasiva é uma das estratégias de conversão principais na atuação do RT. No mais, uma breve análise da terminologia sugere que o uso de artifícios puros de linguagem não é um recurso usado pela emissora, visto que terminologias neutras - direcionadas às forças de oposição - são significativamente mais predominantes do que vocábulos por nós considerados negativos/pejorativos.

Pudemos observar também que a maior parte das matérias são caracterizáveis enquanto elementos de comunicação diária (28 das 47), o que já é esperado para um veículo de mídia, cuja principal função tende a ser a cobertura de eventos em uma faixa de tempo de dias, semanas e no máximo meses.

Em conclusão, a abordagem *alternativa* do RT é análoga à política externa *defensiva-reativa* de Moscou, e busca criar uma imagem e narrativa que capitaliza nesta posição – nestes termos, no que diz respeito à tomada de Aleppo, a Rússia obteve sucesso em sua atuação na região, conseguindo defender seus interesses e contendo o que esta acredita ser uma possível ameaça ocidental, manifesta através de apoio a grupos insurgentes e com o objetivo de depor o presidente Bashar al-Assad para o estabelecimento de um regime simpático aos interesses dos EUA, OTAN e o ocidente. As políticas russas na Síria e no contexto do conflito, manifestas em particular através da combinação de uma intervenção militar cinética (*hard power*) e uma cobertura midiática específica (*soft power*) representam desta forma um dos exemplos mais claros da prática de o que Nye chamou de *smart power* - uma combinação inteligente de *hard power* e *soft power* rumo à realização de interesses nacionais respaldados por um projeto legitimatório encabeçado em certa medida pelo RT.

Nos parece importante, também, esclarecer o que a presente pesquisa não foi capaz de responder, como forma de direcionar o leitor para a possibilidade de pesquisas futuras e delimitar de forma mais clara o escopo das conclusões aqui apresentadas. Primeiramente, não fomos capazes de realizar um julgamento relativo a legitimidade jornalística do RT – tal conclusão demandaria um levantamento extenso da literatura relativa ao estudo do jornalismo e comunicação, capaz de estabelecer critérios precisos capazes de intermediar a observação do objeto a partir de uma perspectiva orientada por um juízo de qualidade jornalística. Uma

cobertura parcial (tal como desmonstramos) não é indicação imediata de uma cobertura de má qualidade; talvez critérios mais sólidos, que busquem avaliar o trabalho midiático em termos de origem de fontes, proximidade do objeto de cobertura, material comprobatório, etc, sejam cabíveis. Como vimos no trabalho, muitas vezes veículos de mídia privados pretensamente imparciais, sob uma análise mais criteriosa, acabam por apresentar características bastante contundentes de parcialidade e conluios nacionais.

Em segundo lugar, a presente pesquisa não buscou trabalhar em termos de apontar uma característica propagandística ou não propagandística ao RT. É carente na teoria, tanto da comunicação quanto das Relações Internacionais, uma definição consensual sobre o significado da palavra. Nye (2004;2011) em momento algum fornece uma distinção sólida entre propaganda e *soft power*, com a palavra assumindo, no contexto das definições teóricas do autor, uma característica próxima de ‘*aquele soft power que eu não aprovo*’ ou no máximo um *soft power* fundamentado em informações mentirosas – mas esta última definição foge do que se entende geralmente como propaganda, afinal, pode-se propagandear tanto a mentira quanto a verdade. Valente (2007) parece atribuir a característica de propaganda à categoria de diplomacia pública dos usos políticos da mídia pelo Estado (ficando a diplomacia indireta na mídia e a diplomacia feita pela mídia como uma atuação política não-propagandística), o que nos parece mais apropriado; mas ao mesmo tempo, neste caso, toda atuação de diplomacia pública poderia ser caracterizada como propaganda, de forma que a palavra parece perder rigor conceitual. Em conclusão, a definição de ‘propaganda’ não apresenta solidez conceitual suficiente (para além da definição comum de marketing) para ser usada como critério de análise, e se limita somente à retórica política comum. A escolha do título do presente trabalho justifica-se somente em termos de delimitar a temática a partir de uma terminologia mais conhecida, como forma de chamar a atenção do leitor.

Entretanto, como já deixamos claro, fomos capazes de atribuir uma característica contrapontual e alternativa à cobertura do RT, de forma que, caso aceitemos a caracterização de Valente (2007) de que a diplomacia pública em geral é em certa medida um tipo de propaganda, e ao mesmo tempo reconheçamos o estabelecimento de agendas através da instrumentalização indireta responsável por criar um discurso e narrativa comum hegemônicos condizentes com os interesses do ocidente (o que também caracteriza diplomacia pública), podemos também reconhecer o RT enquanto instrumento de contrapropaganda, na medida em que busca antagonizar com uma construção propagandística estabelecida a partir de uma abordagem persuasiva. Entretanto, não é este o foco de nossa pesquisa, de forma que nos limitamos a estabelecer o RT enquanto instrumento de *soft power*



russo a partir do marco teórico de referência.

Também caberia a pesquisas futuras uma abordagem que tentasse focar na análise de fontes, de forma a individualizar a análise de cada fonte, em oposição ao levantamento quantitativo relaticamente simplista que fizemos no último capítulo.

Por fim, caberia uma análise não somente de outras emissoras russas (como, por exemplo, o Sputnik), mas também de emissoras ocidentais, usando o mesmo marco teórico da presente pesquisa. Um trabalho capaz de realizar um levantamento comparativo entre as emissoras ocidentais e as russas, por exemplo, seria interessante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTYN, Adams. **Sochi 2014 Olympic Winter Games**. Encyclopedia Britannica. 10 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Sochi-2014-Olympic-Winter-Games>>. Acesso em: 04/10/2019.

BBC NEWS. **EU and Mercosur agree huge trade deal after 20-year talks**. BBC News, 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-48807161>>. Acesso em: 18/10/2019.

BEARAK, Barry. **South Africa World Cup hopes extend beyond playing field**. New York Times, 11 jun. 2010. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/06/11/world/africa/11safrica.html>>. Acesso em: 15/10/2019.

CARLIN, John. **Russia is a rogue state. Time to say so**. Politico, 2018. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/russia-rogue-state-time-for-donald-trump-united-states-to-say-so/>>. Acesso em: 11/10/2019.

CBS NEWS. **Clinton: Use "Smart Power" In Diplomacy**. CBS News, 13, jan, 2019. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/clinton-use-smart-power-in-diplomacy/>>. Acesso em: 15/10/2019.

CERF, Vint. **A Brief History of the Internet & Related Networks**. Internet Society. Disponível em: <<https://www.internet-society.org/internet/history-internet/brief-history-internet-related-networks>>. Acesso em: 11/10/2019.

CROSTON, Matthew D. Cold War and Ayatollah Residues: Syria as a Chessboard for Russia, Iran, and the United States. **Strategic Studies Quarterly**, vol. 8, nº. 4, 2014. p. 94-111, 2014.

DNI. **Intelligence Community Assessment: Assessing russian activities and intentions in recent US elections**. ICA, 6, jan. 2017. Disponível em: <[https://www.dni.gov/files/documents/ICA\\_2017\\_01.pdf](https://www.dni.gov/files/documents/ICA_2017_01.pdf)>. Acesso em: 25/11/2019.

FP NEWS. FOREIGN POLICY. **Fighting Russian Disinformation**. Foreign Policy, 2019. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/podcasts/and-now-the-hard-part/fighting-russian-disinformation/>>. Acesso em: 12/10/2019.

GELB, Leslie. **Power Rules: how common sense can rescue American foreign policy**. 2. ed. Nova York: HarperCollins, 2009.

GELMAN, Barton; MILLER, Greg. **'Black budget' summary details U.S. spy network's successes, failures and objectives**. The Washington Post. 2013. Disponível em:

<[https://www.washingtonpost.com/world/national-security/black-budget-summary-details-us-spy-networks-successes-failures-and-objectives/2013/08/29/7e57bb78-10ab-11e3-8cdd-bcdc09410972\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/black-budget-summary-details-us-spy-networks-successes-failures-and-objectives/2013/08/29/7e57bb78-10ab-11e3-8cdd-bcdc09410972_story.html)>. Acesso em: 15/10/2019.

GORDON, John. et al. Russia's Near Abroad. In: **Domestic Trends in the United States, China, and Iran: Implications for U.S Navy Strategic Planning**. RAND Corporation, 2008. p. 143-158.

HOLLIDAY, Joseph. Syria's Armed Opposition. **Middle East Security Report**, Nº. 3, mar, 2012.

HUTCHINGS, Stephen; et al. Staging the Sochi Winter Olympics 2014 on Russia Today and BBC World News: From soft power to geopolitical crisis. Participations: **Journal of Audience & Reception Studies**, vol. 12, nº.1, mai, 2015. Disponível em: <<https://research-repository.st-andrews.ac.uk/bitstream/handle/10023/6967/hutchings2015participations630.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04/10/2019.

IVANOVA, Polina. **Russia establishing permanent presence at its Syrian bases**: RIA. Reuters, 2019. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-russia-bases/russia-establishing-permanent-presence-at-its-syria-bases-ria-cites-minister-idUSKBN1EK0HD>>. Acesso em: 03/10/2019.

KROENIG, Matthew; MCADAM, Melissa; WEBER, Steven. Taking Soft Power Seriously. **Comparative Strategy: An International Journal**, vol. 24, nº. 2, p. 412-431, nov, 2010.

LARKIN, Alexandra; LEWIS, Sophie. **Netflix's 'The White Helmets' takes home the company's first Oscar win**. CNN. 27 fev. 2017. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/02/26/us/white-helmets-oscar/index.html>>. Acesso em: 15/10/2019.

LASSWELL, Harold. The theory of political propaganda. In: **The American Political Science Review**, vol. 21, nº. 3, p. 627-631, Ago. 1927.

LEI, Rebecca; LU, Denise; MIGLIOZZI, Blacki. **What satellite imagery tells us about the amazon rain forest fires**. New York Times, 24 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2019/08/24/world/americas/amazon-rain-forest-fire-maps.html>>. Acesso em: 18/10/2019.

LEVY, Clifford J. **Russia prevailed on the ground but not in the media**. New York Times, 22, ago, 2009.

MACASKILL, Ewen. **Spy agencies 'produced flawed information on Saddam's WMDs'**. The Guardian, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2016/jul/06/spy-agencies-flawed-information-saddam-wmds-iraq-chilcot>>. Acesso em: 12/10/2019.

MARTINI, Jeffrey; YORK, Erin; YOUNG, William. **Syria as an Arena of Strategic Competition**. RAND Corporation, 2013.

MÁXIMO, Wellton. **Mercosur–EU deal may boost Brazil GDP by \$130 bi in ten years**. EBC: Agência Brasil. 2 jul. 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/en/economia/noticia/2019-07/mercosur-eu-deal-may-boost-brazil-gdp-130-bi-ten-years>>. Acesso em: 18/10/2019.

MAZZETTI, Mark; GOLDMAN, Adam; SCHMIDT, Michael. **Behind the Sudden Death of a \$1 Billion Secret C.I.A. War in Syria**. The New York Times, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/08/02/world/middleeast/cia-syria-rebel-arm-train-trump.html>>. Acesso em: 04/10/2019.

MORTINEAU, Paris. **Russia's Disinformation War Is Just Getting Started**. Wired. 2019. Disponível em: <<https://www.wired.com/story/russias-disinformation-war-is-just-getting-started/>>. Acesso em: 12/10/19.

NAKASHIMA, Ellen. **U.S. Cyber Command operation disrupted Internet access of Russian troll factory on day of 2018 midterms**. The Washington Post, 27 fev. 2019. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/national-security/us-cyber-command-operation-disrupted-internet-access-of-russian-troll-factory-on-day-of-2018-midterms/2019/02/26/1827fc9e-36d6-11e9-af5b-b51b7ff322e9\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/us-cyber-command-operation-disrupted-internet-access-of-russian-troll-factory-on-day-of-2018-midterms/2019/02/26/1827fc9e-36d6-11e9-af5b-b51b7ff322e9_story.html)>. Acesso em: 15/10/2019.

NIELSEN, Nicolai. **Russia's Kissinger: The Man Behind Russia's Geopolitical Grand Strategy**. The Foreign Policy Project. 2018. Disponível em: <<http://foreignpolicyproject.org/2018/12/06/russias-kissinger-the-man-behind-russias-geopolitical-grand-strategy/>>. Acesso em: 08/10/2019.

NIMMO, Ben. **Question That: RT's Military Mission**. Medium. 8 jan. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/dfrlab/question-that-rt-s-military-mission-4c4bd9f72c88>>. Acesso em: 12/11/2019.

NYE, Joseph S. **In Mideast the goal is smart power**. Boston Globe. 19 ago. 2006. Disponível em: <[http://archive.boston.com/news/globe/editorial\\_opinion/oped/articles/2006/08/19/in\\_mideast\\_the\\_goal\\_is\\_smart\\_power/](http://archive.boston.com/news/globe/editorial_opinion/oped/articles/2006/08/19/in_mideast_the_goal_is_smart_power/)>. Acesso em: 15/10/2019.

NYE, Joseph S. **O Futuro do Poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

\_\_\_\_\_. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

OLYMPIC. **Beijing 2008**. 21 Ago. 2008. Disponível em: <<https://www.olympic.org/beijing-2008>> Acesso em: 11/10/2019.

OSBORNE, Samuel. **Russia Today bank accounts 'frozen in UK'**. Independent. 17 out. 2017. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/russia-today-bank-accounts-frozen-uk-rt-money-finances-freeze-state-media-putin-a7365406.html>>. Acesso em: 18/11/2019.

PICCOLI, Larlecianne; MACHADO, Lauren; MONTEIRO, Valeska. A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**. Vol. 3, nº. 1, p. 189-203. jan. 2016.

RAY, Michael. **8 deadliest wars of the 21s century**. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/list/8-deadliest-wars-of-the-21st-century>>. Acesso em: 03/10/2019.

ROACHE, Madeline. **Breaking Down the Complicated Relationship Between Russia and NATO**. TIME. 4 abr. 2019. Disponível em: <<https://time.com/5564207/russia-nato-relationship/>>. Acesso em: 11/10/2019.

ROBERTO, Willian. O papel russo na crise síria e sua decorrência internacional. **Revista Perspectiva**, nº 9, p. 57-72. ago. 2012.

ROTHKOPF, David J. Cyberpolitik: The Changing Nature of Power in the Information Age. **Journal of International Affairs**, Vol. 51, nº.2, p.325-359, 1998.

RT NEWS. **'Aleppo ceasefire resolution would only benefit jihadists'**. RT. 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369298-aleppo-ceasefire-benefits-terrorists/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **'Cynical & indifferent': Russian MoD slams Red Cross statement on shelling of hospital in Aleppo**. RT. 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369301-russian-hospital-cynical-murder/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **'Only road' to deliver aid to eastern Aleppo liberated – Russian MoD**. RT. 30 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/368713-aleppo-castello-road-liberated/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **'US to hand out arms like Christmas cookies to preserve terrorist assets in Syria'**. RT. 10 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369853-us-weapons-terrorists-assets/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **'US withdrawal of Aleppo proposals shows disarray in Obama's dysfunctional team'**. RT. 07 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369433-aleppo-us-disarray-dysfunction/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **13k+ civilians freed from E. Aleppo in 24 hours, 700 fighters lay down arms – Russian Def Min**. RT. 12 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369971-aleppo-civilians-evacuation-russia/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **5-yo boy dies in Aleppo hospital seeing 'worst month in 5 years' of rebel attacks**. RT. 08 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369561-aleppo-hospital-syria-shelling/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **About RT**. Disponível em: <<https://www.rt.com/about-us/>>. Acesso em: 03/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Aleppo 'opposition' blocked humanitarian aid & held civilians 'on some occasions' – Kerry**. RT. 10 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369908-aleppo-militants-blocked-civilians-kerry/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **As thousands flee E. Aleppo, RT hears stories of those trapped there for years (VIDEO)**. RT. 10 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369879-east-aleppo-residents-stories/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Broken telephone: US-Russia emergency hotline put Moscow on hold as US bombed Syrian Army**. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369096-moscow-calling-syrian-army-pentagon/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Evidence mustard gas deployed against Aleppo civilians – Russian MoD**. RT. 25 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/368113-aleppo-mustard-gas-civilians/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Kerry says rebels rejected Syria ceasefire in 2015**. RT. 07 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/usa/369424-kerry-syria-rebels-ceasefire/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Mission accomplished in Syria? 'Everybody knows Assad is going to stay'**. RT. 01 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/368880-samantha-power-us-un-assad/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Moscow & Syrian opposition in secret talks to stop Aleppo fighting – FT.** RT. 01 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/368851-syria-russia-opposition-talks/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Nearly 8,500 civilians flee militant-held areas of Aleppo – Russian MoD.** RT. 09 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369717-aleppo-massive-civilian-evacuation/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Over 78,000 civilians have escaped Aleppo since start of Syrian forces' operation – Russia.** RT. 11 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369922-syria-aleppo-civilians-escape/>>. Acesso em: 20/11/2019.

RT NEWS. **RT crew first to reach liberated area of Aleppo's Old City (EXCLUSIVE VIDEO).** RT. 07 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369467-aleppo-old-first-video/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Russia hopes Syria's Aleppo situation can be resolved by end of 2016.** RT. 30 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/368677-aleppo-resolved-russia-bogdanov/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Russia, China veto 'counterproductive' UNSC resolution on Aleppo ceasefire.** RT. 05 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369274-russia-china-uns-aleppo-resolution/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Russia, US to start talks on rebel withdrawal from Aleppo – Lavrov.** RT. 05 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369205-russia-us-aleppo-withdrawal/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Russia, US to start talks on rebel withdrawal from Aleppo – Lavrov.** RT. 05 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369261-russian-syrian-aleppo-hospital-attack/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Syrian army liberates more Aleppo districts, seizes militant command center.** RT. 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369418-aleppo-syrian-army-advances/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **US withdraws Aleppo proposals, says no consultations yet – Lavrov.** RT. 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/369312-us-withdraw-aleppo-proposal/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **US, UK, France not eager to provide aid for liberated parts of eastern Aleppo – Russia’s MOD.** RT. 30 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/368660-aleppo-humanitarian-aid-us-uk/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Will 2017 see end of US neocons’ promotion of chaos theory?** RT. 03 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/369104-aleppo-un-humanitarian-aid/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. Loja do RT. **I’ll show you soft power! Bumper Sticker.** Disponível em: <[https://en.shop-rt.com/element/nakleyka\\_i\\_ll\\_show\\_you\\_soft\\_power/](https://en.shop-rt.com/element/nakleyka_i_ll_show_you_soft_power/)>. Acesso em: 13/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘Aleppo is key to liberation of Syria from so-called good faith rebels aka terrorists’.** RT. 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370177-syria-crisis-aleppo-liberation/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘If I write in line with Russian media, it’s because we both tell the truth’ – Eva Bartlett to RT.** RT. 17 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370618-syria-sources-bartlett-rt/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘Quietest night in months’:** RT at Aleppo battlefield as govt forces regain control. RT. 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/370208-aleppo-quietest-night-ceasefire/>>. Acesso em: 20/11/2019

\_\_\_\_\_. **‘UN Aleppo aid convoy report avoids pinning blame, carefully calls attack accident’.** RT. 23 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/371330-un-convoy-report-accident/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘UN Aleppo resolution no guarantee of success of evacuation plan as dangers remain’.** RT. 19 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370741-unsc-syria-aleppo-resolution/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘Unlike Western mainstream media, I’ve spent the last three days in East Aleppo’.** RT. 15 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370401-syria-aleppo-msm-russia/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **‘With Aleppo retaken, Washington’s plan for regime change in Syria is off the table’.** RT. 23 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/371490-syria-aleppo-full-control/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **3,000+ militants & their families leave E. Aleppo on Day 1 of evacuation operation – Russian MoD.** RT. 16 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/370480-aleppo-aid-russia-evacuations/>>. Acesso em: 20/11/2019.



\_\_\_\_\_. **Assad thanks Russia & Putin for helping to liberate Aleppo.** RT. 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371547-assad-putin-aleppo-syria/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Civilians return to ‘normal’ life in liberated, ruined E. Aleppo (VIDEO).** RT. 19 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/370717-aleppo-vid-locals-return/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **E. Aleppo evacuations halted after militants break truce terms – RT reporter.** RT. 16 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/370514-aleppo-evacuation-halted-attack/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **First snow covers war-torn Aleppo (DRONE VIDEO).** RT. 22 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/viral/371212-syria-aleppo-first-snow/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **ISIS burns 2 Turkish servicemen alive, releases gruesome video.** RT. 23 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371336-isis-burns-turkish-servicemen/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Kerry blames Russia & Syria for Aleppo, warns ‘it will not end the war’.** RT. 16 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/usa/370462-kerry-syria-aleppo-evacuation/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Liberation of E. Aleppo has allowed ‘genuine’ separation of ‘moderate rebels’ from radicals – MoD.** RT. 17 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/370628-russia-aleppo-separation-militants/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Netanyahu offers to treat wounded Aleppo ‘noncombatants’ in Israel.** RT. 21 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371067-israel-aleppo-wounded-civilians/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Peace in Syria - it's the last thing the US wants.** RT. 12 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370017-us-syria-peace-isis-trump/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Pope Francis urges guns to be ‘still forever’ in Syria amid Christmas celebrations.** RT. 26 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371778-christmas-syria-aleppo-pope/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Russian military police in Aleppo to provide aid and protect humanitarian staff (VIDEO).** RT. 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371548-russian-military-police-aleppo/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **UN probe into Aleppo aid convoy attack fails to identify perpetrator.** RT. 22 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371221-un-convoy-airstrike-probe/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **War-torn Aleppo celebrates Christmas, shares stories of joy & loss with RT (EXCLUSIVE).** RT. 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/371582-aleppo-christmas-celebrate-lizzie/>>. Acesso em: 20/11/2019.

\_\_\_\_\_. **Western capitals, reeling over Syria, 'consumed by mass hysteria & propaganda'.** RT. 16 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/370551-syria-liberation-aleppo-russia/>>. Acesso em: 20/11/2019.

RUSSEL, Martin. **Russia's information war: propaganda or counter-propaganda?** European Parliamentary Research Service (EPRS), out. 2016. Disponível em: <[http://www.europarl.europa.eu/thinktank/en/document.html?reference=EPRS\\_BRI\(2016\)589810](http://www.europarl.europa.eu/thinktank/en/document.html?reference=EPRS_BRI(2016)589810)>. Acesso em: 25/11/2017.

RUSSIAN NATIONAL SECURITY Strategy, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>>. Acesso em: 03/10/2019.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution: what it means, how to respond.** World Economic Forum, 14 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2016/01/the-fourth-industrial-revolution-what-it-means-and-how-to-respond/>>. Acesso em: 17/10/2019.

SERWER, Daniel. Post-Asad Syria. **Prism**, vol. 3, nº. 4, p. 2-11, set. 2012.

SILVA, Rafael. Política Externa Russa Pós-URSS: da conformidade ao revisionismo. **Revista de Estudos Internacionais**, Vol. 8, nº. 2, 2017.

SOUTH CHINA MORNING POST. **Russian disinformation campaign to help Donald Trump bigger than thought, twin studies claim.** 18 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/world/united-states-canada/article/2178483/russian-disinformation-campaign-help-donald-trump>>. Acesso em: 12/10/2019.

STONE, Jon. **Emmanuel Macron says he will block EU trade deal with Brazil over Amazon forest fires.** Independent. 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/macron-amazon-forest-fires-veto-mercosur-eu-trade-deal-brazil-a9076181.html>>. Acesso em: 18/10/2019.

STUBBS, Jack; GIBSON, Gibson. **Russia's RT America registers as 'foreign agent' in U.S.** Reuters. 13 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-russia-usa->

[media-restrictions-rt/russias-rt-america-registers-as-foreign-agent-in-u-s-idUSKBN1DD25B](#)>. Acesso em: 18/11/2019.

TURVILL, William. **Ofcom rules against Russia Today over Syria conflict report**. PressGazette. 15 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.pressgazette.co.uk/ofcom-rules-against-russia-today-over-syria-conflict-report>>. Acesso em: 18/11/2019.

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VOICES OF DEMOCRACY. **Ronald Reagan, “evil empire speech” (8 march 1983)**. Voices of Democracy: The US Oratory Project. Disponível em: <<https://voicesofdemocracy.umd.edu/reagan-evil-empire-speech-text/>>. Acesso em: 08/10/2019.

WEBB, Whitney. **Netherlands Cuts Funding to White Helmets Over Likely Links to Terrorism**. Mint Press News. 17 set. 2018. Disponível em: <<https://www.mintpressnews.com/netherlands-cuts-funding-to-white-helmets-over-likely-links-to-terrorism/249447/>>. Acesso em: 15/10/2019.

## Anexo A - Listagem de Notícias

Data	Link de Acesso	Nº
25, nov.	<a href="https://www.rt.com/news/368113-aleppo-mustard-gas-civilians/">https://www.rt.com/news/368113-aleppo-mustard-gas-civilians/</a>	1
30, nov.	<a href="https://www.rt.com/news/368660-aleppo-humanitarian-aid-us-uk/">https://www.rt.com/news/368660-aleppo-humanitarian-aid-us-uk/</a>	2
30, nov.	<a href="https://www.rt.com/news/368677-aleppo-resolved-russia-bogdanov/">https://www.rt.com/news/368677-aleppo-resolved-russia-bogdanov/</a>	3
30, nov.	<a href="https://www.rt.com/news/368713-aleppo-castello-road-liberated/">https://www.rt.com/news/368713-aleppo-castello-road-liberated/</a>	4
1, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/368851-syria-russia-opposition-talks/">https://www.rt.com/news/368851-syria-russia-opposition-talks/</a>	5
1, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/368880-samantha-power-us-un-assad/">https://www.rt.com/op-ed/368880-samantha-power-us-un-assad/</a>	6
3, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369096-moscow-calling-syrian-army-pentagon/">https://www.rt.com/op-ed/369096-moscow-calling-syrian-army-pentagon/</a>	7
3, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369104-aleppo-un-humanitarian-aid/">https://www.rt.com/op-ed/369104-aleppo-un-humanitarian-aid/</a>	8
5, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369205-russia-us-aleppo-withdrawal/">https://www.rt.com/news/369205-russia-us-aleppo-withdrawal/</a>	9
5, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369261-russian-syrian-aleppo-hospital-attack/">https://www.rt.com/op-ed/369261-russian-syrian-aleppo-hospital-attack/</a>	10
5, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369274-russia-china-unsc-aleppo-resolution/">https://www.rt.com/news/369274-russia-china-unsc-aleppo-resolution/</a>	11
6, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369298-aleppo-ceasefire-benefits-terrorists/">https://www.rt.com/op-ed/369298-aleppo-ceasefire-benefits-terrorists/</a>	12
6, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369301-russian-hospital-cynical-murder/">https://www.rt.com/news/369301-russian-hospital-cynical-murder/</a>	13
6, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369312-us-withdraw-aleppo-proposal/">https://www.rt.com/news/369312-us-withdraw-aleppo-proposal/</a>	14
6, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369418-aleppo-syrian-army-advances/">https://www.rt.com/news/369418-aleppo-syrian-army-advances/</a>	15
7, dez.	<a href="https://www.rt.com/usa/369424-kerry-syria-rebels-ceasefire/">https://www.rt.com/usa/369424-kerry-syria-rebels-ceasefire/</a>	16
7, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369433-aleppo-us-disarray-dysfunction/">https://www.rt.com/op-ed/369433-aleppo-us-disarray-dysfunction/</a>	17
8, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369561-aleppo-hospital-syria-shelling/">https://www.rt.com/news/369561-aleppo-hospital-syria-shelling/</a>	18
8, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369467-aleppo-old-first-video/">https://www.rt.com/news/369467-aleppo-old-first-video/</a>	19
9, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369717-aleppo-massive-civilian-evacuation/">https://www.rt.com/news/369717-aleppo-massive-civilian-evacuation/</a>	20
10, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/369853-us-weapons-terrorists-assets/">https://www.rt.com/op-ed/369853-us-weapons-terrorists-assets/</a>	21
10, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369879-east-aleppo-residents-stories/">https://www.rt.com/news/369879-east-aleppo-residents-stories/</a>	22
10, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369908-aleppo-militants-blocked-civilians-kerry/">https://www.rt.com/news/369908-aleppo-militants-blocked-civilians-kerry/</a>	23
11, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369922-syria-aleppo-civilians-escape/">https://www.rt.com/news/369922-syria-aleppo-civilians-escape/</a>	24
12, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/369971-aleppo-civilians-evacuation-russia/">https://www.rt.com/news/369971-aleppo-civilians-evacuation-russia/</a>	25
12, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370017-us-syria-peace-isis-trump/">https://www.rt.com/op-ed/370017-us-syria-peace-isis-trump/</a>	26
13, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370177-syria-crisis-aleppo-liberation/">https://www.rt.com/op-ed/370177-syria-crisis-aleppo-liberation/</a>	27
14, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/370208-aleppo-quietest-night-ceasefire/">https://www.rt.com/news/370208-aleppo-quietest-night-ceasefire/</a>	28
15, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370401-syria-aleppo-msm-russia/">https://www.rt.com/op-ed/370401-syria-aleppo-msm-russia/</a>	29
16, dez.	<a href="https://www.rt.com/usa/370462-kerry-syria-aleppo-evacuation/">https://www.rt.com/usa/370462-kerry-syria-aleppo-evacuation/</a>	30
16, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/370480-aleppo-aid-russia-evacuations/">https://www.rt.com/news/370480-aleppo-aid-russia-evacuations/</a>	31
16, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/370514-aleppo-evacuation-halted-attack/">https://www.rt.com/news/370514-aleppo-evacuation-halted-attack/</a>	32
16, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370551-syria-liberation-aleppo-russia/">https://www.rt.com/op-ed/370551-syria-liberation-aleppo-russia/</a>	33
17, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370618-syria-sources-bartlett-rt/">https://www.rt.com/op-ed/370618-syria-sources-bartlett-rt/</a>	34
17, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/370628-russia-aleppo-separation-militants/">https://www.rt.com/news/370628-russia-aleppo-separation-militants/</a>	35
19, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/370717-aleppo-vide-locals-return/">https://www.rt.com/news/370717-aleppo-vide-locals-return/</a>	36
19, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/370741-unsc-syria-aleppo-resolution/">https://www.rt.com/op-ed/370741-unsc-syria-aleppo-resolution/</a>	37
21, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371067-israel-aleppo-wounded-civilians/">https://www.rt.com/news/371067-israel-aleppo-wounded-civilians/</a>	38

22, dez.	<a href="https://www.rt.com/viral/371212-syria-aleppo-first-snow/">https://www.rt.com/viral/371212-syria-aleppo-first-snow/</a>	39
22, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371221-un-convoy-airstrike-probe/">https://www.rt.com/news/371221-un-convoy-airstrike-probe/</a>	40
23, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/371330-un-convoy-report-accident/">https://www.rt.com/op-ed/371330-un-convoy-report-accident/</a>	41
23, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371336-isis-burns-turkish-servicemen/">https://www.rt.com/news/371336-isis-burns-turkish-servicemen/</a>	42
23, dez.	<a href="https://www.rt.com/op-ed/371490-syria-aleppo-full-control/">https://www.rt.com/op-ed/371490-syria-aleppo-full-control/</a>	43
24, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371547-assad-putin-aleppo-syria/">https://www.rt.com/news/371547-assad-putin-aleppo-syria/</a>	44
24, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371548-russian-military-police-aleppo/">https://www.rt.com/news/371548-russian-military-police-aleppo/</a>	45
24, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371582-aleppo-christmas-celebrate-lizzie/">https://www.rt.com/news/371582-aleppo-christmas-celebrate-lizzie/</a>	46
26, dez.	<a href="https://www.rt.com/news/371778-christmas-syria-aleppo-pope/">https://www.rt.com/news/371778-christmas-syria-aleppo-pope/</a>	47

## Anexo B - Variáveis da Diplomacia Pública

Nº	Diplomacia Pública						
	Atração Positiva			Persuasão	Círculos Concêntricos		
	Benignidade	Competência	Beleza/Carisma		Comunicação Diária	Comunicação Estratégica	DRD
1		X		X	X		
2	X	X		X		X	
3	X			X		X	
4	X	X			X		
5	X			X		X	
6				X		X	
7				X	X		
8				X		X	
9					X		
10	X				X		
11				X	X		
12				X	X		
13				X	X		
14	X			X	X		
15	X				X		
16				X		X	
17				X		X	
18	X			X		X	
19	X				X		
20	X	X			X		
21				X	X		
22	X			X	X		
23					X		
24	X	X			X		
25	X	X			X		
26				X		X	
27				X		X	
28	X			X	X		
29	X			X		X	
30				X		X	
31	X	X		X	X		
32				X	X		
33	X			X		X	
34				X		X	
35		X				X	
36	X					X	
37						X	
38					X		
39					X		
40					X		
41				X	X		
42					X		
43				X	X		
44	X	X			X		
45	X	X			X		
46	X	X				X	
47	X	X		X		X	
<b>Toti</b>	<b>22</b>	<b>12</b>	<b>0</b>	<b>28</b>	<b>28</b>	<b>19</b>	

## Anexo C - Observações

Nº	Observações Particulares <sup>10</sup>
1	Notícia referente a uma ataque de gás mostarda na população civil. A matéria busca antagonizar com versões da mídia e de oficiais ocidentais, que apontam o governo sírio como culpado - configurando assim um caso de persuasão. Elementos de competência também são presentes. O caso busca preencher vácuos de informação referentes a um evento específico, configurando comunicação diária.
2	Críticas a EUA, França, Reino Unido e ONU. Sugestão (através de citação de fonte aberta) de que o auxílio humanitário ocidental era direcionado aos terroristas. A notícia deixa explícito os auxílios humanitários russos, reiterando o silêncio ocidental. Civis se deslocando para as partes controladas pelo governo (legitimidade proto-democrática / o povo prefere o Assad)
3	Novamente, comentários sobre o ocidente e ONU enviar auxílio somente para áreas controladas por terroristas (que, de acordo com a notícia, fazem uso dos recursos); sugestões críticas direcionadas a diplomatas alemães, que sugerem sanções à Rússia em decorrência da intervenção.. Elementos de persuasão. Não esgota um evento de política externa, mas é orientado por um conjunto de temas, caracterizando comunicação estratégica.
4	"liberated" citado quatro vezes (a expressão implica aprisionamento). Citações referentes à mídia ocidental, tratando de uma estrada agora liberada (a ocupação da rota seria o único impedimento para a entrega de auxílio do ocidente, de acordo tanto com a mídia quanto as próprias nações unidas); citações de experts e técnicos russos atuando das mais diferentes formas (competência).
5	A reportagem exalta as negociações diplomáticas russas com a oposição Síria, chamando atenção para o isolamento de Washington.; "terroristas" não é dito em momento algum; "militantes" é citado duas vezes; "rebelde" é citado uma vez.; a cobertura de uma série de eventos diplomáticos e citações diretas das partes envolvidas sugere um papel de legitimação e auxílio de um acordo diplomático, o que pode enquadrar a notícia enquanto um caso de "diplomacia indireta pela mídia".
6	Entrevista com ex-diplomata americano que defende a não intervenção, é contra a mudança de regime. Reitera o que pode ser entendido com a posição russa (portanto, favorável).
7	Artigo escrito por um escritor e jornalista americano. Críticas à percebida falta de comunicação do pentágono, que não entrou em contato com as autoridades russas antes de um ataque aéreo que atingiu as forças Sírias. A notícia em geral é bastante crítica tanto das ações quanto das reações americanas. O artigo sugere sutilmente intencionalidade e/ou incompetência por parte dos americanos.
8	Referências a civis fugindo para áreas controladas pelo governo (a terminologia "escaped" é usada) . Entrevista com um especialista britânico. Críticas constantes à posição americana são apresentadas pelo entrevistado, alguns pontos defendidos em algumas reportagens do RT são também defendidos pelo especialista. Argumentos defendendo uma predileção pelo controle de Assad sobre o território de Aleppo também sugerem uma postura favorável aos interesses russos.
9	Cobertura das negociações entre EUA e Rússia. A notícia não apresenta características de atração positiva ou persuasão. Tanto o ministério de defesa russo quanto líderes insurgentes são entrevistados.
10	Entrevista com um escritor sobre um bombardeio rebelde em um hospital russo. Argumentos de que aqueles que apoiam e armam os rebeldes têm culpa - críticas ao apoio ocidental.

<sup>10</sup>Estas observações não são de forma alguma completas; algumas são mais aprofundadas, outras meramente afirmam o tipo de variável da notícia, enquanto outras nem mesmo entram no mérito das variáveis, muito embora elas tenham sido sempre observadas e contabilizadas. Uma análise aprofundada da relação entre cada variável e o conteúdo da matéria requer, evidentemente, a leitura completa das reportagens.

11	Reportagem sobre o veto Russo e Chinês da já citada resolução de cessar-fogo no conselho de segurança. Entrevistas com ambos os lados da questão são apresentadas, muito embora mais citações e fontes russas sejam apresentadas. Existe algum elemento de persuasão através das citações dos oficiais russos, mas em geral a notícia é relativamente neutra. A reportagem procura reiterar e citar posições oficiais russas em relação a uma medida específica de política externa, sugerindo a característica de comunicação diária.
12	De início uma fonte é citada, mas só é referenciada como "um analista político" (fonte fechada). Fontes abertas também são usadas. A maior parte das fontes e partes entrevistadas são favoráveis à posição Síria/Russa, por isso a notícia é percebida como favorável. Diversos argumentos dos entrevistados têm a característica de persuasão. A notícia se refere ao veto Russo e Chinês sobre a resolução do cessar-fogo apoiada pelo ocidente e reitera a posição russa, podendo ser caracterizada como uma comunicação diária.
13	Reportagem sobre o ataque ao hospital móvel russo. As referências e citações são predominantemente russas e apresentam a perspectiva russa, dando uma noção de parcialidade. A notícia tenta persuadir o leitor a crer que o comitê da cruz vermelha não condenou os ataques ao hospital russo o suficiente, tal perspectiva subentende uma demanda por culpabilidade da oposição, sugerindo certa favorabilidade da notícia à perspectiva russa. Notícia favorável.
14	Reportagem trata do recuo dos EUA nos acordos de retirada de rebeldes - em uma entrevista com o ministro de defesa russo este sugere a intenção de comprar tempo para os rebeldes. A reportagem tem citações de Lavrov críticas à retirada do plano que havia sido previamente acordado entre EUA e Rússia. A notícia tende a ser favorável, em decorrência da posição crítica apresentada.
15	A reportagem apresenta diversas declarações de organizações internacionais condenando os já citados ataques às instalações médicas russas. A variedade de fontes (que incluem a França, Médicos Sem Fronteiras e ONU) sugere uma certa neutralidade, muito embora a notícia vez ou outra use a terminologia "liberar" (que implica aprisionamento) ao se referir às investidas do governo nas áreas controladas por rebeldes - de qualquer forma, a notícia em geral apresenta a objetividade dos fatos, mesmo que seja uma objetividade pertinente aos interesses do governo sírio e Rússia (os avanços das tropas do governo de Assad). As fontes são em sua maioria abertas, de outros jornais e reportagens, assim como de oficiais russos e de organizações internacionais. Em geral, a notícia tende a ser neutra.
16	A reportagem não cobre algum evento específico, mas apresenta citações de John Kerry (secretário de Estado americano) dizendo que os rebeldes recusaram acordos de cessar-fogo durante as negociações EUA-Rússia em 2015. A matéria tem diversas críticas às forças rebeldes, entretanto, apresenta citações, também de John Kerry, declarando que os problemas na síria foram causados por "bandidos" do regime (de Assad). A apresentação de fontes opostas e críticas às forças rebeldes perpassa uma ideia de neutralidade. Entretanto, a headline sugere a indisposição das forças rebeldes em um acordo de não-agressão, o que é relativamente crítico, e orientado por uma temática/agenda específica, o que sugere uma comunicação estratégica, mesmo a notícia sendo relativamente neutra. No mais, pode ser enquadrado enquanto persuasão, pois é uma apresentação orientada de fatos objetivos e de racionalidade. "terrorista" 1 referência; "rebeldes" 2 referências; "insurgência" 1 vez;
17	Entrevista com um ex-membro da CIA, crítico do suporte aos grupos rebeldes, que de acordo com ele não podem ser separados enquanto "moderados" ou "extremistas". De acordo com o entrevistado, quem está no chão lutando são predominantemente grupos Islâmicos radicais. A reportagem também é crítica da administração de Obama, buscando demonstrar conflitos internos e caos no interior da administração. Diversas vezes a persuasão é usada, porém sem apelo a atração positiva. Notícia favorável, persuasiva e orientada de acordo com um conjunto de temáticas estratégicas (não relacionadas a um evento presente específico), portanto, comunicação estratégica. A única fonte é aberta (ex-membro da CIA citado por nome).
18	A notícia retrata casos de vítimas civis em um hospital de Aleppo, com entrevistas veladas com membros do hospital e crianças civis. É crítica das ações dos militantes rebeldes e retrata as vítimas civis como predominantemente vítimas de ataques de rebeldes. A notícia é favorável, pois é predominantemente crítica dos rebeldes. Os relatos de esforços dos médicos do lado do governo em cuidar de crianças civis é indicativo de um apelo à benignidade. A reportagem não procura esgotar um evento específico, mas é orientada por um conjunto de temáticas de forma estratégica, logo, comunicação estratégica. A culpabilidade dos rebeldes sugere uma apresentação dos fatos de forma



	persuasiva.
<b>19</b>	A notícia apresenta imagens de primeira mão. Toda a apresentação dos fatos é filmada e os fatos são apresentados de forma relativamente neutra, mesmo que filmados em territórios recém tomados pelas forças do governo. Algumas referências a tropas do governo ajudando civis sugerem benignidade. A notícia é em geral neutra, somente mostrando a situação da área liberada e relatando as atividades das tropas de governo, mesmo que provida de benignidade em algum momento. A notícia busca apresentar a objetividade dos fatos em primeira mão, indicando uma comunicação diária visando preencher possíveis vácuos de informação.
<b>20</b>	A notícia relata um grande número de civis evacuando das áreas controladas por rebeldes, o que sugere a intenção dos civis de estarem sob controle do governo. O relato de autoridades russas usando de tecnologia para retirar minas e explosivos pode ser considerado como um retrato de competência. "Military specialists" como fonte velada; mais retratos de competência no processo de reconstrução de determinadas infraestruturas. A notícia relata a pausa nos combates por parte do governo, visando o resgate de civis, o que sugere benignidade. A notícia é entretanto favorável, pois possui muitos elementos de atração positiva tanto em relação às forças e autoridades Russas quanto ao governo Sírio. A notícia não possui nenhum elemento de persuasão notável. A notícia cobre um evento específico, buscando esgotar os elementos relativos a este e preencher possíveis vácuos de informação, caracterizando uma comunicação diária.
<b>21</b>	A notícia apresenta uma entrevista com um ex-diplomata americano crítico das políticas do governo Obama. O entrevistado é crítico das forças opositoras, e sugere que aumento do fornecimento de armas aos grupos rebeldes depois do início da tomada de Aleppo é devido a algum interesse velado americano, ou talvez pressão de aliados como Arábia Saudita, Turquia e Qatar. A persuasão é bastante presente, a fonte é aberta, benignidade, competência e carisma não estão presentes. "terroristas" é citado 9 vezes, "militante" é citado uma vez, "extremista" e "rebelde" não aparece na notícia. A notícia não se trata de um esgotamento de um evento específico, mas é uma comunicação orientada por uma temática estratégica, caracterizando comunicação estratégica. As posições extremamente críticas e os elementos de persuasão sugerem uma notícia favorável.
<b>22</b>	Entrevistas com civis das áreas liberadas. Fortes elementos de benignidade, retratando o exército sírio como o liberador de civis previamente aprisionados. Todas as fontes são evidentes em vídeos, ou seja, abertas. Uma fonte velada ao final da notícia. Os elementos de benignidade são extremamente fortes, com imagens, filmagens e entrevistas com civis das áreas agora sob controle do governo. O elemento de benignidade por si só sugere uma notícia favorável. As entrevistas são todas críticas da oposição, e apresentam os fatos de maneira persuasiva. A reportagem cobre uma operação de evacuação de civis, de forma a esgotar a informação sobre um evento específico, caracterizando comunicação diária.
<b>23</b>	Entrevista e citações do Secretário de Estado John Kerry, reconhecendo tentativas da oposição de bloquear esforços humanitários. Kerry é levemente crítico da Rússia, assim como do governo de Assad - de acordo com Kerry, os rebeldes "têm poucas opções". A única fonte da reportagem são as declarações de Kerry, que mostram em grande medida a posição americana. Qualquer elemento crítico é sutil e não facilmente identificável. Reportagem neutra, sem elementos de benignidade, competência e carisma, nem mesmo persuasão. A reportagem pode, entretanto, por sua própria natureza, ser enquadrada enquanto uma comunicação diária na categoria de diplomacia pública, presumindo que a hipótese de pesquisa seja provada nos capítulos de análise.
<b>24</b>	A reportagem põe em evidência o papel Sírio e Russo nos esforços em evacuar uma quantidade grandes de civis das áreas de conflito, sugerindo benignidade. Relatos de especialistas em bombas e esforços de reconstrução da infraestrutura da cidade sugerem competência. A notícia evidencia os esforços do governo em cessar-fogo durante as operações, sugerindo também benignidade. Ao fim, através de fontes veladas, a reportagem declara que civis habitantes das áreas controladas pelos rebeldes são "torturados". Comunicação diária, pois preenche vácuos de informação e esgota um evento do presente. O grande número de elementos de atração positiva sugerem uma notícia favorável.
<b>25</b>	Relatos dos esforços russos e sírios de liberar civis das áreas de oposição, assim como disponibilizar centros médicos, sugerindo benignidade. Repetem-se os sucessos russos e sírios de desarmamento de bombas e reparos de infraestruturas, indicando competência.

26	Reportagem de autoria de um escritor britânico, extremamente crítica da posição americana. O próprio título sugere que "paz é a última coisa que os EUA quer". A matéria trata da retirada de restrições a "forças estrangeiras" da administração Obama. A reportagem sugere que o prolongamento do sofrimento sírio é o objetivo americano, tendo em vista o prolongado financiamento a grupos insurgentes. A reportagem é repetidamente crítica de políticas americanas de intervenção visando mudanças de regime. Os fatos são dispostos de uma forma persuasiva. Reportagem favorável.
27	A reportagem possui uma entrevista com o ex ministro de relações exteriores italiano, que apoia o controle de Aleppo pelo governo. Comentários sobre cenas de civis celebrando a vitória do governo na região. Comentários sobre rebeldes atacando civis. Não há elementos de benignidade e/ou competência. Há elementos de persuasão. Comunicação diária, pois não esgota um evento específico ou preenche vácuos de informação, mas é orientado por temáticas estratégicas.
28	A reportagem relata, através de uma repórter no local, a primeira noite de silêncio na cidade em anos. Tropas Sírias retomando últimas áreas controladas pela oposição. Relatos de celebrações e apoio de civis às tropas do governo, assim como declarações de libertação e ajuda humanitária demonstram benignidade. "experts" como fonte fechada. Relatos de esforços técnicos de desativação de artefatos explosivos sugerem competência. Referências a reportagens ocidentais, principalmente da CNN, retratando a situação como um "derramamento de sangue" - perspectivas opostas são apresentadas, com fontes abertas de civis entrevistados em vídeo no local. A contraposição entre a posição ocidental apresentada em vídeo através de declarações dos representantes dos EUA e Reino Unido nas Nações Unidas (que declaram que este seria um dia negro para Aleppo), e filmagens de civis celebrando em apoio ao governo é claramente um elemento de persuasão extremamente forte. A reportagem preenche vácuos de informação referentes a um evento do presente, configurando comunicação diária.
29	Entrevista conjunta com 3 especialistas/jornalistas. Um deles favorável ao governo americano, dois opostos. Declarações conflitantes de ambos são apresentadas. Nenhum tipo de comentário é feito para além das fontes entrevistadas, ambos os lados foram ouvidos. Os argumentos de Vanessa Beeley e Daniel McAdams apresentam fortes elementos de persuasão.. A reportagem não diz respeito a nenhum acontecimento localizado, mas é orientada por uma temática específica e apresenta elementos de persuasão, apesar de mostrar opiniões de ambos os lados. Notícia neutra, comunicação estratégica. As 3 fontes são abertas. Há alguns elementos de benignidade em certos argumentos dos entrevistados favoráveis à posição russa e síria (assim como do entrevistado favorável ao ocidente).
30	A notícia apresenta citações do Secretário de Estado americano John Kerry, contrastadas constantemente com contra-argumentos. A notícia é persuasiva, mas não apresenta elementos de benignidade, competência ou carisma direcionadas às forças sírias ou russas. Não trata de um evento específico, mas consiste em uma reportagem apresentando contra-argumentos persuasivos às declarações de Kerry, caracterizando assim uma comunicação estratégica. As duas fontes são abertas: Citações de Kerry, e entrevistas com civis contestando as declarações do secretário.
31	A notícia retrata uma operação de evacuação de militantes e familiares, fiscalizada por militares sírios e autoridades russas, sugerindo benignidade. Para além disso, a notícia meramente relata os fatos sem mais comentários. Notícia neutra. A notícia procura esgotar e preencher vácuos de informação relativos a um evento específico, caracterizando comunicação diária. A notícia possui duas fontes fechadas. A presença de comentários sobre os equipamentos de drones e sistemas de vigilância e segurança russos sugerem certo nível de competência.
32	A notícia relata uma violação dos termos de acordo de evacuação feito entre as autoridades sírias e os rebeldes evacuados - que tentaram levar consigo armamento pesado (em oposição ao armamento leve tolerado), assim como militantes de oposição capturados pelas forças sírias (que seriam libertos após a evacuação dos rebeldes soltos). Tiros e batalhas podiam ser ouvidos na região. Relatos de ataques de militantes a ônibus de evacuação. As fontes de todas as informações são fechadas, com exceção da repórter correspondente. Os fatos são apresentados de forma a inferir culpa dos militantes, indicando persuasão. A notícia procura esgotar um acontecimento específico, preenchendo possíveis vácuos de informação, caracterizando assim uma comunicação diária. Apesar de a notícia culpabilizar os opositores, não é absolutamente claro o fato de ser uma notícia favorável, visto que os fatos podem estar dispostos da forma relatada, mesmo consistindo em uma possível persuasão - ou seja, não há nenhuma acusação explícita, ou elemento de atração positiva em relação às forças sírias ou russas. Desta forma, consideramos aqui a notícia como neutra, apesar de o fato ser, naturalmente, debatível.

33	Críticas às posições apresentadas pela mídia ocidental tradicional. A notícia também reitera que a oposição quebrou os termos do acordo de evacuação. Entrevista com especialista favorável. Fortes elementos de persuasão, bastante críticos à oposição. Notícia favorável. A apresentação repetida dos rebeldes como bárbaros e mal intencionados sugere a benignidade das tropas sírias que viriam para liberar os civis das áreas controladas pelos militantes. Os fatos são apresentados com racionalidade e persuasão. A notícia não cobre um evento específico mas é orientada por uma temática observável, configurando uma comunicação estratégica.
34	A notícia apresenta declarações de uma jornalista canadense crítica da posição ocidental. A jornalista diz que se sua posição se alinha com a Russa, é porque ambos dizem a verdade. Entrevista prolongada e bastante crítica ao ocidente, assim como favorável às forças de governo. A fonte é aberta. Elementos de persuasão são predominantes na entrevista. Não há elementos de benignidade, competência e carisma notáveis. Notícia favorável. Não trata de um evento específico do dia-a-dia, mas é uma reportagem orientada por uma temática e direcionada estrategicamente, configurando uma comunicação estratégica.
35	Elementos de competência estão presentes nas entrevistas, com a fonte (aberta). A competência das operações russas e sírias é evidenciada o suficiente para tornar a notícia favorável, mesmo que as declarações e fatos sejam apresentados sem muitos comentários por parte do editorial. A reportagem não cobre um evento específico, mas trata de uma temática de forma estratégica, configurando comunicação estratégica.
36	Várias entrevistas de fonte fechada com civis sugerem benignidade. Entrevista aberta com um editor de rádio crítico do ocidente e apoiador do governo. A notícia é em geral favorável à posição russa. Há elementos de benignidade, sem elementos de competência e carisma. A grande quantidade de entrevistas e relatos de civis apoiando o governo e comemorando a retomada de Aleppo é indicativa de uma notícia favorável.
37	Entrevista com ex MP Britânico e com um acadêmico da Universidade de Sydney. Os fatos apresentados tendem a condizer com as versões russas, mas não podem ser enquadrados enquanto favoráveis - não apresentam elementos de benignidade, competência, carisma, persuasão e nem mesmo elementos de parcialidade exógenos à teoria. Os entrevistados não buscam convencer o leitor de qualquer ponto, mas apresentam as problemáticas referentes à situação síria e de Aleppo de uma forma relativamente neutra. Entretanto, o contexto geral das posições russas e do RT tendem a sugerir que a reportagem existe enquanto um fragmento de comunicação estratégica, pois os fatos são apresentados de forma condizente com as versões russas, principalmente em relação à quebra de acordos de evacuação por parte das forças rebeldes, ataques aos ônibus de evacuação, etc.
38	A notícia busca cobrir declarações de Israel acerca de suas intenções de tratar civis não combatentes sírios. A notícia é em geral neutra, os únicos elementos de benignidade presentes não são direcionados à Rússia nem Síria. A notícia em geral só busca retratar as declarações e intenções oficiais de Israel em relação ao tratamento de civis de Aleppo em seus hospitais. É basicamente um retrato de um posicionamento de Israel, e busca cobrir um acontecimento do presente, mesmo que de forma relativamente neutra. Pode ser, por esse motivo, considerado uma comunicação diária <i>ex ante</i> (presumindo a hipótese de diplomacia pública)
39	A notícia relata a primeira neve na cidade de Aleppo após a retomada quase total pelas forças de governo. Elementos de atração positiva e persuasão não estão presentes. A notícia meramente faz o cobertura de um fato relativo à cidade. Notícia neutra.
40	Notícia apresenta um relatório das Nações Unidas sobre um ataque a um comboio humanitário ocorrido meses antes. De acordo com o relatório, o ataque foi mais provavelmente realizado por forças do governo ou favoráveis ao governo. Entretanto, o próprio relatório declara não ter evidências de intencionalidade. O relatório é apresentado de forma relativamente neutra. Não há elementos de atração positiva na notícia, mas apresenta declarações de inocência russas e sírias. Notícia neutra. No contexto de uma atuação de diplomacia pública, a notícia seria enquadrada enquanto comunicação diária.

41	Segunda notícia sobre o ataque ao comboio. Entrevista com um ex-membro da força aérea americana (Karen Kwiatkowski), onde essa diz que a declaração de que o ataque foi "uma acidente" no relatório é um prelúdio à descoberta dos reais responsáveis. A entrevistada sugere que as dificuldades em encontrar evidências sugerem que os reais culpados talvez sejam os americanos, visto que todas as informações russas foram apresentadas, enquanto os americanos não desclassificaram informações pertinentes para a investigação. A entrevista em geral sugere participação americana. Elementos de persuasão são bastante presentes. Pelas razões apresentadas, a notícia pode ser considerada favorável.
42	A notícia não trata especificamente do caso da retomada de Aleppo, embora a cidade seja citada e o caso ocorrido seja localizado na mesma província. A notícia relata um vídeo do Estado Islâmico, onde dois prisioneiros turcos são queimados vivos. Para além de retratar o caso, a notícia não possui elementos de atração positiva ou persuasão, e é em geral neutra. Em um contexto de diplomacia midiática, a notícia seria uma cobertura de comunicação diária. Ao final da notícia, cita-se uma declaração prévia de Erdogan, onde este teria dito que o objetivo de uma operação turca no sul da Síria seria combater al-Assad, mas o presidente turco retrocedeu a declaração após ser confrontado por Moscou.
43	A notícia relata que Aleppo está agora sob total controle do governo. O entrevistado é favorável aos interesses russos. A matéria não tem elementos de benignidade, competência ou carisma notáveis, mas o entrevistado apresenta argumentos de natureza persuasiva e críticos da administração e políticas americanas. A inclinação do entrevistado e seus argumentos persuasivos estão presentes o suficiente para que a notícia assuma uma forma favorável. Como o entrevistado é identificado, a fonte é aberta. A notícia cobre um evento especificado, "a retomada de Aleppo", de forma que busca preencher vácuos de informação, caracterizando uma comunicação diária.
44	Notícia sobre uma ligação entre al-Assad e Putin, onde o primeiro agradece o presidente russo pelo apoio. Com a cidade de Aleppo totalmente sob controle do governo, a notícia exalta o papel de oficiais de governo e experts russos em lidar com dispositivos explosivos e reconstruir a infraestrutura da cidade, sugerindo competência. A notícia também enaltece o papel russo no que tange a esforços humanitários, sugerindo benignidade. Não há nenhum elemento notável de persuasão. A notícia busca cobrir um acontecimento específico do presente, caracterizando uma comunicação diária. Notícia favorável.
45	A notícia relata o envio de tropas russas a Aleppo - de acordo com a notícia, para a segurança da estrutura humanitária e esforços de estabilização, assim como desarmamento de bombas. A notícia enfatiza os esforços humanitários do governo sírio e russo (benignidade), com elementos de competência ao citar a expertise russa no processo de remoção de artefatos explosivos. Os elementos de benignidade e competência são fortes o bastante para sugerir uma notícia em geral favorável. A notícia cobre e justifica um evento específico, mais especificamente uma medida de política externa, desta forma configura uma comunicação diária.
46	A notícia retrata o primeiro natal celebrado abertamente em Aleppo em mais de 4 anos. Possui várias entrevistas com civis, inclusive crianças, o que sugere benignidade (libertos dos rebeldes). A competência síria e russa é exaltada ao citar o sucesso das operações humanitárias de evacuação (competência). A notícia cobre o natal, um evento específico, mas não um evento de natureza política, de forma que as temáticas são organizadas de forma estratégica, e não visando preencher um vácuo de informação particular, ou reiterar uma posição ou interesse oficial.
47	A reportagem é uma coleção de declarações de diversas autoridades religiosas, em certa medida comemorando a paz em Aleppo. Algumas autoridades ortodoxas expressam opiniões extremamente críticas ao ocidente. A reportagem toda perpassa a noção de uma Aleppo agora livre graças às forças de governo, com civis agora em paz (benignidade). Algumas declarações são persuasivas. A matéria cobre um evento específico, mas não político. As informações são entretanto apresentadas de acordo com uma temática de libertação, o que sugere uma comunicação estratégica.